This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
S5836
es

A 467087 DUPL

LIVRARIA
ECLÉCTICA
C. do Combro, 58
Tel. 2 8653 — LISBOA

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
ARTES SCIENTIA VERITAS

897-224

O ESPECTRO.

O ESPECTRO

OU

A BARONEZA DE GAIA,

POEMA

De Jose Maria da Costa e Silva.

Qual debbe esser il cuor d'una donzella,
Che tutta gentilezza e leggiadria,
E parimente gratiosa, e bella
Al giuditio comun tenuta sia,
Se il padre iniquo per sua sorte fella
La dona in preda à una persona ria,
La qual, s'havesse o corno in fronte ed ale,
Sarebbe peggio assai ch'uno animale?

(Bernardo Tasso, *Amadiggi*, canto LV, st. I.)

EM PARIS,
NA CASA DE GUIRAUDET E JOUAUST,
RUE SAINT-HONORÉ, 315.

1838

869.8
S583[illegible]

PROLOGO.

—

Ahi vai mais hum romance antigo trajado á moderna e escolhido entre o grande numero delles, com que nos embalaram e adormeceram no berço.

Estes romances, imitados do Hespanhol, sam hum verdadeiro phenomeno na literatura portugueza. Ignora-se quem os escreveo, e em que tempo; em parte nenhuma apparecem impressos, e a pesar disso, como os poemas d'Ossian na Escocia, depositados na memoria, e cantados pelas mulheres, tem-se conservado athe ao presente; e corrido o Reyno, e conquistas, pois a senhora, de quem recebi alguns, que possuo, os havia aprendido de sua may em Goa, d'onde era natural.

Por todos cantarem estes romances pela mesma musica, pela qualidade e semelhança de linguagem que em todos reina, pela simplicidade de colorido, e desleixamento de metro, e gosto de rimas, facil he de julgar, que aquellas composições sam todas da mesma mão. Seria porem muito dificil o averiguar e decedir se os assumptos delles sam historicos, ou de imaginação; e no primeiro caso, em que parte da Peninsula tiveram lugar esses successos, em que tempo, e athe que ponto se acha nelles a verdade alterada com os adornos poeticos.

Si houvesse de expender a minha opinião sobre objecto tão abstruso, e de tão difficultosa elucidação, diria que as aventuras, que deram materia a estas xacaras

populares havião sido successos acontecidos nos solares dos ricos homens dos tempos feudaes, de que a historia, começada a escrever tantos seculos depois, e occupada so com os successos publicos, não fez mensão, mas que se conservaram na memoria do povo, sempre prompto a tomar interesse por todos os acontecimentos tragicos, especialmente quando se accompanham de hum ar de meravilhoso. Isto he huma supposição, mas que me parece verosimil.

Este que appresento agora ao publico, ja foi tractado pelo Sr Garret, que lhe deu toda a belleza, e atavios, que heram de esperar do author de Camões, de D. Branca, e de Adosinda, a cujo genio tributo a mais sincera admiração, e de certo, si o meu fim fosse compor hum romance para musica, teria largado mão deta empresa, bem capacitado, de que não faria mais do que elle; porem como o assumpto se me offereceu debaixo de outro ponto de vista, julgueique, reduzindo-o a hum poema, não poderia com justiça ser tachado de emulação, ou de concorrencia, que não pode dar-se em composição de caracter tão differente.

Consta-me que hum erudito magistrado dissera depois de ler a heroina de Aragão : « Gosto muito deste poema ; mas gostaria inda mais si não lhe faltara a rhyma ; versos soltos não me parecem versos. »

Para satisfazer o gosto deste cavalheiro, e de outros que professam o mesmo credo litterario, resolvi escrever este poema em outavas, que he a combinação rythmica, que elles julgam mais sublime, talves sem mais razão que estarem costumados a ouvir gemer em outavas a bella Castro, suspirar Hermina, e trovejar Adamastor.

Talvez por que na minha infancia li Virgilio e Homero antes que chegasse á minha mão hum unico poema vulgar, comfesso, que por mais diligencia, que tenho feito para isso nunca pude descobrir o motivo do praser que certas pessoas emcontram na rythma? Será a dificuldade vencida? Mas em huma lingoa tão abastada e opulenta como a nossa, que dificuldade pode ter hum homem bem versado nella em achar clausulas simuldesinentes para exprimir as suas ideas? e si ha tanta dificuldade em escrever assim, como poderam Berni, Pulci, Bernardo Tasso e Marini, escrever tão difusos e estirados poemas? como poude Francisco Bracciolini publicar doze epopeias tão longas como a Iliada?

He por que a rythma que, segundo a expressão judiciosa do doutor Antonio Ferreira «com som leve o juizo engana, supre muitas vezes a idea»; e quando huma estancia fecha bem, o leitor aturdido com aquelle som, não repara na frialdade, e defeitos, que se emcontram no todo della. He verdadeiramente como hum veo muito rico, e mui bordado, lansado sobre o rosto de mulher feia, que não deixa ver a deformidade de suas feições.

Desenganemo-nos; os versos rythmados não sam mais dificultosos, que os soltos; sam pelo contrario mais faceis; he por isso que os poetas habituados a metrificar sem rythma compoem optimos versos rythmados, e pelo contrario os habituados a rythmar não sam capazes de fazer com versos soltos, que possam ler-se (1), ah! si

(1) Quem duvidar disto coteje os versos rymados de Bocage com os versos soltos de Antonio Diniz, que todos reconhecem como grandes poetas, e achará que os do primeiro sam excellentes, me-

fossemos tirar a rythma a certas composições muito estimadas, quantas Alcinas tão bellas, tão seductoras pareceriam velhas, decrepitas, que fariam fugir de nojo os seus admiradores! (1)

Sera por ventura o deleite da harmonia?... Mas que harmonia pode emcontrar-se em ouvir hum som tres vezes alternado, e no fim duas badaladas unisonas? e si esta afectação e monotonia se faz sentir em poesias de pequena estensão, quanto não sera ella mais insoportavel na epopeia, em que a narração he obrigada a interromper-se continuamente, fechando-se em clausulas de igual duração?

Quanto pelo contrario não parece mais deleitosa a musica do verso solto, que sujeita a hum tom fundamental se reproduzem mil variações, se demora, ou se precipita, sempre a mesma, e sempre diferente? O celebre poeta inglez Young a comparou com as corren-

---

lodiosos, sem que a ryma perjudique a exactidão, e sem que para armar ao consonante lhe seja necessario recorrer a palavras occiosas, que vulgarmente chamamos *cunhas;* e que os versos soltos de Diniz exceptuando o Hyssope, em que o estilo jocoserio desfarça o prosaismo, sam peiores que os de José Daniel. Ainda mais, este homem que com o soccorro da ryma compoz odes pindaricas tão sublimes, e odes anacreonticas tão bellas, sahiu-se com huma ode em versos soltos á conceição, e derigiu outra a Garção, que qualquer mau versejador não dezejaria que lhe attribuissem.

(1) Boa prova sam disto alguns poemetos, que o celebre lyrico italiano Gabriel Chiabrera escreveu em verso rymado e traduziu depois em versos soltos; do primeiro modo parecem bellos, do segundo não podem ler-se. Para entender-se esta alusão á Alcina leia-se o Orlando furioso de Ariosto.

tes do ar, e com a ondulações do Oceano, sendo na opinião deste grande genio hum grave defeito da traducção de Homero por Pope, o ser feita em versos rymados. Depois da alma de Homero (diz Young) ter apparecido entre nos no estro de Milton, não pode ter desculpa alguma Pope por haver afeminado Achyles desfigurando-o com roupas barbaras. Os versos do traductor inglez sam como o heroe do poema, que traduzio, recebem a morte pelo calcanhar. »

Deixemos pois rimar os Francezes, a quem a indole peculiar da sua lingoa não permite fazer versos soltos : *c'est aux boiteux à marcher avec des béquilles ;* mas nós, mas os Italianos, e Hespanhões, que fallamos dialectos latinos, que temos huma prosodia accentuada, e harmonica, deixemos essas soalhas gothicas, ou mouriscas (barbaras de certo), e versifiquemos como aquelles de quem herdamos hum idyoma poetico. O Goffredo, e os Lusiadas não agradam pela ryma, mas apezar da ryma.

Este novo romance não appresenta hum quadro tão grandioso, e variado como o de Emilia e Leonido : he huma espece de tragedia narrativa, e tragedia da escolla de Alfieri, sem episodios, nem comfidentes. Os actores sam poucos, e colocados entre a desesperação e a morte ; o meravilhoso he de hum caracter lugubre e severo ; em harmonia com o assumpto, e com as ideas supersticiosas da edade media ; a marcha da acção he rapida, as paixões vehementes, e exaltadas, caracter constante della em epocha de civilisação imperfeita em que a força ainda relucta contra o freio das leys, e de hum estado regular de sociedade.

He claro que em hum poema deste caracter pouco

lugar se offerece para poesia descriptiva alardear a pompa e colorido brillante do seu pincel, e alargar-se em digressões. Apezar disso não deixei de empregalla todas as vezes que para o fazer tive emsejo, como pode ver-se pela pintura do Salão judiciario, do Enterro, do Combate singular, e da Cappella funebre: procurei alem disso alegrar a austeridade do assumpto ja amiudando ás comparações, ja com os preambulos dos cantos. Escrevendo em verso rimado, procurei quanto pude imitar o estillo dos nossos antigos epicos, o seu tom, e as suas maneiras. Não digo que o conseguisse plenamente, mas trabalhei quanto possivel para isso.

Este poema, vai, como os outros, que tenho dado á luz, accompanhado de hum poemeto, obra dos meus primeiros annos; faço esta declaração para responder antecipadamente aos que julgarem o seu colorido demasiado vivo para hum homem da minha edade.

Não sei si *o Espectro* emcontrará no publico a mesma benevolencia, e accolhimento, que emcontraram a Emilia e Leonido, e a Heroina de Aragão; que o dezejo he escuzado dize-lo; qual he o author que se abalansa a imprimir sem a esperança de grangiar louvor? Algum espero eu obter por esta obra, não por que a considere com grandes belezas, mas por ter o caracter nacional: quanto ás censuras que se me fizerem podem ficar seguros os criticos, de que não me hão de tirar o somno, e de que responderei a todas com a seguinte anedocta extrahida das obras de hum poeta hespanhol, e nosso comtemporaneo:

« Todo el mundo sabe que los tambores y las mugeres nò pueden tener en la mano quietos ni el aba-

» nico, ni las baquetas. Succedio pues que una tarde, » frente de un cuartel, estaba un tamborcillo junto a una » ventana baja, en cuyos hierros se puso repiquetear una » marcha redoblada, con pe rfecto compás, y resonante » modulacion de *taus*, *raus*, *taraus*, y *plaus*. Un grave » letrado, habitante del cuarto, salio cholerico a la reja, » griteando: Picaru lo, eso está muimal hecho.—Alo que » el chico, alargando-le las baquetas, solo le replico. » Pues, senor, tome umd, y thragalo umd mejor! »

(*D. Joseph* VIRUES Y SPINOLA.)

BERNAL FRANCEZ,

ROMANCE ORIGINAL.

PARTE I.

» Quem bate a minha porta?
» Quem bate? quem esta hi?
— Sou Bernal Francez, senhora,
— Vossa porta vinde abrir.

» Si he Bernal Francez quem bate,
» Minha porta vou abrir;
» Mas si he outro cavalleiro,
» Bem se pode dahi hir. »

Ao descer da minha cama,
Se rompeu o meu fraldim,
Ao descer da minha escada
Me cahin o meu chapim.

Calsei-o sobresaltada,
Toda tremenda desci,
E ao abrir da minha porta
Apagaram meu candil.

Eu lhe peguei pela mão,
Levei-o ao meu jardim,
Fiz lhe huma cama de rosas
Rodeada de jasmim.

Lavei-o em agoa cheirosa
D'Alfazema e Alecrim,
Enxuguei-o em fina hollanda
E deitei-o a par de mim.

PARTE II.

Meia noite era ja dada
Sem voltar-se para mim,
E eu de amores suspirando
A dizer começo assim :

« Que he isto Bernal Francez ?
» Que tens hoje contra mi ?
» Meia noite ja he dada
» E frio te vejo asi ?

» Naõ creias lingoas danadas,
» Si disseram mal de mim,
» Si temes os meus irmãos,
» Elles não virão aqui.

» Si temes as minhas filhas,
» Não estam agora aqui;
» Si temes os meus criados,
» Elles não virão ahi.

» Si temes a meu marido,
» Longas terras jaz de mim,
» Mas punhaladas o matem,
» Mas novas venham a mim. »

— Eu não temo os teus Irmãos,
— Pois cunhados sam de mi;
— Não temo as tuas filhas
— Por que Filhas sam de mi :

— Não temo os teus criados,
— Pois criados sam de mi;
— A teu marido não temo,
— Pois está a par de ti.

» Si tu es o meu marido,
» Quero-te mais do que a mi :
» Oh que sonho tão estranho
» Que eu agora tive aqui ! »

— Deixa tu vir a manhaa
— Que eu te darei que vestir
— Com que muito accompanhada
— A igreja deves hir.

— Levaras saïa de gram
— E gibão de carmezi,
— Gargantilha de cutello,
— Pois tu o quiseste asi.

PARTE III.

» Quero ir por ahi abaixo
» Có a minha capa cahida,
» Vou-me ver a minha amada
» Si he morta ou si he viva. »

— A tua amada, senhor,
— He morta que eu bem a vi,
— Os sinaes que ella levava
— Eu tos digo agora aqui.

— Levava saïa de gram
— E gibão de carmezi,
— Gargantilha de cutello
— Tudo por amor de ti.

— O esquife que a levava
— Hera de ouro e de marfim,
— Tochas que a accompanhavam
— Não tinham como nem fim.

— Ella se foi a enterrar
— Na igreja de São-Gil.
« Corro la que ali com ella
« Quero sepultem a mi. »

PARTE IV.

« Abre te, o campa sagrada,
» Para meu corpo cubrir. »
E da campa huma voz meiga
Começa a dizer asi :

— Vive, vive, cavalleiro,
— Vive tu ja que eu morri;
— Braços com que te abraçava,
— Ja não tem vigor em si ;

— Olhos com que te mirava
— De terra ja os cobri;
— Boca com que te beïjava
— Ja não tem calor em si.

— De ti ja mais nada quero,
— Senão que rezes por mi
— E que conserves saudades
— De quem ja morreu por ti.

— A mulher com quem cazares
— Chame-se Anna, como a mi;
— Talvez tenha mais belleza,
— Não tanto amor como a mi ;

— Filhas que della tiveres
— Ensina-as melhor que a mi;
— Que se não percam por homens
— Como eu me perdi por ti.

—

O ESPECTRO

OU

A BARONEZA DE GAIA.

CANTO I.

Lassa, io non ho meritato
Che m'abbandoni, mio gentil amante.
Dove lasci il cuor mio si consolato?
Tu mi discevi sempre esser costante.

(PULCI, *Morgante*, canto IX, stanza X.

I.

Musa, outra vez a nevoa penetremos,
Que os séculos passados acoberta,
Das épochas feudaes interroguemos
A incerta tradicção, a fama incerta:
Hum caso lastimoso á luz tiremos,
Que nos sensiveis corações desperta
Assomos de piedade e de terrores
Unindo o som da morte ao som de amores.

II.

Outros da Adulação sobre os altares
Queimem incensos aos heroes presentes,
Chamem seus feitos altos, singulares,
Magnanimos, sublimes, excellentes;
Que nunca ham de occupar nossos cantares
Tão abjectas, servis, corruptas gentes,
Cujo renome e gloria exagerada
He pouco áos olhos da razão, ou nada!

III.

Mas ja tacteas a sonora lyra,
Ja lhe casas a voz que branda soa,
Qual sopro de favonio que suspira,
Quando entre as rosas de um jardim revoa:
Mais tardo o arroio pelos prados gira,
O plumeo povo por te ouvir não vôa,
E desta fonte as Nayadas em tanto
Das agoas surgem mal rompeu teu canto.

IV.

E tu, que la nessa Paris famosa,
Soberba capital da Gallia opima,
Philosophica vida e bonançosa,
CAMPOS, vivendo estaz em melhor clima
Longe desta Ulyssea procellosa,
Que os lavores pierios pouco estima,
Onde torpe Ambição, e infame Intriga
Honras grangea, e có poder se abriga;

V.

Entre hum povo protheo, que a historia mostra
Indole variando a cada instante,
Que ora as hostes de Cesar fere, arrostra,
Ora a toga romana enverga ovante,
Que ja servil a hum despota se prostra,
Ja se banha no sangue do imperante,
Druidico, christão, religioso,
Hereje, atheo, fanatiço, e piedoso;

VI.

Ora cavalheiresco, inquieto, e bravo
Só combates, e gloria respirando,
Ora como Oriental, ao luxo ignavo,
E a volupia seus cultos tributando;
Da liberdade amante, e sempre escravo;
Artes, lettras, sciencias cultivando;
Affavel, hospedeiro, urbano em trato,
Avarento, sem fé, e sempre ingrato;

VII.

Nessa terra, que o sangue purpurea,
E onde a recordação de enormes crimes
Có a lembrança continuo se emcadea
Das virtudes mais raras, e sublimes;
Pois tanto a Elysia Musa te recrea,
E d'amparo lhe dar jamais te eximes
Acolhe este romance, que a ti deve
Azas do typo com que o voo eleve.

VIII.

Hade aprazer-te, creio, ao lar sentado
Nas longas noites de tão frio inverno
Do amigo trovador accompanhado
Da harpa nacional o meigo, e terno
Romantico cantar.... mal concertado
Embora seja!... com prazer interno
Sempre os sensiveis corações salteia,
Ouvir cansões da patria em terra alheia!

IX.

Assim narram que os Atticos captivos
De Syracusa nas profundas minas,
Sem esperanças de sahirem vivos
Dessas amplas prisões, negras ruinas,
Da patria recordando compassivos
Sol puro, ar livre, e festas peregrinas,
De Euripedes os versos descantavam,
Com que as dores do exilio adormentavam.

X.

Euripedes não son!... porem meu canto
Faz renascer da prisca Lusitania
As tradições que ao Lethes dera ha tanto
Do tempo edaz a deslembrada insania.
Assim quando emvolvida em croceo manto
Surge no Oriente a mui gentil Titania,
Solta tibio clarão, que mal descobre
Objectos, que na sombra a noite encobre.

XI.

Se mais propicia me sorrisse a sorte
Quando em todo o fervor da verde idade,
Aspirei, desprezando o tempo, e a morte,
Meu nome consagrar á eternidade,
Talvez cantára do indico Mavorte
A constancia, a prudencia, a heroicidade,
E por mim de Albuquerque a clara fama
O seu Camões pouco invejara ao Gama.

XII.

Mas quem viu rouxinol trinando amores
Entre os bramidos da horrida procella?
Ameno dia, fontes, prado em flores,
Os filhinos a esposa, que os desvela,
Para cantar requer! si entre os favores
De Augusto e a influxo de benigna estrella,
Maro celebra heroes que o Tybre adora,
No exilio Ovidio só lamenta, e chora.

XIII.

Vai alta a noite, e as lucidas estrellas
Dam ao seu manto ornato e galhardia,
Como ao verde vergel as flores bellas,
A quem o orvalho da manhãa rocia!
Lindas flores do ceo, tambem como ellas
Haveis murchar, haveis cahir hum dia,
E as trevas, seus direitos recobrando,
Pouzar nos polos, em que estaes brilhando!

XIV.

Dorme o mar, dorme o vento, empoleiradas
As avezinhas á cabeça accoutam
Com o abrigo das azas nas ramadas
Que de Bóreas os sopros não açoutam.
Somente pela fome estimuladas
Aves nocturnas a vagar se affoutam
A presa demandando athe que assome
De Phebo a luz que em seos covis as some.

XV.

Do castello de Gaia então nos muros
Não brilha huma só luz, e não se escuta
Hum só passo, huma voz pelos escuros
Atrios que com seu manto a noite emluta;
Pagem, e servos de temor seguros
Dormem, e todos.... todos não! que lucta
D'impaciencia e dezejos agitada
Huma bella em seo leito reclinada.

XVI.

Qual o objecto será dos seus cuidados?
Acazo o esposo, o rispido Olderico,
Que partiu de manhãn com seus soldados
A atacar em Lamego o Mouro inico,
Para em breve voltarem carregados
De viçosos laureis e espolio rico?...
Não a inquieta o marido estar distante,
Mas a tardança do extremoso amante.

XVII.

Como Hero outrora quando o facho erguia
Na torre excelsa, em que encerrada geme,
E os olhos pelo estreito destendia,
E si o mar ruge, ou sopra o vento, treme,
Porque o medo Leandro lhe fingía
Soçobrando no pélago que freme,
Mas cobra novo alento, e se esperansa,
Si no pego e no ar sorri bonança;

XVIII.

Tal a nobre Clotilde, a linda esposa
Do suberbo barão senhor de Gaia,
Nos extremos de terna e receosa,
Humas vezes se anima, outras desmaia;
Treme si pensa que rival ditosa
De Ramiro os excessos lhe destraia,
Anima-se si amor lhe diz no peito
Que em tal heroe não cabe hum tal defeito.

XIX.

« Mas porque tanto tarda (ella discorre),
» Porque não voa em azas da ternura
» Aos braços de quem chama, e arde, e morre
» Por elle, em quem cifrou toda a ventura?
» Minha carta o chamou, e elle não corre?...
» Não o ampara o favor da noite escura?
» Não sabe ausente o barbaro consorte?...
» Oh! excalá que os Mouros lhe dem morte!... »

XX.

Dura expressão em labios de huma esposa!
Impia talvez alguem lhe chamaria!...
Mas se eu julgasse esta infeliz formosa,
De certo o seu furor desculparia.
De hum pay injusto a alma ambiciosa,
Quando o seu coração por outro ardia,
A uniu á força a hum barbaro insolente,
Por ser grande senhor e ser valente.

XXI.

Mas que importa ser rico e poderoso
Quem, ja no declinar de verde idade,
Junta a rosto deforme e temeroso
Modos brutaes, nativa crueldade?
Só affectos inspira o que he formoso,
Nem rende o coração de huma beldade,
Despida de brandura e cortezia,
Por mais que seja heroica, a valentia.

XXII.

Mas si homem tal por força fez consorte
Quem tinha outronde a liberdade presa,
Com que rasão se queixa si ella a morte
Lhe dezeja, o offende, ou si o despresa?
Concedo que a virtude he muito forte,
Mas raro pode mais que a natureza,
E si acaso hum tyranno he afrontado,
Sofra que de seu mal foi o culpado.

XXIII.

E vos, oh pays insanos, si merece
De pay o tão sagrado e doce nome,
Quem por orgulho, ou sordido interesse,
Que virtude ou razão não ha que dome,
Dá a filha innocente, que estremosa,
Que de amor delirando se consome,
A hum Cresso, a hum vil Sejano, e á um cavalleiro
Honesto a rouba que ella amou primeiro;

XXIV.

Ja que tanto abusaes de authoridade
Que vos confere a lei e a natureza,
Que assoberbando a alheia liberdade
Traficaes cós encantos da belleza,
Por que dessa fatal barbaridade
Não colhaes fructos de horrida aspereza,
A deshonra, a vergonha, na memoria
Impremi de Clotilde a infausta historia.

XXV.

Hum pouco adormecera a linda dama,
E entre sonhos o leve pensamento
Lhe finge que de bosque ameno a chama
Da voz do seo Ramiro o noto accento.
A elle corre, e: « Oh meu Ramiro! » exclama
Embevecida em vão contentamento,
Toma-lhe a dextra, que une ao peito brando,
Lagrymas de alegria derramando.

XXVI.

Mas subito em lugar do terno amante
Em fronte emcontra hum tigre pavoroso,
Dá hum grito, e com passo vacilante
Tenta fugir do monstro furioso;
Elle a persegue, e o bosque circumstante
Atroa com rugido temeroso;
Sente Clotilde o peito penetrar-lhe
Garras da fera; e o coração rasgar-lhe.

XXVII.

Em gelido suor toda banhada,
E a linda face de palor coberta,
Clotilde despertou sobresaltada
Gira sem nada ver a vista incerta;
Dor, que imita a da morte, despiedada
Com ferrea mão o coração lhe aperta,
Fallar não pode, tem calor, tem frio,
Seus olhos sam de lagrymas hum rio.

XXVIII.

Tal Niobe, que os filhos mortos vira
Pelas settas de Apollo e de Diana,
Porque ja com Latona competira,
Da prole sua loucamente uffana,
Nelles fixos os olhos, não suspira,
Não geme, não se move, a forma humana
Perdendo vai, e em marmore tornada,
Parece estatua per cinzel lavrada.

XXIX.

Sonhos julga o phylosopho chymeras;
Creu em sonhos a douta antiguidade,
E nas passadas e modernas eras
Sonhos tem sido annuncios da verdade.
Foram do acaso jogos? ou de veras
Talvez a compassiva divindade
Aos homens desse modo quereria
Da desgraça avizar, que lhe impendia?

XXX.

Torna Clotilde em si, e diz magoada:
« Que mal me agoura o coração presago?
» Qual a fera será, que despiedada
» Faz em meo coração tamanho estrago?
» Sei que foi illusão, que foi sonhada
» Mas do peito opprimido não apago
» Viva, inefavel dor, que me desvella,
» E nas veias o sangue me enregella. »

XXXI.

Corre á janella, que abre! descortina
Dali o parque inteiro!... có a luz sua
Emvolta em densos veos froxo illumina
As massas de arvoredo a argentea lua;
Nellas rebrama o vento que amotina
De Juno o vasto imperio em guerra crua,
E scintilla o relampago que fende
A esphera, que de espaço á espaço accende.

XXXII.

Muito ao longe o trovão rouco rebrama,
Como das crespas vagas o bramido
Com que o mar empolando-se reclama
Em rochedo de musgo revestido :
Mas ventos nem trovoes escuta a dama,
Nem relampagos ve!... todo o sentido
Tem no parque empregado, onde investiga
Se aquelle vem que a suspirar a obriga.

XXXIII.

« Ramiro, e tardas? não vens? Bastara
» Ver-te a meu lado para estar segura,
» Tua amavel presença desterrara
» Do oppresso coração toda a amargura,
» Os terrores e os sustos deslembrara
» Nos suaves transportes da ternura.
» Mas, ai de mim! raro esse bem consigo,
» Eu que só vivo quando estou comtigo!

XXXIV.

« Mas Ramiro, que sempre pressuroso
» A hum leve aviso aos braços meos corria
» Hoje mostra-se tardo e descuidoso,
« Em quanto eu lucto em penas e agonia!
» Oh mal haja o destino rigoroso!
» Oh mal haja de hum pay a tyrania,
» Que insensivel e surdo á meus clamores
» Me caza á força, e rouba a meus amores!

XXXV.

» Que anxiedade cruel! que interno afogo!
» Ah! ninguem formar pode escassa idea
» Do vivo, ardente, inextinguivel fogo
» Que me devora, e mais e mais se atea!
» Porem sinto rumor!... he elle!... » E logo
Attenta escuta, o suspirar refrea...
Era hum mocho que tardo se pousava
Sobre um pinheiro, e tres gemidos dava.

XXXVI.

Clotilde de escuta-los estremece,
Lagrimas verte, languida suspira,
E exclama : « Justos ceos! tudo parece
» Que hoje em apavorar-me se conspira!
» A minha desventura inventa e tece
» Acazos com que o coração me fira,
» Como se não tivesse em meu cuidado
» Com que ser de sobejo atormentado.

XXXVII.

» De triste sonho imagem pavorosa
» A phantasia me enluctou primeiro,
» E com flebile voz e lamentosa
» Ouço agora piar mocho agoureiro,
» Espero desvelada e saudosa,
» Sem que elle chegue o amado cavalleiro.
» Quem sabe se avisar-me o ceo pertende
» De que a elle, ou a mim, desgraça impende?

XXXVIII.

» Ramiro se demora, a noite avança,
» Mas deste dista muito o seu castello.
» Ai! que terrivel, subita lembrança
» Inda mais sobresalta o meu desvello!...
» Para encurtar caminho tem de usança
» Transpor longo pinhal!.... se accomete-lo
» Nelle bandidos barbaros ousassem!...
» Se a preciosa vida lhe roubassem!

XXXIX.

Como o que vaga de viçoso prado
D'hervas e flores no matiz ridente,
E subito ante os pes vê levantado
O colo da escamigera serpente,
Que recua convulso, e descorado,
E para hum grito dar força não sente,
Tal Clotilde ficou quando lhe occorre
Que o terno amante assassinado morre.

XL.

» Que! possivel será (chorando exclama)
» Que de vil assassino a mão traidora
» Rasgasse o peito, que por mim se inflamma;
» E a quem minha alma ternamente adora!
» Que susto pelas veias se derrama!
» Eu fui da morte sua a cauzadora;
» Eu, que elle, ai triste! procurar viera,
» Que por salva-lo vezes mil morrera!

XLI.

» De certo morrerei!... não! não he crivel!...
» Eu me abandono á panicos terrores!
» A que me opprime agitação terrivel,
» Me enlucta a phantasia em taes horrores!
» Chamam vaidade futil e risivel
» Fé a agouros prestar os sabedores:
Que he pois hum sonho?... a mente alvoretada;
» De hum mocho o pio? que piou; mais nada.

XLII.

» Ai de mim! sou qual triste naufragante
» Que a mais debil raiz nadando afferra,
» Para sahir do pélago espumante
» Que o temporal levanta em serra, e serra:
» Tudo receo pelo caro amante,
» Seu sangue cuido ver regando a terra,
» Vou adrede mil duvidas tecendo,
» Que me desmintam quanto estou temendo.

XLIII.

Como hum astro funesto que annuncia
O furor de medonha tempestade
Que humas vezes se esconde e se anuvia,
Outras solta espantosa claridade;
Assim, Clotilde, em tua phantasia,
Que ora a julga illusão, ora verdade,
A imagem de Ramiro, que parece,
Ja se avigora, ja se desvanece.

XLIV.

Taciturna ficou por largo espaço
De bruços sobre o leito soluçando,
Athe que estremeceu, furtivo passo
Pelo corredor proximo escutando.
Ergue-se, o corpo appoia sobre hum braço,
O som que ouvira attenta devorando.
Assim solta dos labios hum suspiro,
E a porta dizem : Abre, eu son Ramiro.

XLV.

Como apoz de nimbifera tormenta
Parece vecejar mais lindo o prado,
E mais fragrancia e gala nos presenta
Nas flores, de que está todo adornado;
Mais os olhos nos prende, e nos contenta
O plumoso matiz do povo alado,
Mais doce, mais harmonica resoa
Cansão que o rouxinol saudoso entoa;

XLVI.

Assim, desvanecendo-se a tristeza,
Que nublava a Clotilde o lindo rosto,
Desprega toda a pompa da belleza
Scintilando de jubilo e de gosto :
« He elle! he elle! » exclama com viveza.
« Acabou meu temor, e meu desgosto;
» Voe-se ao caro bem! sua ternura
» Cifrada tem em si minha ventura.

XLVII.

O mente humana do futuro ignara!
Como facil a illude o que dezeja!
Obstaculos não vê e não repara
Em risco, por mais proximo que esteja!
Ah Clotilde infeliz! detem-te, para!...
Teme nas flores o aspide! não seja,
Si a porta abrires, tão cruel a sorte
Que por ella introduza o lucto e a morte!

XLVIII.

Mas ha hi voz que embargue hum desditoso
A' beira do medonho precipicio,
Onde o Destino austero, e despiedoso
Lhe tem marcado inevitando exicio?
Desça embora do Olympo luminoso
Para auxilio lhe dar anjo propicio...
Correrá á voragem que o devora
Como Clotilde vai correndo agora.

XLIX.

Do leito abaixo arroja-se ligeira,
E sua rica tunica bordada,
Ao voltar-se, não sei porque maneira,
De comprido farpão ficou rasgada.
Toma a luz, e correndo prasenteira
De hum chapim fica a planta desarmada,
Calsou-o, e quando alegre a porta abria
Em suas mãos a tocha se extinguia.

L.

Pelo amplo corredor pégão de vento
Embocou com horrisono bramido,
E a abobada parece ao som violento
Responder com hum flebile gemido;
Mas tanto de Clotilde era o contento,
Que em cousa alguma destas poz sentido:
O cavalleiro pela mão tomava,
Que sem diser palavra a accompanhava.

LI.

Assentou-se a seu lado, e carinhosa
Nos braços o cingiu como ao valente
A'lamo usa enredar vide frondosa
Com mil voltas de pampano virente.
E a cabeça encostando volupiosa
Ao seio do guerreiro, ao fogo ardente
Se entrega, que as entranhas lhe devora,
Terna suspira, e de alegria chora.

LII.

E elle como recebe estas caricias?
Como a tantos transportes respondia?
Outhorgar a hum mortal mores divicias
Certo, amor e belleza não podia.
Que em hum mar de suavissimas delicias
Se engolfa quem tem sizo julgaria!..
Não!.. elle as soffre immobil, e callado
Qual fria estatua ou tronco inanimado.

LIII.

Longo tempo assim fica athe que a dama
Do proceder insolito admirada:
« Que novo modo, o meu Ramiro (exclama)
» He este com que sou por ti tractada?
» Onde está tua viva, ardente chama?
» Assim he minha fè recompensada?
» Abraço-te, e a teu peito não me estreitas?
» Es ingrato, ou de mim terás suspeitas?

LIV.

» Suspeitas! de Clotilde? des que existe
» O mundo, amou alguem com fé tão pura?
» Que mostras, que palavras, que acções viste
» Por que possas arguir-me de prejura?
» Oh! si lingoa aleivosa acaso ouviste
» Callumniar minha fiel ternura,
» Juro que só te amei, que de igual sorte
» Só a ti amarei athe á morte.

LV.

» Mas tu nada respondes e estremeces!...
» Temes? mas de que nascem teus temores?
» O tyranno odioso que aborreces,
» Ausente deixa livres meus amores.
» Oh! praza aos ceos que em breve ouvir podesses
» Que o mataram os Mouros vencedores!...
» Meu duro captiveiro acabaria,
» E esposa de Ramiro então seria?

LVI.

» — Nunca o serás, oh perfida, traidora, »
Brada em pé o iracundo cavalleiro,
» Que a cabeça esta dextra vingadora
» Te hade dos hombros separar primeiro;
» A torpe gente que Mafoma adora
» Inda me não matou, que justiceiro
» Quiz o ceo que teu crime descobrisse,
» E que o vil seductor ea ti punisse!

LVII.

» Nescia! esperaste que silencio e treva
» Sempre occultassem tão nefando crime?
» Não! alma que se em torpe vicio ceva
» Da justa punição nunca se exime!
» Tarde ou cedo ella chega! então releva
» Que rompa da justicia a luz sublime
» O veo com que venal complicidade
» Encobria os misterios da maldade.

LVIII.

» E pois que unir-te ao teu indigno amante
» Tanto dezejas com paixão insana,
» Com elle te unirei quando a radiante
» Crastina luz rutile soberana:
» A festa nupcial has de hir brilhante
» Com gibão carmezi, saia de grana,
» Levando ao colo por enfeite bello
» Purpurea gargantilha de cutello. »

LIX.

Isto disse com tom irado e alto,
Mas Clotilde o que disse não ouvira,
Pois colhida em tal lance e sobresalto,
Sobre seu leito exanime cahira.
Bem como o Klippespringo a salto e salto,
Pelos picos do Cabo corre e gira,
Assim corre o barão desatinado,
E os servos chama com medonho brado.

LX.

Campanas toca. A tal rumor despertos
Vem os pagens com luzes concorrendo,
Outros accodem d'armas mal cobertos,
Desse alboroto a cauza não sabendo.
E ao topar o barão ficam incertos
Duvidando do mesmo que estam vendo.
Elle os conduz marchando a passo largo,
Onde a espoza jazia inda em lethargo.

LXI.

» Daqui (diz elle aos seus) levada seja
» E sepultem-na em carcere medonho,
» Escuro, subterraneo, onde não veja
» Entrar do dia o resplendor risonho.
» Ali gemendo e solitaria esteja
» Em quanto eu o supplicio lhe disponho,
» Corram outros e chamem meus soldados,
» Que no proximo bosque estam postados.

LXII.

Com voz medonha e cheia de asperum
Fallou, e os pagens de o ouvir tremeram,
Lançando mão da misera belleza
Ao barbaro mandado obedeceram:
E com ella nos braços com prestêza
Por escada extensissima desceram,
Abrem a grade, na prisão entraram,
E a triste em dura rocha reclinaram.

LXIII.

E depois que huma alampada accendiam
Na lugubre masmorra, silenciosos
Baixos os restos da prisão sahiam,
Sobre a ama lançando olhos piedosos!
Os olhos de Clotilde então se abriam,
Volve-os por toda a parte lacrimosos,
Recorda o cazo infausto, e novamente
Perde os sentidos dando hum ai pungente!

LXIV.

Hum ai que se perdeu na immensidade
Daquella subterranea, onde só mora
Com o mudo silencio, a soledade,
Insensiveis à magoa que a devora.
Oh inda ha pouco, o misera beldade,
Te circumdava turba aduladora,
E ora prãteas, desfulesces, onde
Ninguem te acode e ao teu gemer responde.

LXV.

Quando a Fortuna os miseros humanos
Victimas quer fazer dos seus furores,
De suas desventuras, e seus danos,
Para que os sintam mais, os faz authores.
Tal usou com Clotilde, que aos insanos
Impulsos de seus fervidos amores
Entregada, a Ramiro faz que escreva,
E que à sua imprudencia a morte deva.

LXVI.

Olderico partira quando Phebe
Hia espalhando os raios seus primeiros
Pela esphera que a negra irmãa de Erebo
Desampara fugindo os seus luzeiros.
Tinha ajustado có valente Alphebo
Com elle reunir-se e os seus guerreiros
Em hum pinhal antigo, e dilatado
A huma legoa de Gaia situado.

LXVII.

C'os seus ao aprasado sitio chega,
E como ali Alphebo não achara,
Alto manda fazer, e a mente emprega,
Meditando na empresa que intentara.
Clotilde, a quem amor violento cega,
Carta, mal o viu longe, preparara,
Que entrega ao seu Anão porque a levasse
A Ramiro, e em mão propria lha entregasse.

LXVIII.

Monta o anão em palafrem fogoso,
E como o accontecido não sabia,
Atravessar quiz o pinhal umbroso,
Que hum terço do caminho lhe abbrevia.
Olderico topou, que suspeïtoso
Lhe pergunta onde os passos dirigia.
O misero em desculpar não accerta,
Que o medo a descrição lhe desconcerta.

LXIX.

A suspeita ao barão se augmenta e cresce;
Ve-lhe a carta no cinto, e lha arrebata,
Abre-a, a lettra da espoza reconhece,
E he prodigio se a cholera o não mata:
A hum seu acceno, o servo, que esmorece,
Dos soldados por mão á hum tronco se ata.
A carta, no furor em que se accende,
Tez vezes lê, e nada comprehende.

LXX.

Alfim vendo patente ali da espoza,
A que nunca esperou deslealdade,
O novo frenezi de ira ciosa
Lhe irrita a natural ferocidade.
De vingança tomar jura espantosa,
Vingança que horrorise a humanidade,
Mil modos qual mais fero imaginava,
E aonde estava o anão se encaminhava.

LXXI.

Pallido jaz o triste, e sem alento,
Que sabe que o senhor nunca perdoa,
E ante elle está qual anho ante o cruento
Lobo que o bosque em uivos seus atroa.
Manda onde he preso á pinho corpulento
Que o cerque de arco armada huma coroa
De guerreiros, e diz-lhe em tom sanhudo
« Eu tudo sei, e quero saber tudo!...

LXXII.

» Vam subito mil settas traspassar-te,
» Si ja, e sem dobreza, não declaras
» Desta trama infernal, em que tens parte,
» Todas as circumstancias, que occultaras.
» De teu crime ao perdão, se bem reparas,
» Quero ainda este meio facultar-te,
» Falla, e já! ou senão... » E o desgraçado
Annue a tudo de temor cortado.

LXXIII.

De Clotilde e Ramiro referia,
Delle só conhecidos, os amores,
Que quantas vezes o barão sahia
A assaltar do Alcorão os seguidores,
Ramiro no castello introduzia
Da noite pelos tacitos horrores;
Que pelo parque entrar era costume
E da ama ao quarto caminhar sem lume.

LXXIV.

A tudo mais que seu senhor pergunta,
Resposta dá com vizos de sincera,
E com trémula vos quasi defuncta,
Indicio do terror, que concebera.
Mil supplicas, mil lagrimas ajunta,
Implorando o perdão do que fizera.
Manda solta-lo o rispido Olderico,
Que traçado já tem seu plano inico.

LXXV.

Apparta-se com elle: « Indigno servo, »
Lhe diz com tom feroz e desabrido,
« Por teu delicto perfido e protervo
» Devias ser nas chamas consumido.
» Mas por piedade a vida te conservo
» Quando provas me dês de arrependido.
» Jura pois, si evitar queres a pena,
» Tudo cumprir, que teu senhor te ordena.

LXXVI.

Tudo o servo juron e se obrigava
De noite a introduzi-lo no castello,
Na hora em que Ramiro costumava
Hir os fructos colher do seu desvello.
O Barão pelas sombras suspirava,
E era seu peito ardente Mongibello,
Cheio de odios, furores, e ciume
Em que todo se abrasa e se consume!

LXXVII.

Separa-se dos seus, e a passo lento
Do pinhal no mais denso se emmaranha,
E á margem de regato turbulento
Que se arroja de proxima montanha,
Senta-se abandonado a seu tormento,
Que ali na soledade mais se assanha,
Humas vezes gemendo, outras bramando,
Todo o ar com queixumes atroando.

LXXVIII.

Porem aos brados seus, e aos seus gemidos,
Só responde do rio a queda undosa,
Que em rochedos de musgo revestidos
Se despenha com furia estrepitosa;
Só respondem os ventos desabridos
Das arvores rompendo a coma undosa,
E as aves que no ar girando voam,
E com dissono pio o bosque atroam.

LXXIX.

Então das regiões de eterna pena
Os genios do delicto instigadores,
Com cobras entrançadas por melena,
Os olhos sangue, o rosto todo horrores,
Esta vem animar horrida scena
Furor novo juntando á seus furores,
Estigios fachos delle em torno agitam,
E vingança! vingança! » ululam, gritam.

LXXX.

Vingança!... oh como soa prazenteira
Em seus ouvidos este horrivel nome!
Menos o estivo orvalho lisongeiro
Rocia as plantas que o calor consome!
Na idea de punir se embebe inteiro,
E mudo está, qual se descanso tome!
Descanso como o Atlantico appresenta
Presentido da proxima tormenta.

LXXXI.

Do Vesuvio, ou do Hecla, assim no seio,
Longo tempo referve a lava ardente,
E aos ceos subir com palido receio
Vê fumosa columna absorta a gente!
Eis rompem chamas mil do fumo em meio,
E o cratero vomita ampla torrente
De emflammada aluvião, que a encosta abraza,
Ao plaino desce, e quanto encontra arraza:

LXXXII.

Assim tygre feroz, que ao longe observa
Desemrelvando o prado o nedeo armento,
Escondido entre as moutas se conserva
Para a presa esperando apto momento,
The que a amena tosando, e fertil herva
Se estramalha hum novilho, e com violento
Pulo elle o afferra, que baldado muge,
E bebendo-lhe o sangue avido ruge.

LXXXIII.

« Corre veloz, oh tempo (assim dizia).
» E conduze-me a hora da vingança!
» Mas parece que adrede tarda o dia
» Hoje em descer ao mar, onde descança.
» Clotilde dos affagos meus fugia
» Armada de rigor e de esquivança!....
» Eu do odio da ingrata certo estava,
» Mas nunca presumi que me ultrajava!

LXXXIV.

» Podia-o presumir?... imaginava
» Alguem que de Olderico em vituperio
» Nem de longe a seu thalamo lançara
» A torpe vista sordido adulterio?
» Oh! primeiro hum delicto acreditara
» No anjo mais puro do celeste imperio!...
» Mas esta prova he clara... Ai da perjura!
» Ai do infame que a ama-la se aventura!

LXXXV.

» Sou Olderico, honrado e poderoso!...
» Só com sangue se lava tal offensa!...
» Com sangue a lavarei!... Não he piedoso,
» He vil quem em puni-la poem detensa!
» Mas como um coração tão aleivoso
» Unir-se pode a tão gentil presensa!...
» Mas feminil belleza, o vejo agora,
» He brilhante verniz que os vicios cora!

LXXXVI.

» Bem disse o sabio rey da hebraica gente
» Que o sol, que o mundo sem cessar rodea,
» Por muito que a procure deligente
» No espaço que a luz sua purpurea,
» Nunca viu nem verá mulher prudente,
» Mulher que honrada seja! Tal idea
» Erro suppuz desse escriptor sublime,
» E hoje mo prova de Cletilde o crime!

LXXXVII.

» Ella! a filha de hum pobre cavalleiro,
» Que elevai generoso ao grau de esposa,
» Que amava com amor tão verdadeiro,
» E tão querida tinha, e tão mimosa!
» Desse infausto hymeneo no anno primeiro
» Cobrir-me desta afronta vergonhosa!
» Entregar-se a hum Ramiro!... e do consorte
» Có elle tramar, quem o duvida? a morte!

LXXXVIII.

» Agora a noite invoca impaciente
» De nos braços do adultero encontrar-se,
» E suspira por ver o sol cadente
» Nas vespertinas sombras sepultar-se!...
» Mas quando o irado esposo vir presente,
» Sem ouzar, que não pode, desculpar-se,
» Cahirá aos meus pes esmorecida
» E eu có este ferro heide tirar-lhe a vida! »

LXXXIX.

» Que digo?... não : tal morte honrada fora,
» E em publico juizo appresentada,
» Quero que toda esgote a aviltadora
» Pena a seu torpe crime decretada.
» Quero á vista da plebe espectadora.
» Que seja pelo algoz executada,
» E della apprenderão nobres mulheres
» A ter respeito aos conjugaes deveres. »

XC.

Ciume!... oh com que furias atormentas
O peito que por victima escolheste!...
A que horriveis catastrophes violentas
Não deste occazião, cauza não deste!...
Tu o Atrida com hostes truculentas
Conduziste a Dardania, onde accendeste
Os fachos que Ilion incendiaram,
E seus templos em cinzas sepulturam!

XCI.

Tu de Rodrigo na trahida amante
Inspiraste o furor desatinado,
Que por vinga-la o Arabe arrogante
Chamou de ferro e de valor armado!
Cahiu o godo imperio triumphante,
Cahiu do throno o rey aos vicios dado,
Tantos males ciosa e vingativa
Tramou fidalga cortezáa lasciva!

XCII.

E no sangue de irmãos, sangue de amigos,
Quantas vezes o braço maculaste!
Quantas vezes a immeritos castigos
Innocentes bellezas condemnaste!
Que digo? nos modernos, nos antigos
Evos, por que os furores lhe exultaste
O sexo fraco, o sexo melindroso,
Tem cravado o punhal no amante e esposo!

XCIII.

Por pay o Amor, por may a Falsidade,
Tiveste por nutriz a Tyrannia,
Por conselheira assidua a Crueldade,
Desconfiança timida por guia!
Assim tens flagelado a humanidade,
Que liberta de ti, feliz seria!
Assim consegues com furor insano
Beber em ferrea taça o sangue humano!

FIM DO CANTO I.

O ESPECTRO

OU

A BARONEZA DE GAIA.

CANTO II.

Cosi chi segue ogni sfrenata voglia,
Lasciando la ragion, sente alfin doglia.

(PULCI, *Morgante*, canto VIII, stanza VI.)

I.

Quem seria o primeiro que, ligando
Da prosa os soltos numeros, do verso
A ley achou, o ouvido recreando
Com som, no espaço igual, sempre diverso?
Quem assim o bosquejo nos foi dando
Da lingoa que os senhores do Universo
Com accento canoro e magestoso
Usar sohem no Olympo luminoso?

II.

Assim se ignora do inventor do arado
O nome tão proficuo à humanidade;
O nome do que soube acautelado
Do fogo dominar a actividade;
Do que em novo batel o mar salgado
Encetou, despresando a tempestade;
Desse que a lãa fiou, teceu, c'os fios
Das plantas, embotando o gume aos frios.

III.

Como o ingrato mortal facil olvida
Os bons de quem recebe o beneficio,
E ergue estatuas, trophéos ao homecida,
Que ao seu furor o vota em sacrificio!
Gozam assim de fama immerecida
Mil tyrannos, do mundo horrendo exicio,
Nembrot, Bello, Alexandre, Atila, e tanto
Monstro, que a terra encheu de sangue e pranto.

IV.

Oh pay das Lacias Musas venerando
Que de Epicuro os manes inspiravam,
Lucrecio!... honro os teus cantos, que troando
Aos Romanos Virgilio annunciavam!
Mas debalde me affirmas, que escutando
Os ventos que nas cannas ciciavam,
Por taes sons os pastores modolaram
A voz, e o canto, e o verso assim formaram.

V.

Erraste!... hum Deos, de certo hum Deos á terra
Presente fez do metro e da poesia,
Talvez, quando do Olympo se desterra
Apollo, que vingado o filho havia,
D'Admeto pastoreando em valle, e serra
O gado, os rudes homens instruia
Na arte sublime de em canoros modos
Exprimir d'alma os sentimentos todos.

VI.

Surgiu depois na Ionia o douto Homero,
Que primeiro embocando epica tuba,
Os furores cantou de Achilles fero,
E o cauto Ulysses, que Ilion derruba.
Dos vates pay, modelo, e desespero,
Raro ha hi que tão alto o voo suba,
Cego o fingiram!... cego bem ser deve
Quem cego crê quem tão fiel descreve!

VII.

Logo em Athenas a tragedia altiva
Os mortos sobre a scena revocava,
E os delictos dos reys com cor tão viva,
E seu justo castigo figurava,
Que no povo, que livre o jugo esquiva,
Odio, horror contra elles inspirava;
Daqui proveio á Grecia a heroicidade
Da vida desprezar sem liberdade.

VIII.

Nasce a Comedia, e com mordaz censura
Dos cidadãos os vicios repremia,
Bastão de general, magistratura
Ninguem dos seus sarcasmos eximia;
Hoje degenerada! intriga obscura
Tece de amor, vão riso desafia,
Que o poder sem limites nada tema,
E o povo escravisado sofra e gema.

IX.

Certo foi a poesia obra dos Numes.
Com ella Orpheo aos homens, que habitavam
Pelas florestas, deu sociaes costumes,
Que sua feroz indole abrandavam.
Daqui se fabulou que de altos cumes
Dos montes para ouvi-lo desertavam
As arvores, e as feras amansadas
Corriam do seu canto extasiadas.

X.

Oh poesia! oh delicia de almas nobres,
Por que hoje tens tão poucos seguidores?
Por que homens de virtude e genio pobres
Appreciar não podem teus primores?
Usurpam parasitas vis, e dobres
Honras, que mereceram teus cultores..
Tasso e Camões perseguições sofreram,
Rousseau, Filinto profugos morreram.

XI.

Mas mau grado á ignorancia e tyrannia,
O teu facho divino não se apaga.
Da Europa o culto filho elle alumia,
E o indio que os sertões caçando vaga.
Tem cedido do Tempo á fouce impia
Reynos e imperios, que suberbo estraga.
Mas a Iliada, a Eneida, obras divinas,
Se erguem de Grecia e Roma entre as ruinas.

XII.

Meliflua Deosa, no meu peito inspira
Hum reflexo do estro ardente e vivo,
Sublime, imaginoso, que respira
No latino cantor, no vate argivo!
He debil minha voz, he rude a lyra,
Mas tu podes prestar-me hum voo altivo,
E do laurel que os cinge dar que eu colha,
Para a fronte adornar-me huma só folha.

XIII.

« Morra, morra a infiel que me atraiçoa,
» Pois certeza colhi de seu delicto,
» E longe que seu pranto me condoa,
» N'alma só ouço da vingança o grito.
» Morra, morra!... » Com vozes taes atroa
Muros e tectos do castello avito,
No salão á justiça consagrado
Vagando de Clotilde o esposo irado.

XIV.

Quando, reinando o forte Hermenerico,
Este castello, seu solar, fundaram
Os bons avós do barbaro Olderico,
A uso funesto este salão votaram.
Proximo fica ao pateo extenso e rico,
Vestibulo da morte lhe chamaram,
E sua infausta porta só se abria
Si hum reo de pena capital havia.

XV.

Pelas paredes do salão funesto
Com viva cor, desenho peregrino,
Quadros traçára o douto Polinesto,
Que seu pincel abonam de divino.
Aqui em pena do lascivo incesto
Observa-se de Eolia o rey ferino,
Que o neto ás feras dá e á may culpada
Envia, porque morra, a mua espada.

XVI.

Ali, como Ilion arde Achyleia,
E Atila em tosca pedra recostado,
O incendio contemplando se recreia,
Obra de seu furor desatinado;
Elle ali julga os seus, pune ou premeia,
Barbaro sim, mas de equidade ornado;
E hum que de fratercida ali se accuza,
Por que elle o foi tambem, julgar recuza!

XVII.

A' quem se descobria o vulto austero
Do general romano, que, iracundo,
Ante o seu tribunal chama severo
O filho, e geme a tropa em dó profundo.
Ajoelhado o mancebo escuta o fero
Decreto que o condemna, e pasma o mundo
Que á morte va o heroe sem mais defeito
Que vencer de seu pay contra o preceito.

XVIII.

Mais ao longe está Bruto, que prefere
Patria e justiça á voz da natureza;
Perante elle o lictor có as varas fere
Mancebos dois de singular belleza!
Filhos de Bruto sam, que, porque esmere
A de consul magnanima inteireza,
Accena, e das segures affiadas
Voam de ambos as frontes decepadas.

XIX.

O povo todo da liberta Roma
Esta scena piedosa presencea;
Choram mulheres desgrenhando a coma,
Cobre este o rosto, aquelle titubea;
Mas no rosto de Junio não assoma
Magoa, dó, pallidez!... só tem na idea
Que indultar fora o maximo dos erros
A quem impio forjava á patria os ferros!

XX.

Alma egregia de Bruto!... oh! nesta idade
Tão servil, tão abjecta e corrompida,
Quem ha hi que apprecie a liberdade
Sempre ao poder por ouro vil vendida?
Quem comprehende a tua heroicidade?
Quem ha que pela patria exponha a vida?
Ninguem... Louco te chama hum bando ignavo;
Patria e virtude não conhece o escravo!

XXI.

Nestas figuras que viver parecem,
Fallar, sentir, o artifice perito
Pertendeu que os juizes aprendessem
A mostrar impassivel peito invito.
Sim, que os nobres exemplos engrandecem
Hum coração sem manchas de delicto;
Vil he bem o que á vista de acções bellas
Não sente nobre impulso de excede-las!

XXII.

Do tecto bem no meio suspendido
O escudo está destes barões guerreiros;
O recinto he de assentos garnecido,
Que occupam seus briosos cavalleiros;
No topo ha throno em seus degraos sustido,
Onde os barões presidem justiceiros,
Que o systema feudal, que então reinava,
O juz de vida e morte lhe outhorgava!

XXIII.

Do castello com echo temeroso
O grande sino vezes trez soara,
Vezes trez ao seu dobre pavoroso
Destemperada tuba accompanhava;
Quando em silencio, o passo vagoroso,
Dos cavalleiros o esquadrão entrava,
Param defronte das fataes cadeiras,
Negras as armas, baixas as vizeiras.

XXIV.

Toma Olderico sobre o throno assento,
E seu rosto de cholera abrasado,
Parece pelo ethereo firmamento
Torvo cometa excentrico, enflammado.
Olhos em pranto, rosto macilento,
Quem será o ancião que tem ao lado?
He de Clotilde o pay, que neste dia
O premio de seu erro recebia.

XXV.

Oh quanto hoje quizera o velho infausto
Não ter gerado filha, ou mais prudente
Não a ter constrangido a hymen nefausto
Que o vai cobrir de infamia eternamente!
Quizera, de valor, de força exhausto,
Fugir deste espectaculo e da gente;
Mas a ley e costume lho vedavam,
Que a presidir tal acto o condemnavam.

XXVI.

De huma banda, e da outra ao pé do estrado
Hum anão, negro em roupas, assestia.
No punho este sustem falcão vendado,
Nua a espada na dextra aquelle erguia.
Hum arauto no meio, em tom pausado,
Erguendo a maça em clara voz dizia :
« Cavalleiros! juraes nesta demanda
» De julgar sem paixão, como a ley manda?

XXVII.

» Juramos! » todos juntos responderam,
As espadas a hum tempo desnudando,
E os sons de suas vozes pareceram
Sons de procella ao longe rebramando.
Sentam-se então, e o criminoso esperam
Os peitos ás espadas encostando.
Fora o arauto sahiu, e a guarda chama,
Que ao tribunal conduz a infausta dama.

XXVIII.

Soltos os seus ondados fios de ouro
Pelos hombros de neve se esparziam;
Seus olhos, que de amor eram thesouro,
As lagrimas e o pejo escureciam;
Da nympha mais gentil que teve o Douro
Duros ferros os pulsos opprimiam,
Porque a antiga julgou qual nossa idade
Ser licita com reos a crueldade.

XXIX.

Assim presumo em Aulide que outrora
Era a linda Iphygenia conduzida
Aos altares da deosa caçadora
Pagar com sangue seu da cerva a vida;
Assim creio que á sombra vingadora
De Achilles Policena offerecida
Entre os duros satelites marchava
Onde có ferro nu Pyrrho a esperava.

XXX.

Corre có a vista a tacita assemblea,
E hum pouco pára attonita, e tremendo
Como flexivel junco que bandea
De hum lago á orla o zephyro correndo.
No que he, no que ja fora fixa a idea,
Cheia de confuzão, e discorrendo
Diz comsigo: « Esta a corte que humilhada
» Vi inda hontem a meus pés prostrada!

XXXI.

« Ha hum só, entre tantos, cavalleiro,
» Que prompto ao meu mandado não voasse?
» Que hum meu leve sorriso prasenteiro
» Recompensa brilhante não julgasse?...
» E hoje me ousam julgar!... » Qual se nevoeiro
Della em redor ondeando se espessasse
Nada vê, perde a cor, e aguda pena
Lhe gela o sangue, e de cahir ácoena.

XXXII.

Como huma flor mimosa, que arrancada
Da terra e haste em que brilhou nascida
Rosto que mão solerte e desvelada
Com artificio lhe prolongue a vida,
De subito apparece desbotada,
Murcha, curva, e de folhas desvestida,
Tal a linda Clotilde parecia
Que neste acerbo instante se extinguia.

XXXIII.

Mas no barão de subito encarando,
Que parece insultar-lhe a desventura,
Có a indignação as forças recobrando,
Todo o valor, toda constancia apura.
Qual da alampada a luz, que, vacilando,
Humas vezes scintilla, outras se obscura,
E, no momento de apagar-se toda,
Surge, e vivo clarão derrama em roda.

XXXIV.

Em seu rosto á expressão do sentimento
A do despreso, e do desdem succede;
Volve a cor, secca o pranto n'hum momento,
E a longa salla a largos passos mede.
Chega á barra fatal, e como ao vento
Se oppoem carvalho annoso, e lhe não cede,
Ella, vestida do animo mais forte,
Espera firme a accusação, e a morte!

XXXV.

Da miseranda dama o pay afflicto
Os olhos nella compassivos crava;
De lagrymas hum numero infinito
Nas venerandas faces lhe rollava;
A lembrança da offensa e do delicto
De Olderico o furor emviperava,
Por indole cruel, vendo-a tão bella,
Mais emcruece, mais seu sangue anhella.

XXXVI.

Que, invisivel a todos, o ciume
Delle com torvo riso se approxima,
Dos olhos a vibrar tartareo lume
Gelida mão ao peito atroz lhe arrima.
Estremece o cruel, como se o gume
De adaga o lado lhe penetre, e imprima
No coração a morte! « Essa belleza
» Te offende (diz), te odea, e te despreza!

XXXVII.

» Fraco!... bem sei que ao ve-la tão formosa
» Cede a vingança a impulsos da ternura!
» Ternura deshonesta e vergonhosa
» Que te envilece, e o pondonor te obscura!
» Sus! outhorga perdão a huma aleivosa!
» Sepulta-a na mais aspera clausura!
» Porque della o rival a roube armado,
» E a teus olhos a goze afortunado. »

XXXVIII.

O barão a taes vozes franze o rosto,
Cora, e desmaia de furor, de pejo,
E sofre toda a dor, todo o desgosto
Do atormentado inferno em tal ensejo.
» Não! não! (clama) á vingança estou desposto,
» Ver correr todo o sangue ja dezejo
» Da perfida!... do indigno!.., e lhe quizera
» Cem vidas, que cem mortes lhe então dera!

XXXIX.

Neste horrendo espectaculo attentando,
Em baixa voz os nobres cavalleiros
Diziam : « Que delicto atroz, nefando,
» Provoca estes rigores justiceiros?
« A baroneza ferros arrastrando!
» Que corações de tygres carniceiros
» Ousam assim tractar huma belleza,
» Obra prima, e brasão da natureza! »

XL.

Como ao aproximar de huma tormenta
Começa a referver o mar com o vento,
E a pouco e pouco a furia se lhe augmenta,
Crescendo os escarceos cada momento
Athe que sobre as rochas arrebenta
Com fero estrondo e impeto violento,
Assim, debil nascendo, se augmentava
O rumor que no cónclave lavrava.

XLI.

Silencio o arauto impoem movendo a maça,
E o feroz Olderico se levanta.
Como o anjo da peste, que ameaça,
O mundo inteiro, que voando espanta,
Em redor furibundo a vista passa
Trez vezes quer fallar, e na garganta
Por trez vezes a voz fica embargada,
Athe que disse assim có a mão na espada.

XLII.

» Ante vos, cavalleiros, apparece
» O senhor vosso que justiça implora
» De hum crime com que a honra lhe obscurece
» Aquella que tivestes por senhora;
» Hum crime, que piedade não merece
» Pares meus, minha espoza foi traidora;
» Manchou meu thoro. Hum cazo tão funesto
» Não he suspeita, eu, por que o vi, o attesto. »

XLIII.

Baixa os olhos Clotilde e immovil fica
Esta publica afronta devorando.
Susurro universal que o pasmo indica
Vai pela longa salla circulando.
O mesto ancião sua vergonha explica
O rosto nas mãos ambas occultando,
E elle segue: « Assim paga essa perjura
» Os beneficios meus, minha ternura!

XLIV.

» Estremeceis! pasmaes de que podera
» Caber em tal mulher tanta ousadia,
» Que em adultera insania se esquecera
» Do que ao ceo, do que a mim, e a si devia? »
Narra então como o cazo acontecera,
Como verificado o crime havia,
E ajunta : « Ella por vos será julgada,
» O seductor pertence á minha espada. »

XLV.

Calou. O ancião com voz tremula e presa :
» Filha (diz), pelo esposo es accuzada;
» Tens razões que allegar para defeza?
» Pode ser tua culpa denegada?
» Tens que oppor? » Revestida de inteireza
Volve Clotilde, ao que elle disse : « Nada.
» Vinga-se com razão; foi offendido,
» E era, bem que tyranno, meu marido.

XLVI.

» Mas tu, que, meus affectos violentando,
» Foste a cauza fatal de meus errores,
» Vê que miseros fructos vam brotando
» Tua insana ambição e teus rigores!
» Podera ser feliz, e estar gozando
» Puros, firmes, dulcissimos amores;
» Mas tu forjaste a minha desventura,
» E o teu braço me arroja á sepultura.

XLVII.

» Eu te perdôo, oh pay!... mas ah! prevejo
» Que si em ti resto inda ha de humanidade,
» Não gozaras de paz hum breve ensejo
» Delido de remorsos e anxiedade.
» Dos homens fugirás com susto e pejo;
» Do dia á luz, da noite á escuridade,
» Meu espectro mostrando-te cruento,
» Em quanto vivas te darão tormento.

XLVIII.

» Sobre ti vai cahir todo o meu sangue,
» E o sangue de Olderico ou de Ramiro,
» Que hum de outro aos golpes cahir vejo exangue,
» E maldizer-te no ultimo suspiro. »
Aqui lhe falta a voz, vacila e langue,
E a frouxo os braços estendendo em giro,
A' barra se encostou desacordada
Em dor profunda e magoa sepultada.

XLIX.

Como no mausoleo de heroe famoso,
Que a patria sua libertou só a espada,
Lavra o cinzel de hum Phidias engenhoso
A saudade na campa debruçada,
Cae-lhe dos olhos hum choveiro undoso;
Tem a cõma nos hombros derramada;
Tal parece Clotilde amortecida,
Feliz se então se lhe acabasse a vida!

L.

Mas a morte he de idade caprichosa,
Segue o que a foge, foge a quem a chama;
Poupa oliveira carcoma e rugosa,
Corta a rosa que as folhas mal derrama;
E outras vezes qual tygre que ocïosa
Brinca có a preza, que o furor lhe inflamma,
Pouco a pouco golpea o desgraçado,
Porque seja seu fim mais desastrado.

LI.

Olderico outra vez do assento erguido,
Torna a dizer com voz alta e sonora :
« Pares! a accusação tendes ouvido
» Que eu ha pouco intentei a essa traidora?
» Ella o crime confessa commettido;
» Pronunciai vossa sentença agora :
» Que pena impondes á infiel consorte?... »
Todos por huma voz respondem : Morte!

LII.

A tal resposta o seu feroz semblante
Scintillou todo de horrida alegria,
Que sempre n'alma de cioso amante
Se torna amor mal pago em tyrannia.
Do mundo todo o sceptro mais brilhante
O soberbo barão despresaria,
Si delle fosse condição forçosa
Poupar o sangue da culpada esposa.

LIII.

Huma vara o barão nas mãos tomando,
Quebra-a, e diz : « He mais facil que esta vara,
« Que outrora no seu tronco vegetando
» De folhas e de flores se adornara,
» Sua antiga figura recobrando,
» Una as partes que ha pouco eu separara,
» Que amanhãa, ao transpor, da fementida
» Veja o sol a cabeça ao busto unida. »

LIV.

Logo o arauto, da salla á porta chega,
E embocando trombeta clangorosa,
Trez vezes o som funebre desprega,
Que annuncia a sentença rigorosa.
O sino do castello não se nega
A responder com voz mais pavorosa,
E quantos o som lugubre acolheram,
Todos de susto e compaixão gemeram.

LV.

Separa-se a assemblea; soffocado
Pela dor, pela magoa que o devora,
O velho, d'Olderico aos pes prostrado,
Para a filha infeliz piedade implora.
A mão lhe toma tremulo, agitado,
Chovem sobre ella lagrymas, que chora :
« Nobre barão (lhe diz), usa clemencia,
« Que he o dote melhor da humana essencia.

LVI.

» Cortar a vida alheia he faculdade
» Que o mais vil dos mortaes exerce e goza;
» Da-la cabe dos reys á magestade,
» E a quem se adorna d'alma generosa.
» Attende de Clotilde á tenra idade,
» Que tanto a amaste, que elevaste a espoza;
» Seja de morte infame libertada,
» Finde a vida no claustro encarcerada.

LVII.

» Perdão, senhor! » Clotilde espavorida,
A' palavra perdão, ergue a cabeça,
De indignação e cholera impellida
Entre o pay e o marido se arremessa:
» Perdão!... á mim! (exclama enfurecida)
» Que nova forma de ultrajar-me he essa?
» Perdão!... de quem á força me fez sua?
» De huma alma vil, de honra e virtude nua!

LVIII.

» Offendi-o, meu crime he verdadeiro,
» Tem sobeja razão de condemnar-me;
» Mas si he nobre, brioso e cavalleiro,
» Faltava-lhe hum punhal para matar-me?
» Devia expor-me em publico terreiro
» Ante o vulgo, afrontando-se, afrontar-me?
» Não lhe era mais airoso e mais decente
» Tomar de mim vingança occultamente?

LIX.

» E tão preciosa a vida me seria
» Que hum vergonhoso indulto aproveitasse,
» Para que em solidão de dia em dia
» Na ignominia e na magoa se murchasse?
» Ah! então vezes mil morrer devia,
» Si mil vezes tambem ressuscitasse;
» Amor me hallucinou violento e forte,
» Mas não hesito entre a vileza e a morte.

LX.

» Sim, eu quero morrer, morrer dezejo,
» Pois contra a minha sorte desgraçada
» Mais abrigo que o tumulo não vejo.
— Morreras! (Olderico iroso brada).
Morrerei! » (com frenetico despejo
Prompta replica a dama malfatada);
» Da morte o instante julgarei ditoso,
» Pois me livra de ver teu rosto odioso. »

LXI.

Mulher! que enigma aos olhos meus presentas!
Tão timida e tão fragil na ventura,
Tão varonil e impavida te ostentas
No rijo temporal da desventura!
Em quadra de discordias turbulentas,
Quantas vezes viu Gallia a formosura,
Ao cadafalso intrepida subindo,
Para o cutello em mão do algoz sorrindo!

LXVIII.

Longe do esposo seu Lilia extremosa
(O procelloso Occeano atravessara)
Vivia vida triste e saudosa,
Nem o riso em seus labios despontara;
Ergueu-se huma manhãa leda e gostosa,
Reveste as galas que atheli deixara,
De si propria se admira! e nesse dia
Restituido o esposo aos braços via.

LXIX.

Com vivo amor Alcino idolatrava,
No Tejo onde nascera, a linda Flora,
E o Lyceo do Mondego frequentava,
Seguindo o numen que Epidauro adora;
De Flora hum dia as graças descantava,
Eis com subita dor geme, e descora;
E nesse dia e hora, oh sorte rara!
Flora com seu rival se desposara.

LXX.

N'hum valle estava escasso de terreno
De frondiferas serras ladeado,
Por onde corre limpido e sereno
Pequeno rio dellas derivado;
Cobre-lhe as margens arvoredo ameno;
Tem defronte hum rochedo alcantilado,
Onde as aguias altivolas pouzavam,
E junto ao ceo os filhos seus creavam.

LXXI.

O doce aroma das campestres flores
De que o chão verde se matisa e arrea,
O sussurro dos olmos tremedores,
E do rio que em fragas se voltea,
Do sol cadente os tibios resplendores,
Cujo reflexo as agoas purpurea,
Tudo aliena a Ramiro a phantasia,
Que em saudade e tristeza se perdia.

LXXII.

Subito soa hum furação ruidoso,
Que sopra e brama com furor violento,
E derruba a seus pes myrto frondoso,
Que elle nessa hora contemplava attento.
Cubriu-se o ar de manto nebuloso,
Tremeu a terra em seu ethereo assento;
Lugubre grito as aguias levantaram,
E os cães tremendo horridamente uivaram.

LXXIII.

O cavalleiro attonito se erguia,
Volvendo em roda a vista receosa,
E o coração no peito lhe batia,
Com ancia desusada e pressurosa.
Hum pouco a escuridão se desfazia,
E voz suave, lugubre e queixosa,
Trez ais soltou, e de os ouvir Ramiro
Pensou que dava o ultimo suspiro.

LXXIV.

Impellido de hum impeto piedoso,
Ao sitio corre d'onde a voz soava,
Quando hum vulto indistincto e vaporoso
Se ante seus olhos branquejando alçava!
Com diaphano braço e vagaroso
Por vezes trez gemendo lhe accenava,
E fugia como hum anjo a voo solto
Em chuveiro de lagrymas envolto.

LXXV.

Assim foge de nos o leve sonho
Que a mente pavoroso ennegrecera,
Deixando desse objecto tão medonho
A imagem, que inda susto e terror gera;
E debalde o clarão pulchro e risonho
Da aurora, que desponta sobre a esphera,
Os olhos nos consola e nos recrea,
Que não pode banir tão negra idéa.

LXXVI.

Fica attonito e mudo o cavalleiro,
Hirto o cabello, o rosto descorado,
E tremeu como as folhas de hum salgueiro
De procellosos Euros açoitado.
A seu cavallo se arrojou ligeiro,
Deixa o bosque, dos seus accompanhado,
Na visão pavorosa meditando,
Hia de espaço a espaço suspirando.

LXXVII.

Destende a noite o negro manto ondeante
E a descer das montanhas se apressura,
E aos olhos do assustado caminhante
Nem huma estrella só nos ceos fulgura.
D'aves nocturnas a caterva uivante
Voa a saudar do Erebo a filha obscura,
E o silencio só quebram por momentos
Sibilando nas arvores os ventos.

LXXVIII.

Apoz longo caminho, dirigia
Ramiro a vista para erguido outeiro,
Onde ás nuvens có as grimpas remettia
De monges de Cister rico mosteiro
Dobrar os sinos seus a pino ouvia,
Alumiava o ar vivo luzeiro
De alas duas de tochas, que brilhavam,
E na encosta e planice se alongavam.

LXXIX.

Tal Diana em seu carro, em noite ame na
De lucidas estrellas circumdada,
Solta vivos clarões de luz serena
D'entre as pregas da tunica argentada;
E ermitão solitario a grata scena
Do ceo brilhante e terra alumiada,
D'alta serra contempla, ou monte erguido
Em doce arrôbamento embevecido.

LXXX.

A grande cruz de negro revestida;
Triste pendão dos mortos vem diante,
E por banda de musica he seguida
Soltando dos clarins som discordante.
Da lança a ponta para o chão volvida,
De cavalleiros esquadrão brilhante
Marcha logo, e átros mantos, que traziam,
Envolvendo os corseis, ao chão desciam.

LXXXI.

Vinha depois o feretro marchando,
Comforme he uso, a passo vagaroso,
De espaço a espaço os monges entoando
Em voz soturna o canto religioso:
Ramiro para, attento contemplando
O espectaculo triste e luctuoso;
Os seus membros de horror se arrepiaram,
E os olhos seus de pranto se arrazaram.

LXXXII.

O passo ali detem orando attento
Pela alma do extincto, o cavalleiro,
E a processão com tardo movimento
Se approximava costeando o outeiro.
Dos monges, qual pégão de rijo vento,
O canto rompe ao lhe passar fronteiro,
E o ramo, que nos ares esturgia,
Do psalmo penitente assim dizia:

LXXXIII.

« Pequei contra o senhor, e Deos eterno
» O mal obrando na presença sua,
» E eis tremendo ante as portas jaz do inferno
» Minha alma de virtude e graça nua.
» Dellas a livra, oh redemptor superno,
» Pela tua piedade e paixão tua,
» Com o hyssope me asperge e lava, em breve
» Mais pura e alva ficará que a neve. »

LXXIV.

A voz flebil e rouca, o tom soturno,
A sentença que os versos exprimiam,
Inda augmentando mais o horror nocturno
Do moço o peito de terror transiam.
Eis pauza o canto e marcha taciturno
O enterro á luz que as tochas difundiam,
E quando elle a partir se preparava,
O canto novamente o apavorava.

LXXXV.

Quem nunca ouviu dobrar de noite hum sino
Em remoto mosteiro desparando,
Bronzea, lugubre voz, que de contino
Está ermas campinas atroando;
Quem nunca encontrou nellas repentino
Hum sahimento a espaços psalmeando,
Não conhece da morte o terror santo,
Nem da melancholia o triste encanto.

LXXXVI.

Sente-se hum terror vago, huma saudade,
Que involuntarias lagrymas provoca;
Parece ouvir-se a voz da eternidade,
Que ao pó donde sahimos nos revoca.
Cresce a tristeza á delia claridade,
E d'alma as chordas todas vibra e toca.
Ramiro o conheceu no apressurado
Pulsar do coração sobresaltado.

LXXXVII.

» Que dia infausto! (soluçando brada)
» Em toda a parte hum morto me apavora!
» Hum que caminha á ultima morada;
» Outro, que do sepulchro surge fora!
» Mas que tristeza he esta desusada!
» Que nova dor que o peito me devora!
» Tanto me afflijo, tanto me enterneço,
» Que de certo a mim proprio desconheço!

LXXXVIII.

» De quem será o espolio miserando
» Que vam depositar na terra dura?
» Parece que com elle caminhando
» Vai metade de mim á sepultura!
» Jamais hum comboy funebre encontrando
» Tal tristeza senti, nem tal ternura!
» Hum terrivel mysterio aqui se esconde,
» Porem não sei de que provem, nem d'onde.

LXXXIX.

Nestas tristes ideas embebido
Chegou ao seu castello! Ah! mal pensara
Que do branco phantasma no gemido
A alma da terna amante lhe fallara;
Que no cortejo funebre e luzido,
Que tal magoa e tristeza lhe cauzara,
Hia o corpo daquella que vivendo
Sua foi sempre, e sua foi morrendo.

XC.

Ao leito se acolheu, porem dormindo,
Inda o persegue esta impressão tristonha;
Vê tochas entre as sombras reluzindo,
Que ouve gemidos e ais afflicto sonha.
Clotilde n'hum vergel então sorrindo,
O chama... corre... escuridão medonha
Subito o cerca; ella em seus braços langue,
E todo o tinge de fumante sangue!

XCI.

Attonito desperta e reconhece
Jogo ser da exaltada phantasia,
Cobra alento e de novo se adormece,
E o sonho desastroso proseguia.
Seguir entre sepulchros lhe parece
Clotilde, que de hum n'outro lhe fugia,
E durou neste affogo athe que a aurora,
Os prados aljofrando, os ceos colora.

XCII.

Mas quem he que decifra ou comprehende
Tantas contradicções do peito humano?
Que o barão queira, por que a espoza o offende,
A morte dar-lhe com rigor tyranno,
Quem o pode estranhar?.. Mas si pertende,
Quando he ja morta, com orgulho insano
Ve-la com pompa e fausto sepultada.
Tal proceder pouco se entende ou nada.

XCIII.

Foi arrependimento? amor? piedade?
Não sei. De ricas roupas revestida,
De brandões quatro mil a claridade
De marfim em esquife conduzida,
Foi ao mosteiro a misera beldade.
La com pompa solemne recebida
N'uma eça ornada de ouro a deposeram,
E pomposas exequias lhe fizeram.

XCIV.

Logo á avita cappella em que dormiam
De Olderico os avós eternamente,
Em riquissimo cofre a conduziam
Como entroncada com tão nobre gente.
Os que ali a observassem mal creriam,
Tanto he fácil pensar erradamente,
Que fora a morte infame condemnada,
E por mão de hum verdugo executada.

O ESPECTRO

OU

A BARONEZA DE GAIA.

CANTO III.

Oh thou! whose unrelenting thoughts, not all
The hideous terrors of thy guilt can shake,
Whose conscience, whith thy body, ever sleeps,
Sleep on! while I, by Heav'n's high ordinance
In dreams of horror wake thy frighted soul;
Now give thy thoughts to my; let'em behold
These gaping wounds!

SHAKESPEARE, *Richard III*, acte 4.

I.

O prazer da vingança he semelhante
Aos pomos que do Asphaltide nos prados
Com sua linda forma e cor brilhante
Prendem de longe os olhos deslumbrados;
Mas si acazo indiscreto caminhante
Os colhe e chega aos labios enganados,
Encontra em sua treda formosura
Do enxofre o cheiro e rispida amargura.

II.

Olderico o provou! nescio! Exultava
De haver vertido o sangue da consorte,
E, inda não satisfeito, ja traçava
Juntar á sua de Ramiro a morte.
Mas o Ceo hum castigo lhe apromptava,
Que o faria invejar da esposa a sorte;
Que a morte tem em si menos horrores,
Que o viver sempre em sustos e terrores.

III.

Era alta noite, e o barbaro dormia,
Mas subito acordou sobresaltado,
E em pe, fronteiro ao leito, immovel via
Hum phantasma, de lucto carregado.
Negro veo todo o rosto lhe cobria,
Tinha, horror era ve-lo! hum braço alçado.
Tenta erguer-se o barão; a espada sua,
Que á cabeceira tem, ja brilha nua!

IV.

Mas que monta, infeliz! si a espada esgrime
Contra quem neste mundo ja não mora?
Tolhe-lhe a acção, e a força lhe reprime
Com leve gesto a sombra atterradora.
Gelido susto o coração lhe opprime,
Respira a custo, o rosto lhe descora;
Solta o ferro das mãos, e diz tremendo:
« Quem es? que vens buscar, objecto horrendo?

V.

O phantasma com passo vagoroso
Que se não sente, a elle caminhava;
Assenta-se no leito silencioso,
E o veo que o cobre para traz deitava.
Solta Olderico hum grito temeroso,
Que o rosto de Clotilde devisava,
Sem acção, e sem cor, e tão tristonho,
Que inda sendo formoso, era medonho.

VI.

Olhos em que brilhava ethereo fogo
Sem brilho o espectro a elle dirigia,
E o barão sahir delles sentiu logo
Frio glacial, que as veias lhe corria;
Em convulsão continua, interno afogo
Quer fallar, quer mover-se, não podia;
E padecendo fica desta sorte
Mil vezes, sem morrer, o horror da morte.

VII.

Dizem que em mattos do Brazil habita
Huma cobra de vista emsapadora,
Que, si de longe a presa encara e fita,
A detem, a entorpece, a desvigora;
E assim a fome, que o furor lhe irrita,
Ceva sem custo, e sofrega a devora:
Tal de Clotilde com o olhar assombra,
E atormenta o barão a irada sombra!

VIII.

Toda a noite jazeu neste tormento,
Athe que ao despontar da madrugada,
Soou do galo o canto! Hum movimento
Fez a sombra e se ergueu sobresaltada;
Depois abrindo o negro vestimento,
Rasgado o peito lhe mostrou, e irada
As mãos metter na chaga parecia,
E que com sangue as faces lhe aspergia.

IX.

Então com sentidissimo gemido:
« A'manhãa! » diz, e subito se esconde,
Sem que possa o barão desfalescido
Saber o como, ou conhecer por onde.
Pouco a pouco, o terror desvanecido,
Ergue-se, e por mais que elle estude e sonde,
Com palavras e imagens não depara,
Que pintem bem ao vivo o que passara.

X.

Desceu ao parque, e taciturno vaga
Onde o ledo jardim mais florescia,
Mas o riso das flores não apaga
O assombro que lhe enlucta a phantasia;
Assim entre remorso e susto paga
Seu nescio orgulho e fera tyrannia!
Senta-se, e as mãos sobre a cabeça unindo,
Com voz pauzada assim fallou bramindo:

XI.

» Foi illusão?... foi sonho?... Não!... Desperto
» Estava como estou neste momento!...
» Era o seu rosto de pallor coberto!...
» Eram os olhos seus sem luzimento!...
» Eu vi seu peito largamente aberto,
» E dentro o coração!... debalde intento
» Meus olhos desmentir!... logo a sciencia
» Não erra quando affirma outra existencia!

XII.

» Huma hora depois que eu prove a morte,
» A minha alma, nos ventos dissolvida,
» Será o que era huma hora antes que a sorte
» Por seu capricho me chamasse á vida.
» Isto eu disse mil vezes, e tão forte
» Na mente esta opinião tinha esculpida,
» Que inda que monges mil a combateram
» Nunca as suas razões me convenceram.

XIII.

» Mas si Clotilde morta e sepultada
» Outra vez a meus olhos se appresenta,
» Alem da campa a vida he prolongada,
» E debalde a razão nega-lo intenta!...
» Mas si existe essa incognita morada,
» Como este horrivel cazo me argumenta,
» Certo he tambem que ao homem la se ordena
» Do bem ou mal que fez ou premio ou pena.

XIV.

» Então maldita a hora em que hei nascido,
» Pois la sorte miserrima me espera!... »
Dali se aparta irado e enfurecido,
Da clemencia do eterno desespera...
Passa o dia em tristeza submergido,
Chega a noite, e depois que adormecera,
A' mesma hora desperta, e pelo irado
Espectro he novamente atormentado.

XV.

Monges comvoca apenas nasce o dia,
Aquem relata o cazo pavoroso,
Com missas e com rezas lhe encumbia
Que esse espirito applaquem furioso.
Mas a nada o phantasma se movia,
Pois cada vez mais fero e temeroso
De noite aos olhos seus se appresentava,
E com seu sangue as faces lhe inundava.

XVI.

Nestas grosseiras, barbaras idades,
Os homens de ignorantes presumiam
Que á pena de seus crimes e maldades
Com esmolas a monges se eximiam;
E os reys, que com atrozes crueldades
Os povos miserandos opprimiam,
Julgavam todo o mal bem reparado
Com mosteiro de novo edificado.

XVII.

Mas do Eterno, que tudo dá e cria,
A justiça com ouro se não peita;
Elle despreza os dons da tyrannia,
Sacrificios inutiles regeita.
Que serve de requissima abbadia
Donzellas encerrar em cella estreita?
Só pode apagar manchas do delicto
Sincera dor e coração contrito.

XVIII.

Da funesta visão fugir querendo,
Muda de estancia, e vai aposentar-se
No torrião mais remoto, ali fazendo
Por seus guardas fieis accompanhar-se;
Mas destas precauções escarnecendo,
O espectro não cessou de appresentar-se.
Dormem, mal elle assoma, os servidores;
E o barão fica entregue a seus terrores;

XIX.

Terrores que não só no horror da noite
Seu espirito oppresso nordesteiam,
Mas que o perseguem com pungente açoite,
E a toda a hora o coração lhe anceiam
Sem asilo encontrar em que se acoite;
Entre o praser dos bailes, que estrondeiam
Da musica os suaves sostenidos,
Lhe transformam em flebiles gemidos.

XX.

No meio de hum festim descora e treme;
Crê que a sombra passara ante seus olhos.
Empunha a taça!... o vinho he sangue!... freme
E de terror fraqueam-lhe os giolhos!...
Porque lhe passa interna angustia, geme
O coração com asperos abrolhos.
Si ao templo vai, fallesce-lhe a esperança
De junto ás aras encontrar bonança.

XXI.

Assim, depois que Orestes iracundo
Mata o adultero Egistho e a may culpada,
O cerca, delirante e furibundo,
A turba das Eumenides irada.
De cidade em cidade vagabundo
Correndo vai com fuga apressurada;
Mas as furias ligeiras o accompanham,
Vibram seus fachos, e o furor lhe assanham.

XXII.

Olderico furioso desespera,
E mil vezes maldiz sua existencia,
Como ruge entre grades brava fera,
Vibrando as garras com feroz ardencia.
Remedio a seus tormentos não espera;
Nada vale o poder, nada a opulencia;
Mão occulta lhe veda o dar-se a morte,
E do escravo mais vil inveja a sorte.

XXIII.

A rosea aurora as transas derramando,
Do cabello odoroso e rubicundo,
Rindo no alto dos ceos hia tornando
Cor aos objectos e alegria ao mundo.
Do somno as avezinhas despertando,
A saudam com cantico jocundo,
E em seu manto envolvida a noite fria
La no opposto hemispherio se escondia.

XXIV.

O eburneo leito, onde olhos mal pregava,
Lidando em sobresaltos e terrores,
O valente Ramiro abandonava
Da manhãa aos primeiros resplandores.
Balcão, que ao jardim olha, procurava
Para aspirar o halito das flores;
Senta-se, e, o peito cheio de ternura,
Contempla de Clotilde a formosura.

XXV.

« Essa estatua de Juno que alem vejo
» De seu talhe a elegancia não iguala;
» A's faces suas, quando as cora o pejo,
» Cedem as rosas! Como he doce a falla,
» Quando exprime de amor vivo dezejo,
» E alma fragrancia com a voz exhalla!
» Seus olhos tem mais luz que a luz da aurora,
» E delles hum volver tudo ennamora!

XXVI.

» De seu longo cabello ondado e louro
» Como as transas airosas se destendem
» Por seu colo de neve! redes de ouro,
» Que em forte laço os alvedrios prendem!
» Mas amor não possue maior thesouro
» Que os lindos globos que em seu seio pendem!
» Nectar gelado sam, massa de estrellas
» Plasmada pela mão das Graças bellas.

XXVII.

» Mas quem pode pintar seu meigo riso
» Quando em seus labios de rubi fulgura,
» E a imagem do celeste paraiso
» Aos olhos deslumbrados affigura!
» Mas perde-se a razão, perde-se o siso
» Quando lagrymas verte de ternura :
» Assim Clotilde alegre ou affligida
» Chorando a morte dá, sorrindo a vida

XXVIII.

» Anda?... he de Jove a esposa em magestade;
» Senta-se?... he Pallas no severo e altivo;
» Recosta-se? he a deosa da beldade,
» Que dorme volupiosa em dia estivo.
» Canta?... he escutar de Clio a suavidade.
» He Terpsichore em baile ardente e vivo.
» Emfim cada seu gesto e movimento
» Todo he graças, enlevo, encantamento.

XXIX.

» Mas o seu coração he mais formoso
» Que quanta mostra exterior belleza.
» Formando-o, com empenho milagroso
» Exhauriu seu poder a natureza.
» Energico, sensivel, generoso,
» Altivo, preconceitos vãos despreza,
» Desconhece o temor, e invicto, e forte,
» Preferira a aviltar-se o horror da morte. »

XXX.

Có estas ideas o mancebo intenta
A tristeza affastar que a alma lhe opprime,
E que a imaginação lhe punge e amenta
Como remorso de nefando crime.
Tal o piloto em horrida tormenta
Dos lassos nautas o temor reprime,
Pintando-lhes terra alta pela proa,
E lhes dá forças có a esperança boa.

XXXI.

Mas em vam quer lançar da phantasia
O phantasma do bosque e seu gemido,
O sahimento funebre que havia
Tanto a sua piedade commovido:
Phantasma e funeral sempre acodia
A' mente do mancebo enternecido,
Como importunas moscas, que enxotadas
Volvem ao mesmo sitio apressuradas.

XXXII.

Mas da manhãa as virações suaves,
O puro aroma das variadas flores,
Os ledos trinos das sonoras aves,
Do sol nascente os raios criadores,
Tornam menos pungentes, menos graves
De seu peito opprimido as vivas dores,
Na mão a face, e na janella o braço
Como immobil ficou por largo espaço.

XXXIII.

Descansar parecia, mas socego
Dizer-se esse descanso não podera,
Mas a muda atonia, o langor cego
Que o cansaço do espirito em nós gera.
Tal descanso presenta o equoreo pégo
Cessando o furacão que o revolvera;
A magoa não cessou; reconcentrou-se
No coração, e aos olhos occultou-se.

XXXIV.

Como a barra de ferro derretido,
Que pela superfice endurecendo,
Inda dentro em seu amago escondido
O metal guarda liquido e fervendo;
Assim do cavalleiro, que embebido
Estava em suas magoas, parecendo
Apparente gozar tranquillidade,
No coração bramia a tempestade.

XXXV.

Depois de largo espaço alevantando
A cabeça com languido suspiro,
E os olhos para dentro endereçando,
Novo objecto de assombro viu Ramiro :
Era hum monge, negro habito trajando,
Prudente, ancião, por nome Theodomiro,
Que ali para fallar-lhe tinha entrado,
E que o visse esperava ajoelhado.

XXXVI.

Na cogulla a cabeça acobertava,
Que quasi o rosto todo lhe cobria;
Nas mangas sobre o peito as mãos cruzava,
E immobil qual estatua parecia.
Ramiro, que ver tal não esperava,
Pensou que nova sombra o perseguia :
« Quem es morte? aque vens? » (tremulo brada).
Theodomiro responde em voz pauzada :

XXXVII.

» Morte não sou, mas ca me envia hum morto. »
— Hum morto!... Como assim?... Dessa maneira
— Não quero ver-te, oh padre! — (exclama absorto,)
E junto a si lhe mostra huma cadeira.
« Senhor, (diz elle) o Ceo te dê conforto :
» Nova infausta te trago, e verdadeira;
» Jurei traze-la; a hum morto o promettido
» Quem não cumpre he por elle perseguido.

XXXVIII.

» Monge sou ha seis lustros alistado
» Na penitente instituição de Bento;
» Hontem para hum castello fui chamado,
» E sahi, raro o faço, do convento.
» Cheguei, a hum subterranio fui levado,
» Negra estancia do crime e do tormento,
» Onde na angustia do coração gemia
» Matrona tão formosa como o dia.

XXXIX.

» Ella, a meus pes humilde ajoelhando,
» Suas secretas culpas me relata,
» E como, as leys do thalamo quebrando,
» Por tal delicto, seu consorte a mata;
» Então do Eterno o indulto supplicando
» Hum pranto sentidissimo desata;
» Eu a absolvi, e a supportar a morte
» Có a esperança a animei de melhor sorte.

XL.

» Teu sangue appagara, si o offereces
» A Deos com dor sincera e com fé pura
» Teu crime; e em vez da pena que merêces,
» Nos ceos eterna te dará ventura;
» Que he de humanos errar, tu bem conheces,
» Deos a morte não quer da creatura;
» Quer sua conversão: Pay he piedoso,
» E ao prodigo abre os braços generoso.

XLI.

» Em quanto eu nestes termos lhe fallava,
» Que ella com submissão e attenta ouvia,
» Vi que pelo seu rosto se espalhava
» Hum raïo de esperança e de alegria.
» A dextra então devota me beijava,
» E com vivas instancias me pedia,
» Jurasse de cumprir hum seu mandado,
» Quando fosse seu corpo sepultado.

XLII.

» Jurei; e ella tirando então de peito
» Esta transa, me disse com suspiro:
» — Entrega-a no castello de Aroeito,
» — Clotilde a manda ao seu fiel Ramiro:
» — Dize-lhe que morri por seu respeïto,
» — Que amando-o deste mundo me retiro,
» — E que si inda nos ceos amar se alcança,
» Delle nos ceos conservarei lembrança. — »

XLIII.

Quem viu no Occeano pouco a pouco alçar-se
Hum vapor, que no ar se espessa e densa,
E apoz de em negra nuvem conglobar-se,
Colher a manga porque está suspensa,
E logo em hum choveiro desatar-se,
Correndo pelos ceos com furia immensa;
Assim no cavalleiro a dor violenta
Ouvindo o monge cresce e se accrescenta.

XLIV.

Cravando os olhos sofrego na transa,
Que ao coração frenetico apertava,
Hum profundo gemido exhala e lança,
E por terra sem vida baqueava.
O monge a soccorre-lo se abalança,
Mas por torna-lo em si em vão lidava,
Forte chama, e martella. Alvoroçados
Accodem cavalleiros e criados.

XLV.

Ficam todos attonitos, nem sabem
O que julguem do quadro que estam vendo;
Com quantas diligencias nelles cabem
O senhor em tal transe soccorrendo,
Espiritos lhe applicam com que acabem
Daquelle dessipar deliquio horrendo;
Pouco operam; que os olhos mal abria,
Elle em novo desmayo recahia.

XLVI.

Ramiro era dos seus amado, e ao ve-lo
Em tão misero estado se affligiam;
A confuzão se espalha no castello,
E os tectos com clamores retiniam.
Que caso a extremo tal poude traze-lo
Huns dos outros curiosos inquiriam;
Ninguem o sabe; e a suspeitar do frade
Passaram horas duas de anxiedade.

XLVII.

Pouco a pouco os sentidos recobrando,
O misero mancebo alfim respira,
E, excepto Theodomiro, por seu mando
Toda a gente que o cerca se retira.
Elle abraçando o monge venerando,
Pende do colo seu, geme e suspira:
« He morta!... (diz). Tu, padre, lhe assestiste?
» O seu momento derradeiro viste?

XLVIII.

— Sim! e oxalá não vira! tão gravada
— Tenho na idea a luctuosa scena,
— Que parece que a vejo renovada
— A cada instante com acerba pena!
— Arrepia-se a mente horrorisada,
— E a eterno pranto e lucto se condemna!...
— Ouve, oh filho, que fim tão desastrado
— Teve essa de quem foste amante e amado.

XLIX.

— Ah! tão linda ella foi como animosa!
— Pois no carcere: « Oh padre, me dizia,
— » Eu vou morrer, e a morte pavorosa
— » Não se figura á minha phantasia!
— » Julguei, confesso, a vida preciosa,
— » Quando de puro amor na chama ardia;
— » Mas a hymeneo odioso constrangida
— » Hum vivo inferno se me fez a vida.

L.

— » Pena certo maior se não conhece
— » Que a de dama que digno objecto adora,
— » E ao lado de consorte que aborrece
— » Continuamente as lagrymas devora!
— » Que sem poder-lhe resistir padece
— » Affagos de ternura insultadora!...
— » Affagos!... não!... violencia que a deprava,
— » E a torna de senhora abjecta escrava!

LI.

— » Escrava eu fui hum anno longo, e a morte
— » Hoje me restitue a liberdade.
— » Hirei gozar nos ceos mais leda sorte,
— » Do Deós que adoro abona-mo a bondade!
— » Huma so magoa, quando desça o corte
— » Que me vai separar da humanidade,
— » Terei... a dor que sentir deve
— » Quem sempre de minha alma a posse teve!

LII.

— A porta nisto com fragor se abria,
— E de armas negras huma escolta entrava,
— Do centro para os lados dividia,
— E firme, as lanças presantando, estava.
— Crocodilo medonho parecia,
— Que a presa, abrindo as fauces, esperava,
— » Vamos!... » Clotilde, sem mudar semblante,
— Disse, e della no centro entrou constante.

LIII.

— Do christianismo no fervor primeiro,
— Quando a igreja de Deos, inda nascente,
— De mil perseguições ao duro e sevo
— Impeto resistiu da pagãa gente,
— Neste de pugnas, de victorias evo,
— Muita virgem assim com zelo ardente,
— Bella qual roza, e pura como o lyrio,
— Intrepida e sem fausto hia ao martyrio.

LIV.

— Como he uso, a seu lado fui marchando,
— Porque á hora tremenda a confortasse,
— Devotamente e com fervor orando
— Porque Deos suas culpas indultasse;
— E ella, com firme passo caminhando,
— Sem que indicio de susto demonstrasse,
— Chegou ao grande pateo, onde se erguia
— O cadafalso em que morrer devia.

LV.

— Todo o vasto recinto circumdavam,
— Lanças em funeral, os cavalleiros;
— Longas fachas de vaso sobraçavam,
— Tremulam longas plumas nos cimeiros:
— Os sinos todos sem cessar dobravam,
— Signal da execussão! e ataballeiros
— Com clarins e trombetas consonando
— Vam a marcha da morte executando.

LVI.

— Povo, que alem das alas se amontoa,
— Tem a magoa esculpida no semblante,
— E hum susurro de pranto circumvoa
— Quando Clotilde appareceu diante!...
— Eis brado mais geral, mais alto soa,
— E era de indignação!... Cre-lo-has?... ovante.
— Banhado o rosto de prazer inico,
— A hum balcão assomou... quem?... Olderico.

LVII.

« Monstro! eu vivo inda sou (Ramiro exclama
Mordendo os labios, que o furor descora).
E o monge proseguia: — Ao ve-lo a dama
— Corou como nos ceos nascendo a aurora!
— Hum volver d'olhos, que o despeito inflamma,
— Em acção lhe vibrou despresadora,
— E sorriu... mas que riso!... Oh! si coubera
— Nelle o pejo, de pejo ali morrera!

LVIII.

— Eis que por entre a multidão rompendo
— Seu velho pay com espantosos gritos,
— Vem qual louco ou frenetico correndo,
— A quem vexam espiritos malditos.
— Ja curvado a seus pes está gemendo,
— E no rosto da filha os olhos fitos,
— Suas mãos apertando soluçava,
— E perdão com mil lagrimas rogava!

LIX.

— Nobre barão! mil vezes assestido
— Tenho de passamento á flebil scena,
— Mas nunca vi hum quadro tão sentido,
— Tão pathetica, extranha, acerba pena!
— Aos pes da filha hum velho arrependido
— Chora, e do erro que a mata se condemna;
— A filha entre elle e a morte, e em roda hum povo
— Que prantea a espectaculo tão novo!

LX

— Ella erguendo-o nos braços com respeito,
— E depois de beijar-lhe a mão rugosa,
— O inconsolado ancião uniu ao peito,
— E desta arte lhe diz com voz maviosa:
— « Não prantees, oh pay, que de tal geito
— » A minha situação faras penosa;
— » Não chores! porque a magoa te devora?
— » Imaginas talvez que eu morro agora?

LXI.

— » Enganaste!... eu morri quando arrancada
— » Fui d'entre os braços do mais digno amante,
— » Quando fui aos altares arrastrada
— » Có a morte n'alma e pallido o semblante;
— » Morri quando jazia encarcerada
— » No palacio de hum despota arrogante,
— » Quando com minha afronta elle cevava
— » Em mim brutal ardor, que eu não provava!

LXII.

— » Então chorar devias minha sorte ;
— » Amargosa afficção, tormento interno,
— » Não agora que vai remir-me a morte,
— » De iniqua escravidão, de hum vivo inferno.
— » Rogo que a minha irmãa não dês consorte
— » Sem ella o amar!... No tribunal do Eterno,
— » Unico onde a justiça inteira brilha,
— » Nunca teras accuzadora a filha. »

LXIII.

— Assim fallando deixa o triste velho,
— A quem a insana dor tolhe o sentido
— E cáe qual fulminado de vermelho
— Corisco reble annoso ou cedro erguido...
— Accodem-lhe, e com provido conselho
— He dali n'hum escudo conduzido,
— A lugar onde os olhos, quando abrisse,
— Tão funesto espectaculo não visse.

LXIV.

— Clotilde emtanto intrepida subia
— Ao patibulo, e nelle ajoelhando
— Cruza as mãos, e o officio da agonia
— Vai com fervor comigo recitando.
— Finda ; e das mãos do algoz, que pertendia
— Venda-la, o lenço prompta arrebatando,
— De si longe o arrojou, e, em tom severo,
— Lhe disse : « Vendo o sol morrer eu quero. »

LXV.

— Com o aspecto da morte não se assusta,
— Vendo luzir o ferro não desmaia;
— E não sei que expressão sublime, augusta,
— Em seu gesto e feições se expande e raia!
— Do assustado verdugo a mão robusta
— Trez vezes por feri-la em vão se ensaia:
— Correu seu sangue, e no ultimo suspiro,
— O nome teu articulou, Ramiro!

LXVI.

— N'huma lança se ergueu apoz cortada
— A cabeça da extinta formosura,
— Goteja o colo sangue, e transtornada
— Não ficou de seu rosto a compostura;
— Pallida hum tanto está, e illuminada
— Do sol cadente á luz purpurea e pura,
— Seraphim de relevo figurava,
— Que a cappella de hum templo rematava.

LXVII.

— Veio a noite, e com pompa conduzido
— Foi seu formoso espolio ao meu mosteiro,
— De brandões numerosos precedido,
— E lá goza o descanço derradeiro. —
Olhos seccos, e alento compremido,
Escuta como abstracto o cavalleiro,
Fita a vista no monge e não o via,
E nem chorar e nem fallar podia.

LXVIII.

Attonito de o ver o religioso,
O abana, e diz : « Comigo tens enfado? »
Elle então solta hum choro copioso,
Clama, tendo-o nos bracos apertado :
» Eu! enfado comtigo que piedoso
» Pranteas de Clotilde o triste fado!
» Que na hora tremenda a confortaste!
» Que o seu eterno adeos me appresentaste!

LXIX.

» Oh nunca!... vem a miudo visitar-me,
» Ora com phrase branda, ora severa,
» Nas crueis amarguras consolar-me
» Com que a magoa a minha alma desespera.
» Nem tu muito teras de supportar-me,
» Pois prevejo, da dor que me lacera,
» Que em breve tempo o ultimo suspiro
» Nos braços teus exhalará Ramiro.»

LXIX.

Ficou so finalmente! Entregue á magoa
Pelos vastos salões á toa gira;
E abrasa-se sua alma em viva fragoa,
Que sopram sem cessar piedade e a ira.
A dor no coração, nos olhos agoa,
Humas vezes braveja, outras suspira;
Contempla, cobre de osculos a transa,
Jurando de tomar crua vingança.

LXI.

» Fios de ouro (exclamava), que adornastes
» A fronte mais gentil que o ceo creara,
» Que ondeando em seus hombros eclypsastes
» A madeixa do sol lusente e clara;
» Vos que a rede fortissima formastes
» Com que amor meus sentidos apresara,
» Andará ao meu peito sempre unida
» A trança vossa em quanto eu logre a vida.!

LXXII.

» Em quanto tiver vida?... não!... comigo
» Unidos descereis á sepultura,
» Ensopados no sangue do inimigo
» Que traçou de Clotilde a desventura,
» Do insano pay có auxilio sem perigo
» Roubou-me a idolatrada formosura,
» Quando eu, ai triste! no furor da guerra
» Ausente defendia a patria terra.

LXXIII.

» Si eu estivera aqui, có a morte sua
» Tanto mal, minha afronta, evitaria;
» Si delle não tomei vingança crua,
» He que a fama da esposa ultrajaria;
» Mas ora, ó vil, que a crueldade tua
» Immatura a lançou na campa fria,
» Eu juro de punir-te e de vinga-la,
» Por meu furor, que a minha pena iguala.

LXXIV.

» Nelle toda esta espada hade embeber-se,
» Seu sangue espadanar verei contente,
» E sua alma do corpo desprender-se,
» Cahir no inferno rabida e gemente!
» Entre as chamas do incendio hade esconder-se
» Seu suberbo castello em cinza ardente,
» Ficando assim dos homens na memoria
» Da misera Clotilde a infausta historia.

LXXV.

» Farei mais! a cabeça do tyranno,
» Por minha mão do busto separada,
» Calida ainda, e de furor insano
» Có a extrema vibração inda animada,
» Suspensa ficará inteiro hum anno,
» Horroroso tropheo!... da malfadada
» Victima sua no sepulchro, aonde
» Todo o meu bem e meu amor se esconde! »

LXXVI.

Como o horrendo fragor da artelharia
Brama, e apoz curta pauza, renovando,
Ao longe se ouve na expansão vazia
Sobre as azas dos euros reboando;
Tal de Ramiro a voz emmudecia,
E elle absorto ficava meditando,
E tornava a fallar com tom pesado,
Qual de subita idea despertado.

LXXVII.

» Não, duvidar não devo! a sombra errante
» Que o valle com gemidos atroava
» Era o espirito seu, que supplicante
» De seu sangue a vingança me implorava!...
» Clotilde pereceu naquelle instante!...
» Sua sombra iracunda a mim voava!
» Por que a sua presença pressentia
» He que o meu coração tanto gemia!

LXXVIII.

» Presago coração, não me enganaste
» Quando, de longe o enterro contemplando,
» Com insolita força palpitaste,
» Sahir fora do peito procurando!
» Desde então athegora não cessaste
» De annunciar-me o caso miserando!
» Ah! si eu bem tuas vozes percebera,
» Talvez a tanto mal remedio dera! »

LXXIX.

Como as ondas no mar encachoadas
Com sopo infesto de contrarios ventos,
Brigam contra si mesmas enrolladas
Em grossa espuma, em escarceos violentos;
Assim vivas paixões e desvairadas
Ao cavalleiro n'alma dam tormentos,
Odio e amor, ternura e saudade
E assomos de vingança e crueldade!

LXXX.

Nas arterias o sangue refervendo
Huma febre ardentissima o consume,
Respira a custo, em debil voz gemendo,
Os olhos volve com turbado lume.
N'angustia do delirio enfurecendo,
Que tem diante o seu rival presume,
Para o ferir com ancia a dextra alçava:
« Morre, traidor! morre, traidor! » bradava.

LXXXI.

Vai a arte com marcha vagarosa
Do poder da doença triumphando,
Que do espirito enfermo a dor penosa
Ao recobro do corpo está obstando.
Quer consola-lo em vão com voz piedosa
De seus amigos desvelado bando,
Que elle em mais lhe não falla em seu transporte
Do que em Clotilde, e de vingar-lhe a morte.

LXXXII.

Tal he a dor inquieta, immoderada,
Do minino na turba confundido,
Que pela may perdida chama e brada
Com grito agudo e pranto desmedido,
E a quanto a multidão delle apiedada
Lhe pergunta com som mais dolorido,
Só com estas palavras conresponde:
« Oh may! oh may! » e nada mais responde.

LXXXIII.

Corre o tempo, e a benefica saude
Visita alfim o enfermo cavalleiro,
E com a taça de immortal virtude
Volve a seus membros o vigor primeiro.
Elle, sem que o proposto intento mude,
De seus amigos o esquadrão guerreiro
Convoca por tomar dura vingança
De Olderico feroz có a espada e lança.

O ESPECTRO

OU

A BARONEZA DE GAIA.

CANTO IV.

Fanno or con lunghi, ora con finti e scarsi
Colpi veder che mastri son del giuoco.
Or li vedi ire altieri, or rannichiarsi;
Ora coprirsi, ora mostrarsi un poco;
Ora crescere innanzi, ora ritrarsi;
Ribatter colpi, e spesso lor dar loco;
Girarsi intorno, e donde l'uno cede
L'altro aver posto immantinente il piede.

(Ariosto, *Orland. fur.*, canto II, st. 9.)

I.

Que o homem nasce mau Hobbes attesta,
Que o homem nasce bom Rousseau defende;
Hum aquella opinião, outro segue esta,
E inda o litigio indecedido pende.
Eis novo parecer se manifesta.
Que os votos todos grangear pretende:
« O homem (diz) não he bom nem mau nascendo,
» Provem do ensino quanto fica sendo »

II.

Mas contemplo a creança que não falla:
Destruidor instincto ja presenta.
Dam-lhe huma flor?... seu gosto he desfolha-la
Imperiosa ja he, ja he violenta.
Ousa a may huma vez contraria-la?
Ergue os bracinhos, e feri-la intenta.
Prova, certo, hi não vejo da bondade
Que accompanha ao nascer a humanidade.

III.

O selvagem contemplo, que da fera
Mal he por bronca falla distinguido:
Do ouro a vista cobiça lhe não gera,
Vive sem bens, sem caza e sem vestido.
Ainda usar de fogo não soubera,
A herva o nutre ou fructo mal-nascido;
Mas ja sabe o que he odio, o que he vingança;
Ja inventou, e o que? a setta, a lança.

IV.

E, si he a educação que os homens forma,
E ella para a virtude os encaminha,
Porque de seus dictames segue a norma
A porção mais exigua e mais mesquinha?
Por que a maior có vicio se conforma,
E pelo trilho seu se descaminha?
Tantos maus, bons tão raros, com clareza
Provam que ao mal inclina a natureza.

V.

Nasce o homem feroz qual nasce a fera,
E desvelado ensino ambos amança;
Mas si ao rigor de educação severa
Prevalecer a natureza alcança,
Indignada do freio que mordera,
A todo o crime ás soltas se abalança.
O que he pois a virtude? huma violencia,
Que ás paixões naturaes faz resistencia.

VI.

Crime o que he? reacção com que natura
O jugo sacudiu que soberana
A moral lhe imposera, que procura
Corregir, melhorar a espece humana.
Mas nem sempre o consegue! na ventura
Reys manifestam indole tyranna,
Grandes calcam pequenos, e o que he forte
Opprime o fraco, o insulta, ou lhe da morte.

VII.

Este instincto feroz na media idade,
Toda de armas e ferro, produzia
Hereditarios odios, crueldade,
Sangue, traições, vinganças, e anarchia;
Dos reys desacatando a magestade
Cada barão a seu sabor vivia,
Era hum reyno o castello em que se encerra,
E era de todos o elemento a guerra.

VIII.

Para tão feliz tempo ora emprehendem
Fazer retrogradar a culta Europa,
Ás nações, que ja livres se pertendem,
Dando a esgotar da escravidão a copa.
Bem nisto o que lhe he util comprehendem
Grandes, cuja alma na ambição se ensopa,
Não os monarchas, cujo orgulho insano
Lhes dá favor para seu proprio damno.

IX.

Ajudem a curvar do povo o colo
Ao duro jugo de feudaes senhores,
E os verão breve com perfidia e dolo
Transformar-se do throno em oppressores!...
Porem não!... ja de hum polo ao outro polo
Tudo abrangem de sophia os resplendores,
E os povos se erguem de sofrer cansados
Por seu direito e liberdade armados.

X.

Mas voltemos ao barbaro Olderico,
Que de horrores nocturnos avexado
Prova que ser valente, e grande, e rico,
Jamais nos salva do rigor do Fado.
Emvipera-se mais seu genio inico,
Torna-se mais perverso e mais damnado.
Fazer-se mau hum bom, facil veremos,
Hum mau tornar-se bom, mui raro o vemos.

XI.

Longe de se humilhar ao Ceo que o pune,
Contra o Ceo blasphemando se revolta,
Como a cobra pizada que inda a immune
Cabeça contra o pé que a esmaga volta.
» Deveria deixar que a ingrata impune
» Corresse no seu vicio á redea solta?
» Cumpria perdoar torpe adulterio?...
» Applaudir minha afronta e vituperio?

XII.

» Si he de justiça castigar-se o crime,
» Si, perdoando, ao que ella impoem faltara,
» Por que o Ceo com terrores taes me opprime,
» E a favor da culpada se declara?
» Onde do Eterno a rectidão sublime,
» Si elle protege mais quem mais errara,
» E si manda sahir da sepultura
» O espectro que meus dias amargura?

XIII.

» O espectro!... ei-lo!... qu'em mim furioso crava
» Olhos em que lampeja infernal ira!...
» Fujamos! » Foge, e a fuga mais aggrava
As cruas afflicções em que delira.
Qual gazella em que o mouro a setta encrava
D'Africa pelos montes corre e gira,
E o farpão leva!... tal fugia o triste
Da sombra que a seu lado sempre assiste.

XIV.

Embrenha-se por bosques tenebrosos,
E aos bosques vam com elle os seus terrores;
Sobe a elevados montes e fragosos,
E escuta o som dos ventos bramidores;
E ás vezes por entre ares nebulosos,
Que rasgam do relampago os fulgores,
Dos trovões ao ruido, hum barco entrava
E ao Douro como insano se entregava!

XV.

Em pé na popa, e immobil representa
O genio promotor da tempestade;
E parece que folga, e se contenta
Desse horror que appavora a humanidade!
Debalde pelos bordos lhe rebenta
O pelago, ou em funda cavidade
O alagado batel quasi sepulta,
Que elle sorrindo no perigo exulta.

XVI.

Huma noite accordou como sohia
A' hora infausta da visão medonha,
O assustado barão, e não sabia
Si está desperto por ventura ou sonha.
Presente da consorte a sombra via
Mas nem tanto iracunda, nem tristonha,
Não traja as longas roupas enluçtadas,
Porem brancas de sangue salpicadas.

XVII.

Tão activo e veloz da morte o gelo
Do cavalleiro as veias não callava,
E o phantasma de longe em longe ao ve-lo
Desdenhoso sorriso deslisava.
Sorriso!... e que outro do formoso e bello
Que teus labios, Clotilde, em vida ornava!
Parecia o clarão da rubra aurora,
De procella hum fuzil parece agoa!

XVIII.

Conseguira o barão com arduo custo
Taes palavras dizer com voz tremente:
« Porque assim vens minha alma encher de susto
» Todas as noites com rigor ingente?
» Confesso que comtigo hei sido injusto,
» Que a vida te arranquei barbaramente;
» Mas que es tu, si da campa vezes tantas
» Para ser meu flagello te levantas?

XIX.

» Não tenho com sufragios applacado
» Teu espirito iroso? vezes cento
» Não tenho de meu erro praguejado?
» Por que assim teimas em me dar tormento?
» Como inda alem da morte emviperado
» Pode tanto durar ressentimento?
» Sombra offendida, applaca a tua queixa,
» Não me appareças mais, e em paz me deixa. »

XX.

A sombra lentamente alevantando
O braço, respondeu: « Desde este instante
» Não mais teus olhos me verão, nem quando
» Doura as planices do ar o sol brilhante,
» Nem quando a noite, o somno derramando,
» Sobre a terra destende o manto ondeante,
» Nos infernos, no mundo, ou paraiso,
» Salvo no dia do final juizo. »

XXI.

Disse, e qual turvo, espesso nevoeiro,
Que de Phebo ao fulgor se desvanece,
Aos olhos do assustado cavalleiro
A sombra n'um momento se esvaece.
O barão respirou, e hum lisongeiro
Suave somno ás palpebras lhe desce.
Misero!... oh como mal interpretava
A sorte que lhe o espectro prophetava!.

XXII.

O Sol, como hum gigante luminoso,
Sahindo dos antipodas marchava
A conquistar o throno tenebroso,
Onde a Noite inda ha pouco as leys dictava,
Quando com som terribile e espantoso
De trombetas e sinos, que troava,
A rebate tocando, parecia
Que o suberbo castello se fundia.

XXIII.

O estrondo he tal que mortos despertara.
Olderico accordou sobresaltado,
Quando ja no seu quarto penetrara
Danegil, seu anão, com rosto infiado.
» Que motivo (elle diz mal que o encara)
» Tem assim o castello alborotado? »
— Surge, accode, senhor: toda a esperança
— Está (responde o anão) na tua lança. —

XXIV.

» Mas os sons de rebate o que annunciam?
» Ousa alguem commetter o meu castello?
» Presumir que eu sou morto deveriam
» Certo os que arrojo tem para faze-lo.
» Mas os que a tanta empresa a mente erguiam
» Breve que vivo eu sou tem de sabe-lo,
» Quando as suas cabeças decepadas
» Forem nessas ameias penduradas.

XXV.

Vestindo-se açodado deixa o leito;
E como mais as tubas clangoravam,
Ao anão perguntava com despeito
Que gentes seu castello assuberbavam.
— Senhor (responde o servo com respeito)
— Segundo ha pouco as velas affirmavam.
— Os esquadrões que aos muros davam giro
— Guia a bandeira do barão Ramiro.

XXVI.

Ao nome de Ramiro, a quem profundo
Odio jurou, frenetico bramindo
Bate o pé Olderico furibundo,
Toda a salla com gritos aturdindo:
Tal da India em palmar, em valle fundo,
O maculoso tygre que, sentindo
Setta que ao longe o caçador lhe atira,
Ruge, e contra si proprio as garras vira.

XXVII.

« Ramiro!... (exclama) tenho a grãa ventura
» Que me poupe o trabalho de busca-lo.
» Author de minha afronta e desventura,
» O momento chegou de castiga-lo.
» Correi, oh servos!... tragam-me a armadura!...
» Sem demora se enfree o meu cavallo!...
» Lança!... espada!... hum momento não espero,
« Quero ao campo sahir, vingar me quero!

XXVIII.

Tal suberbo corsel, que longamente
Sobreposto jazeu sem sella ou freio,
Apenas a trombeta ao longe sente,
Que o convida a pugnar, de furor cheio
Sopra, relincha, salta, impaciente
O bocado mastiga; á terra o seio
Fere có a planta, entona a frente airosa,
E relampagos vibra a vista irosa.

XXIX.

Arma-se : do fino elmo na cimeira
O vermelho cocar crespo tremola,
Como em mastro de nau rubra bandeira,
Que o sopro de favonio desenrola;
No escudo por empresa tem guerreira
Soldado, que no chão outro degola,
Que hum avoengo seu outrora usara
Por que hum mouro em duelo assim matara.

XXX.

Pende-lhe ao lado a espada cortadora,
Que mil vezes bebeu sangue inimigo,
E com que a sua dextra vencedora
Sahiu de todo o bellico perigo;
Tem na facha o punhal ao qual decora
Guarnição de rubis, brazão antigo,
Da casa sua, as armas sam leonadas,
De salpicos de prata borrifadas.

XXXI.

Grossa, pezada lança brande airoso,
E a faz-vergar qual junco!... Assim baixara
Onde de seus peões bando animoso
A repellir o assalto se prepara.
Tinha de redea o seu corsel fogoso
O escudeiro, que prompto o apparelhara;
E o suberbo animal rincha insofrido
Pulsa o chão, chama a guerra enfurecido.

XXXII.

Olderico ás ameias assomando
Pela planice campear guerreiros
Viu em quatro esquadrões com o sol lustrando
De Ramiro os bizarros cavalleiros.
Trombetas e clarins estam tocando,
Leve-armados peões trazem ligeiros
Faxinas para os fossos entulharem,
Escadas para aos muros encostarem.

XXXIII.

Viam-se ali arietes forçosos,
Cujas cabeças sem cessar batendo
Com violentos golpes estrondosos
Vam muralhas e portas desfazendo;
Viam-se arremessões, que vigorosos
Braços e engenhos mandarão ardendo
Ao castello levar do incendio o fogo,
Terrivel filho do mavorcio jogo.

XXXIV.

Ferve a obra, assim vemos pelo estio
As hostes de formigas negrijantes
Pelos campos soltar-se em negro fio
E hir devastar as eiras abundantes;
Humas vam conduzindo sem desvio
Os grãos roubados, outras vigilantes
Prestam soccorro e auxilio ás fatigadas,
E increpam as que encontram descuidadas.

XXXV.

Descobre emfim Ramiro, que ordenava
Tudo para o combate diligente;
Ardeu, bramiu, e em turbilhões lançava
Fumo pela vizeira de impaciente.
Có a dextra Donegil logo chamava,
Que, depois de o ouvir privadamente,
Deita a correr, e em modo tal corria
Que no pó que levanta se escondia.

XXXVI.

Ramiro, de armas negras arreado,
Symbolo do pezar que a alma lhe enlueta,
Sobre o assalto que em breve vai ser dado
Dos chefes seus o parecer escuta;
E em quanto com fervor acalorado
Neste importante objecto se disputa,
Do castello huma ponte se baixava,
E ja por ella Donegil passava.

XXXVII.

Floreando na dextra alva bandeira,
Que passagem pacifica lhe alcança,
O anão ligeiro com veloz carreira
De Ramiro á presença airoso avança.
Cortez, tirando a rubida monteira,
Lhe diz com respeitosa confiança:
« Concedes, valeroso cavalleiro,
« Que exponha seu mandado hum messageiro?... »

XXXVIII.

Calla, e Ramiro respondeu: « Permitto. »
E elle desta arte expoz sua embaixada:
« Meu senhor escutou da guerra o grito,
» Viu nestes campos tua gente armada;
» Mas desapprova que em geral conflicto
» Seja a vida de tantos arriscada:
» Elle á ti conta só por inimigo,
» Quer sua espada só medir comtigo.

XXXIX.

» O seu odio implacavel lhe desperta
» Insofrido receio có a lembrança
» De que huma gota de teu sangue verta
» Sua não sendo, alguma espada ou lança.
» Por isso aqui por mim penhor te offerta
» De singular batalha, em que vingança
» Tomar espera, si o concede a sorte,
» De ti, por suas mãos dando-te a morte. »

XL.

Assim fallando, o anão tirou do peito
A luva de Olderico, e lha appresenta.
Recebeu-a com riso contrafeito,
Qual fuzil de relampago em tormenta.
« Vai, torna a teu senhor, dize que acceito
» A pugna que propoem, e me contenta
» Que de Clotilde o barbaro assassino
» Queira correr mais breve ao seu destino.

XLI.

» Dentro do seu covil busca-lo eu hia,
» Os muros derrocando em que se encerra;
» E para o conseguir empregaria
» Todas as artes que fornece a guerra.
» Nem de mim o traidor escaparia;
» Pois si em cavernas da profunda terra,
» Ou no centro do inferno se occultasse,
» Não podera evitar que o deparasse.

XLII.

» Mas venha! encontrará na minha espada
» O justo fim de abominanda vida,
» Assim Clotilde ficará vingada,
» E será minha jura assim cumprida.
O anão se retirou; ja tem passada
Do fosso a ponte, que he de novo erguida,
E logo nas ameias se levanta
Negra bandeira, que ondeando espanta.

XLIII.

Na planice em resposta outra se arvora,
De igual cor, indicando desta sorte
Que o combate que vai travar-se agora,
Sem paz nem tregoa, terá fim có a morte.
Prompta acode a vingança destructora,
Seguida da malefica cohorte
Dos filhos seus, que folgam dos humanos
Assestindo á ruina, estrago e damnos.

XLIV.

He seu prazer com labios sequiosos
Sangue libar, que das feridas corre;
Numerar os gemidos dolorosos
Que a furto escapam a hum heroe que morre;
E si acaso inimigos generosos
Meiga piedade a separar accorre,
Fachos brandindo de tartareo fogo,
A fugir dali longe a obrigam logo.

XLV.

Ninguem contempla a horrivel catadura
Destes genios do crime e da violencia,
Mas o peito mais cheio de brandura
Sente a sua malefica influencia;
Fascina-se a razão, calla natura,
E hum cego frenezi, atroz demencia
Todos obriga, quando os tem presentes
A não poupar amigos e parentes.

XLVI.

» Rumor d'armas soou, vapor de sangue
» Os ventos pelos ares espalharam;
» Trazei para cobrir o corpo exangue
» Negro veo, que as walkirias prepararam;
» Quem mil vezes venceu, vencido langue,
» Cahiu, cahindo as armas retumbaram;
» Exulta o vencedor, os seus lamentám;
» Seus prantos nossos risos accrescentam!

XLVII.

« Não mais os galgos, seus verás oh Douro,
» O cervo perseguir delle guiados,
» Nem mais em seu salão cozido em ouro
» Tem de brindar-lhe alegres convidados;
» Não mais hade teme-lo o bravo mouro.
» Que resta delle?... hum nome mal lembrado,
» Tragou-o a terra e traga de igual sorte
» Servo e rey, nescio e sabio, e fraco e forte! »

XLVIII.

Este canto, que os homens não ouviam,
Os invisiveis genios entoavam,
E cós fachos accezos, que brandiam,
Do largo campo em derredor dansavam.
Nos tecos do castello os mochos piam,
Pelas moutas os lobos ululavam;
As portas do castello se escancaram,
E as levadiças pontes se abaixaram.

XLIX.

Numeroso esquadrão sahiu guerreiro,
Que huma parte do campo vai cingindo;
O de Ramiro fica-lhe fronteiro,
E o sol está nas armas reluzindo;
E mal no espaçosissimo terreiro
A lança os dois campiões entram brandindo,
As quatro alas a hum tempo se aballaram,
E o espaçoso circulo fecharam.

L.

Terrivel espectaculo e brilhante
Appresenta esta subita estacada :
Tanto cocar de roda tremulante,
Tanta luz dos arnezes desparada!
Deu signal a trombeta retumbante;
Com alto o escudo e a lança sobraçada
Os cavalleiros, que vingar-se anceiam,
Os fogosos ginetes espoream.

LI.

Como por tempestades accendido
Vai vulcano em hum bosque campeando
Pelo sopro dos ventos impellido
Mil turbilhões de chamas alargando,
E deixa todo o prado guarnecido
De arvores nas raizes fumegando;
Assim os dois rivaes impetuosos
Ardentes partem, rapidos, fogosos.

LII.

Vezes trez a galope despejado
Com as lanças em cheio se encontraram,
E trez vezes de golpe desvairado
Firmes na sella sem desar ficaram;
Arrancam outro encontro exasperado,
E a hum tempo pela sella resvalaram;
E no estrondo das armas pareciam
Duas torres que par a par cahiam!

LIII.

Erguem-se como a fabula nos pinta
Antheo quando tocava a madre Terra;
A espada arrancam rapidos da cinta,
Por que ambos elles mestres sam de guerra.
O pejo de cahirem lhes requinta
A ardente furia que seu peito encerra;
Por arnezes e escudos ferem logo,
E erguem faiscas de lusente fogo.

LIV.

Olderico a Ramiro hum talho atira,
Que, por elle no escudo reparado,
Com o elmo lho juntou e se retira
Dando traspés có impulso desvairado:
A postura cobrou, e ardendo em ira
De ponta o peito lhe deixou varado.
Si do golpe levar se não deixasse,
Olderico talvez ali findasse.

LV.

Ao sentir-se ferido os dentes range,
Com o contrario impetuoso avança,
E do braçal com o afiado alfange
Quanta porção colheu á terra lança.
No elmo corta das plumas a phalange,
Por que em falso do escudo o imigo alcança,
A espada, ao hombro vem, que decepara
Si ali armas tão finas não achara.

LVI.

Quantas vezes as laminas encruzam !
Quantas vezes no escudo os golpes soam !
De tanta furia em se ferirem usam,
Que as armas cortam, carnes se magoam!
O mais leve descanso ambos recuzam,
Cortadas plumas pelos ares vôam,
As trilices lorigas se desmalham,
Rachas de escudos toda a terra coalham.

LVII.

Olderico he mais forte e mais membrudo,
Tem Ramiro mais arte e ligeireza;
Furta-lhe o corpo, ou no lusente escudo
Rebate de seus botes a braveza.
Empenhando da esgrima o dextro estudo
Entra opportuno, para com destreza,
Em huma parte de ferir indica,
E prompto a outra parte a espada applica.

LVIII.

Qual no campo o molosso audaz e ardente
Nos preceitos da caça doutrinado,
Assalta hum javali de corpo ingente,
Forte o commette, o evita simulado,
E ousa assanha-lo com cortante dente
Certo de seu furor deixar burlado,
Tal Ramiro ao contrario accommetia
Ajudando com arte a valentia.

LIX.

Huma hora passou, não se descobre
A vantagem menor de parte a parte;
As armas de hum e de outro o sangue cobre,
Tão por igual o damno se reparte.
Parece que os alentos lhe redobre
Descendido do Olympo o proprio Marte,
Pasmam quanto ha hi espectadores
Do assombroso valor de seus senhores.

LX.

Taes, nas lysirias que fecunda e lava
O aureo Tejo, dois touros iracundos
Que do cio o calor inflamma e trava
Se accomettem bramindo furibundos;
O apressurado pé a terra escava,
Echo os golpes, nos vales, dam profundos,
Lançam das ventas fumo, espirra o sangüe
Rasgando espadua e peito, e nenhum langue.

LXI.

Taes das lobregas furnas, mansão sua
Sahem bramindo os euros desprendidos,
E nos valles com furia, e sanha crua
Vem pugnar huns com outros insofridos;
Cobrem de espesso pó a face á lua
Com turbilhões por elles revolvidos
Trõam os echos, as florestas rugem,
E ao longe as ondas do alto mar remugem!

LXII.

A hum tempo no escudo se feriram,
E as cabeças nos peitos inclinaram,
Das laminas fagulhas lhe sahiram,
E có a pancada os montes retumbaram;
Outra vez iguaes golpes repetiram,
E ambos desaccordados recuaram,
Cobram o accordo, e de Olderico a espada
Huma ilharga ao rival deixou rasgada.

LXIII.

Ramiro ardendo em cholera, e despeito,
A fulminante espada levantando,
Do escudo hum lado lhe deixou desfeito,
E pelo arnez abaixo vai cortando.
Mortal ferida lhe deixou no peito
E com duas pontadas segundando
De si diante o leva espavorido,
Ardendo em sanha, em sangue seu tingido.

LXIV.

Nas forças suas o barão fiado,
Largando o que do escudo lhe ficava,
E na corrente o sabre pendurado
Trava o contrario, a que hum revez falhava.
Luctando com furor desesperado,
Derribar hum ao outro procurava.
Ferem-se cós punhaes, os braços soltam,
E có as espadas á peleja voltam.

LXV.

Olderico ás mãos ambas toma a espada,
E a ferir o contrario se arremessa,
Como Alecto de viboras toucada,
Quando o inferno das fauces a arrebeça.
Ramiro porque evite a cutilada,
Có broquel se cobriu com tento e pressa,
Desceu a espada, e golpe tal desfeixa
Que mais que a embraçadura lhe não deixa.

LXVI.

Deu-lhe outro sobre o elmo em descoberto
E o giolho a fincar no chão o obriga,
O ceo de labaredas viu coberto,
Crê que o som de mil sinos o persiga.
Ramiro em todo o risco vivo, e esperto
Por que a postura recobrar consiga,
Com hum revez o affasta, que, rasgado
O fraldão, deixa hum femur golpeado.

LXVII.

Ei-lo em pé, e abrasado em sanha pura
Ao peito do barão dirige a espada,
Huma do arnez encontra escotadura,
Sáe de outro lado a ponta ensanguentada.
Cobre-lhe logo os olhos sombra escura,
E de Ramiro a dextra afortunada
Hindo a tirar o ferro da ferida,
Sahiu por ella de Olderico a vida.

LXVIII.

Como cedro elevado, ou roble annoso,
Que desarreiga vendaval violento,
Das armas com fragor estrepitoso,
Cahiu o morto heroe no chão sanguento.
Desenlaça-lhe o elmo pressuroso
O vencedor com deshumano intento,
E, cortada a cabeça, aos seus concede
O tronco, que avarenta a terra pede.

LXIX.

Com gritos de triumpho e de alegria
Soldados de Ramiro o ar coalhavam;
Os de Olderico, em pranto e agonia,
Em funeral as lanças inclinavam.
Ramiro ovante ao seu corsel subia,
N'hum escudo Olderico os seus levavam,
Os sinos dobram, os clarins resoam,
Hymnos e neinas par a par se entoam.

LXX.

« Com o myrto enlaçai rosa fragrante
» N'huma grinalda de virente louro,
» Para a fronte adornar do fino amante,
» Que da amada vingar soube o desdouro!
» Cantem bardos em lyra altisonante.
» O valente Ramiro, o heroe do Douro,
» O nobre filho da immortal victoria
» Hum tyranno matou: que maior gloria?

LXXI.

— » De Gaia o astro se eclypsou!... Choremos
— » O alto heroe que á victoria nos guiava!
— » Nunca mais a seu mando assaltaremos
— » A torpe gente de Mafoma escrava!
— » Nelle hum senhor magnanimo perdemos,
— » O seu escudo a todos amparava,
— » De seu astro eclypsou-se a luz tão pura,
— » Que vai da gloria a estrada á sepultura! »

LXXII.

A par de hum prazer dondo hum dó profundo!...
Junto a quem ri, quem lagrymas derrama!...
Eis o painel que nos presenta o mundo,
A quem dos mundos o melhor se chama!
Muita vez indaguei meditabundo
Em que se funda quem assim o acclama,
E quazi cri que Deos o crearia
Para alvergar loucura e tyrannia!

LXXIII.

Razão ao Indio dou que julga a terra
Hum dos muitos infernos que passando
Vai a alma criminosa, que desterra
Deos de si, os delictos seus purgando.
Tudo he desgraça, quanto o orbe encerra;
Viver he de continuo estar penando;
Tudo quanto se approva nos opprime,
O que he prazer he quazi sempre hum crime!

LXXIV.

Si ao mortal mais feliz e afortunado,
No instante d'encetar sua existencia,
Para prever o que lhe está marcado,
Deos quizesse outhogar-lhe a presciencia;
Certo estou que de susto horrorisado,
Inclinando-se humilde á summa essencia,
Com clamores, com pranto pediria
Para o nada volver d'onde sahia.

LXXV.

Que vive o que viveu mais larga vida,
Quando da infancia os annos descontamos?
A parte que no somno he consumida?
A em que no enfermo leito suspiramos?
Juntai-lhe o tempo do trabalho, e lida,
A velhice em que apenas vegetamos:
Que espaço ao prazer fica?... e quem não sabe
Que a esse só de vida o nome cabe?...

LXXVI.

No meio de oppressões da tyrannia,
Dos males que provem da natureza,
Dos que produz a nossa phantasia,
Dos que causam perfidias da belleza,
De longa enfermidade na agonia,
Entre as garras adunças da pobreza
Quem o homem sustenta?... Huma esperança
De melhor sorte que jamais alcança.

LXXVII.

He noite! quem hi tacito caminha
Por esse claustro a passo vagoroso,
Guiado da luz tremula e mesquinha
De alampada suspensa ao tecto umbroso?...
Contemplei-o outra vez, e vi que vinha
Embuçado em hum manto luctuoso,
E que pendente á esquerda mão levava
Triste objecto que horror e dó cauzava!

LXXVIII.

Debaixo de seus pés as campas soam,
Com som medonho em vão! vai elle avante,
Debalde os ventos pelas grades zoam
Das janellas com sopro sibilante!
Debalde mochos, noctibós revoam
No alto piando! como sombra errante
Chega, e entra em cappella respeitada,
Sempre de dia e noite illuminada.

LXXIX.

A alta, elegante abobada do tecto
Em gothicas arcadas descansava,
Que embeleceu o genio do archyteto
Com cinzel de esculptores que empregava.
Tudo ali mudo jaz como ao quieto
Domicilio dos mortos se ajustava;
E em paineis reviver faz a figura
Dos santos de Cister douta pintura.

LXXX.

De hum lado e de outro lado a guarneciam
Magnificos sepulchros adornados
De escudos, que o solar ennobreciam
Dos senhores de Gaia respeitados.
Epitafios nas lapidas diziam
Nomes dos que ali dormem sepultados.
Foi lendo, athe que hum diz : « A nobre, a bella
» Clotilde jaz aqui ; rogai por ella. »

LXXXI.

A bella e a nobre diz, porque a vaidade
Dos grandes nem na campa os desampara,
E em cinzas inda insulta a humanidade
Esse orgulho que em vida a despresara.
A nobreza aos umbraes da eternidade
Leva os titulos vãos que alardeara,
E o sabio ri!... que essa inchação altiva
De hum vil bandido ás vezes se deriva!

LXXXII.

Mas o que he isso que nobreza chamam
Si os homens de hum so tronco o ser tiraram?
Esses que a primazia assim reclamam,
Pelo sangue dos mais não se estremaram.
Tem mais honra ou virtude?... não, que infamam
Quasi sempre os avós que os illustraram!...
Mais genio? mais saber? não : a gabada
Grandeza he logo orgulho vão, mais nada.

LXXXIII.

Ali então devoto ajoelhando,
Inclinada a cabeça, as mãos erguidas,
Com fervor longo espaço fica orando
Com preces pelo pranto interrompidas.
Ergue-se então, e ao tumulo chegando
Em suas grades de ouro guarnecidas,
A de Olderico livida cabeça
Deixa pendente, e isto a dizer começa :

LXXIV.

« Franquea por piedade, ó pedra dura,
» O teu frigido seio que encerrado
» Tem o espolio daquella formosura
» De quem fui, por seu mal, amante e amado!
» Deixa que minha tão leal ternura
» Contemple inda seu rosto descorado!
» Cubra de ardentes bejos a mão fria
» De que outrora meu fado dependia.

LXXXV.

» E tu, formoso espirito, que brilhas,
» Nova estrella, nos ceos com luz radiante,
» Si da etherea planice, que ora trilhas,
» Inda recordas o lealdoso amante;
» Si estas lagrimas vêz da magoa filhas,
» Com meigo riso e placido semblante,
» Do que eu cumpri, solemne juramento,
» Acceita, oh bella, este tropheo cruento.

LXXXVI.

« Do cruel que te deu morte affrontosa,
» Depois de haver-te amargurado a vida,
» Te vingou minha dextra valerosa,
» Não sem custo de innumera ferida:
» Sim, muitas vezes sua espada irosa
» Foi neste corpo em sangue meu tingida,
» Mas venci porque amor me avigorava,
» E justa pena ao barbaro ordenava!

LXXXVII.

» No mais fundo do inferno desterrada,
» Na violencia da chama, que a devora,
» Huma vida de crimes maculada
» Sua alma furibunda expiá agora.
» Por que te quiz com honra sepultada,
» Não mandou minha furia vingadora,
» Que insepultos os restos seus ficassem
» Pasto a abutres, e cães que os devorassem.

LXXXVIII.

» E si acaso he verdade que a vingança
» He o unico prazer aos mortos dado,
» Espirito gentil, folga e descansa
» Vendo do monstro o sangue derramado.
» Mas ai! de quem perdeu toda esperança
» De inda ser algum dia afortunado!
» Em vida me sustinham teus amores,
» Que me resta?... saudade e dissabores.

LXXXIX.

» Saudade, dissabores, magoa crua,
» Que jamais me permitte estar contente,
» E o continuo remorso, que me argua
» De te a morte cauzar barbaramente.
» Mas que digo? esperar que a dor conclua
» Importuna existencia? Eu! que vilmente
» Me risigne a viver nas duras penas
» A que com tua ausencia me condemnas?

XC.

» Não! não! qual geme a rola em soledade,
» Ando em mundo deserto pranteando,
» E a ventura no umbral da eternidade
» Sorrindo a par de ti me está chamando!...
» Porque heide usar comigo a crueldade
» De estar os meus tormentos prolongando?
» Não, oh Clotilde, em teu marmoreo abrigo
» Ja deixo o corpo, e vou-me unir comtigo! »

XCI.

Fallando assim, frenetico arrojava
Por terra o manto, e rubra aljuba abrindo,
Romper as ligaduras procurava,
Porque a vida com o sangue va fugindo.
Porem subito e attonito parava
Meiga e suave voz chama-lo ouvindo,
Treme a cappella, e aos olhos do mancebo
Brilha clarão, que eclypsa a luz de Phebo.

XCII.

Como aureola, que italos pintores
De hum sancto emtorno a fronte descriviam,
Espadanas de ardentes resplandores
Da dama pelo tumulo rompiam!
Os seus brilhantes tremulos fulgores
Pelos gothicos arcos se perdiam,
Abre-se a campa, e vulto fulguroso
Delle em cima ondeava magestoso.

XCIII.

Qual hum anjo que em tempos primitivos
Com messagem dos ceos á terra vinha,
Esse corpo de lumes sensitivos
Sem que toque no chão pelo ar caminha.
Não podem, que os luzeiros sam mui vivos,
Os olhos distinguir que feições tinha,
Mas pela voz Ramiro reconhece
Que lhe falla Clotilde e lhe apparece.

XCIV.

Sua voz ja tão cheia de doçura,
Mais meiga e mais harmonica ressoa,
Enleva ouvi-la!... e com maior brandura
No coração que enfeitiçava, echôa!...
Ondea em torno a angelica figura
Huma nuvem de aromas, que povoa
O ambiente inteiro da funerea estancia,
E indicios dá de celestial fragrancia!

XCV.

De tanta luz Ramiro deslumbrado
Do tumulo nas grades se reclina,
E n'hum extasi ardente arrebatado
Crêu-se do empyrio na mansão divina!
Hum tanto se recobra, e perturbado
Quer fallar, e com vozes não atina.
Ao lucido phantasma as mãos erguia,
Que assim com tom solemne lhe dizia:

XCVI.

« Que insano frenesi, louca impaciencia
« Te impelliu, generoso cavalleiro,
» Antes que o demarcasse a Providencia
» A procurar teu termo derradeiro?
» Sabe que do suicidio a atroz violencia
» Alto aborrece o numen justiceiro;
» Pois quem frustra só a morte a sua estrella
» De Deos contra os decretos se rebella.

XCVII.

» Unico crime este he que commettido
» Não nos deixa esperança de remedio;
» Pois entre elle, e o juizo tão temido
» Não acha a contricção leve intermedio
» He so de animo timido, abatido
» Na desgraça, tomar a vida em tedio.
» Vive; Deos, para acções de fama e gloria,
» Manda que existas!... Tem de mim memoria!

XCVIII.

» Como eu se chame, a que te alcançe esposa,
» E seja igual a mim na formosura;
» Pois não pode a que for tão venturosa
» Igualar-me no excesso da ternura.
» Si prole feminil te der formosa,
» Em a educar todo o desvello apura;
» Porque não lhe prepares igual sorte,
» Exemplo toma em minha infausta morte.

XCIX.

» Esse objecto de horor ao monumento
» Restitue, em que o tronco jazer deve,
» Pois, no mundo em que estou, ressentimento
» Não ha, que em contempla-lo a vista ceve. »
Disse, e a luz recolhendo em hum momento
A seus olhos fugiu ligeira e leve,
Treme a cappella, o tumulo fechou-se,
Ramiro cobre o manto, e retirou-se.

A NOITE FELIZ.

POEMETO.

Ah! que ja chega Marcia, socegai-vos,
Meus cansados dezejos;
Socegai, esperanças que eu ja vejo
Nascer o meu bom dia.

GARÇÃO.

Cinco mil outo centos annuos giros
Com mais dez perfizera o rey dos astros,
Desque o mundo do nada rebentara
A voz do Creador! e julho ardente
De seu estadio ao termo se appressava.
Tinha da hermida proxima o relogio
Meia noite soado! o salão treme
Com compassado pé de alegre baile,
E pelo ôcco dos tectos ressoavam
Canoros sons da orchestra que influiam
Vivo ardor na dansante juventude.
Quantas vezes ali formosa dama
Estremeceu, corou, porque apertara
Ao formar a cadeia a mão do amante!
E outra alegre sorriu porque elle ousado
Palpar-lhe soube no veloz volteio,
Semque alguem veja, o seio que palpita!
Nem falta quem ligeira ao passar colha
Amoroso bilhete, expressão meiga!

Em quanto ao longe as mais que nada observam
Murmuram recordando antigos tempos.
Nada aos furtos de amor se molda tanto
Como de hum baile a comfuzão! De certo
Foi da dansa inventor o deos de Gnido,
Que ali tem seu imperio, e largo ensejo
De conseguir innumeros triumphos.

Fica proxima alcova, que illumina
Escassa, tibia luz, que á salla envia,
Pelas vidraças que as cortinas cobrem,
Ali Silvio sósinho se recosta,
E mudo e melancholico dá rèdeas
A mil vagos dezejos, mil chymeras,
Em que a imaginação se lhe extravia.
Não escuta o rumor do alegre baile,
Nem da musica as gratas consonancias,
Nem seus olhos attentam destrahidos
Na scena pictoresca, extravagante,
Que por todas as partes o rodea.

Aqui sobre bahus juntam-se á tea
Elegantes chapeos de palha ou seda,
Que enfestam laços, rendas, varias plumas
Apuro de modistas! la sem ordem
Estam chales, romeiras, mantas, lenços,
Bolsas, leques, que ha pouco, quando entraram,
As lindas dansadoras adornavam.
Surgem em montes caixas de instrumentos,
E as paredes da camara adereçam
Denegridos paineis em que esboçara
Mui grosseiro pincel ignotos santos.
Sobre a cama tombado jaz hum elmo

Entre papeis de solfa, e desdobrado
Grego vestido, que despira Silvio,
Com que elle e amigos seus ha poucas horas
Em cazerio theatro entrou n'um drama!
Tal mistura de objectos desvairados
A desordem do quarto, a luz tam debil
Visos mostravam dos burlescos quadros,
Com que o pincel flamengo ás vezes brinca.
Silvio delle cercado o não contempla;
Mas porque assim dos outros se desvia,
E busca a solidão? que pensa o joven?
Tinha na terna Marcia o pensamento,
Marcia, que ha mezes desvelado adora
Com todo quanto ardor cabe no peito
De vate que encetara o lustro quinto.
Não tinha Marcia a desnevada alvura
Das filhas d'Albion, nem lhe ondeavam
Pelo colo de neve aureas madeixas,
Nem seus olhos o azul dos ceos copiam.
Sangue ardente, abundante, lhe tingira
A assetinada têz da cor chistosa,
Que das nymphas da Iberia as faces cora;
Cor que Ovidio chamou apta aos amores,
Cor que revela do prazer o instincto,
E hum igneo coração, volupia todo.
Negros tem como o ebano os cabelos,
Que em longa, farta transa aos pes lhe desce;
Seus pardos olhos como estrellas brilham,
E quando meiga os volve, encantam tudo,
Seu espirito enleva! os seios da alma
Sua harmonica voz penetra, e move!
O seu talhe elegante imita o myrto
Que airoso se ergue no jardim de Venus!

Silvio apenas a viu, amou-a; e Marcia
Subito pressentiu presente o homem
Que para a dominar guardava o fado.
Corou, tremeu, e suspirou! e os olhos
De ambos continuamente se procuram.
Nunca se haviam visto, e qualquer delles
De ha muito o outro conhecer parece,
Que sua voz mil vezes escutara;
Mão occulta hum ao outro conduzia.
Sempre para fallar-se objecto sobra,
E sem se procurar se encontram juntos.
Falta em caza de Marcia hum dia Silvio?
Marcia inquieta se entristece e geme.
Perguntam-lhe a razão que a des-socega,
E ella diz que não sabe a dor que a punge.
Si de a Marcia fallar huma vez deixa,
Silvio longo, enfadonho encontra o dia,
Suspira melancholico, e não pode
Conciliar o somno a noite inteira.
« Amo-te » vezes mil dizer quizeram,
E nunca de o dizer tiveram força.
Mas hum beijo, huma noite, a escuras dado,
Em momento feliz, applanou tudo.
Desde então cada dia enternecida
Marcia do amante suspirava em braços,
E có elle ardentes osculos confunde.
Sempre novos favores Silvio alcança,
Mas amor he qual fogo que mais cresce
Si mais materia abrange, e em seu conceito
Sem tudo conseguir nada consegue!
Silvio com preces cada vez mais vivas
Insta, roga, supplica a terna amante
Porque a virginea flor colher lhe deixe,

Objecto de seus fervidos dezeos.
Da paixão transportada a terna Marcia,
« Colhe-a, » mil vezes quiz dizer-lhe, « he tua
» Para ti a guardei por lustros quatro. »
Mas importuno pejo a voz lhe embarga;
Fugia, mas apenas so se encontra,
Devorada de amor lagrimas verte,
Maldiz a timidez que a voz lhe prende,
E o amante maldiz, que melindroso
Não ousa de empregar doce violencia,
Roubar o que ella nega, e dar quizera,
Eapoz pedir perdão do seu triumpho.
Tal da mulher o genio, que prefere
Ceder á força a consentir, cobrindo
Sua fraqueza com a audacia alheia.
Castas não sam, mas parece-lo anhelam,
E a hum simulacro vão, a hum vão capricho
Sentimentos, dezejos sacrificam,
E anciando prazer, definham, morrem.
Qual gentil planta em arido terreno,
Ou em tribada ardencia-se abandonam
Ao torpe affecto que natura illude.
Silvio em tanto que minam seus dezejos
De insensivel a amante injusto accusa,
E chega a recear que novo objecto
Lhe roube hum coração que todo he delle!
Não encontra descanso; em toda a parte
O accompanha de Marcia a imagem linda:
Si adormece, ella em sonhos lhe apparece
Seminua, sorrindo, e delle aos olhos
Todos os seus encantos offereçe.
Arroja-se frenetico a seus braços,
Com famulentos beijos a devora....

Desperta, e o sonho amaldiçoa irado
Que o fogo em que se abraza mais lhe accende.
Agora na soidão de Silvio á idea
Com todos seus prestigios se appresenta
A seductora Marcia! elle abrazado
Em vivo, intenso fogo, assim fallava:
« Que occasião propicia! si ella amasse
» Com tanto ardor como eu, aproveitando
» Do baile a embriaguez que a todos cega,
» Aqui não pressentida accodiria
» A saciar de amor a sede ardente!... »
Nisto subito o quarto se illumina,
E hum minino gentil lhe está diante.
Pende-lhe aos hombros o carcaz dourado,
E hum arco de marfim na dextra empunha.
Era Amor, que lhe diz com meigo riso:
» Vate, de ha muito o canto teu e a lyra
» Tens fiel consagrado á gloria minha.
» Não tens dado teu culto a hum nume ingrato.
» Eu venho dar remedio ás magoas tuas,
» E de seres feliz mostrar-te a estrada.
» De insensivel, de ingrata a Marcia accuzas,
» E Marcia de paixão delira e arde,
» E inda mais do que tu colher dezeja
» O pomo do prazer, e o pejo o veda.
» Sempre com ella estou; na surda noite
» Quantas vezes insomne revolvendo
» No brando leito o seu formoso corpo,
» Da paixão no delirio em ti pensando,
« Deste modo se exprime entre suspiros:
— » Quanto Silvio me agrada, e quanto o amo!
— » Entre tantos mancebos hum não vejo
— » Que em merito com elle se compare!

— » Hum certo não sei que dos mais o extrema,
— » Hum certo não sei que, que me enfeitiça,
— » Que não sei explicar, mas que bem sinto!
— » Não posso duvidar que elle me adora:
— » Seus olhos, gestos, voz, tudo o confirma;
— » He claro que no amor será constante!...
— » Por entrar nos meus braços endoidece!
— » E eu ingrata resisto ás preces suas!...
— » Eu que de amor deliro e desfaleço!—
— » Que mais do que elle, o que elle quer suspiro!
— » Que morro si goza-lo não comsigo!
— » He muito resistir, ceder ja cumpre!
— » Porrem o pejo... e que me importa o pejo?
— » A's preoccupações do vulgo ignaro
— » Devo sacrificar minha ventura?
— » He livre, eu livre sou: para que havemos
— » Contradizer as leys da natureza?
— » Pode ser crime o que natura ordena?
— » Mas si o mundo murmura, os meus se enojam!
— » Não temo: saberei aos meus, e ao mundo
— » Occultar no misterio os meus amores.
— » Oh! si agora podesse arrebata-lo
— » Com magico poder, e aqui traze-lo!
— » Como meiga, amorosa, internecida,
— » Lhe franqueara de meu leito a entrada,
— » Para có elle engolfar-me entre delicias,
— » Que eu não conheço, e que me pinta a idea
— » Mais doces do que o mel, mais requintadas
— » Que as que se gozam na mansão do Olympo. —
» De Marcia o coração ahi tens patente;
» Vate, pende de ti tua ventura.
» Invisivel ao baile eu corro, e a todos
» Fascinando com magico prestigio,

» Marcia conduzo aqui não persentida,
» Ousa tudo com ella, obterás tudo.
» Acredita ao amor; mortal, ou deosa,
» Seja embora Lucrecia, ou Juno, ou Palas,
» Si de hum baile sahindo hallucinado
» O amante a commetter vencida fica.
» Então mais leve o sangue as veias corre,
» Ideas de prazer a mente opprimem,
» O coração inunda-se em volupia,
» Fogo electrico, activo, os membros corre,
» E languidez lasciva os liga todos.
» Na embreaquez, que o cerebro domina,
» Nó comfuso tumulto dos sentidos,
» Como força achará, com que resista
» A' tentativa audaz de amante amado?
» Cede, e a que huma vez cédeo, he sempre tua! »
Disse, e como relampago ligeiro
Subito aos olhos seus desapparece.
« Sonhei? foi illusão? (exclama Silvio)
» O momento chegou de meu triumpho?
» Marcia vem?... Se assim he que me acobarda
» Dos conselhos de Amor levar a effeito?
» Offendo-a? que mulher se offendeu disso?
» O enfado em cazos taes fingido he sempre;
» Pedir depois perdão tudo sanea.
» Chora a bella, lamenta-se, perdoa,
» E o que offensa chamou, repete alegre. »
Nisto escuta, sentindo o leve piso
De delicado pe que a furto avança.
« He ella!... não mentiste, Amor; mil graças!
» Como o meu coração sobresaltado
» Rapido pula, a latejar no peito! »
Marcia apparece então! nunca tão bella,

Tão tentadora a namorada virgem,
Do accezo amante nos olhos se mostrara!
Alvas roupas trajava que contrastam
Com seu negro cabello, que da dansa
Hum tanto descompoz moto violento,
E onde hum cravo fragrancia difundia.
Os seus languidos olhos brando lume
Vibram, d'alma os dezejos indicando,
E debaixo da caça transparente
O lindo seio appressurado arqueja.
De todos os seus membros se exhalava
Huma nuvem de effluvios volupiosos,
Que della em torno ondeando a circumdava
D'amorosa athmosphera, que transmite
Contagioso ardor ao terno amante.
Ja do colo de Silvio pende, e de ambos
Labios se encontram sofregos! O moço
Sente da bella o seio palpitando
Contra o seu coração, que bem responde
Ao magico pulsar!... Extasiado
Có esquerdo braço cinge lhe a cinctura,
E có a dextra atrevida corre e toca
Seus secretos encantos! Estremece
A virgem, que de o ser em breve deixa,
E com tremula voz que mal se escuta:
» Oh! não me faças isso, oh caro amante,
» Pelo Ceo rogo, não me faças isso! »
Diz, mas seus olhos, que lhe volve terna
Com mais viva expressão, mais alto clamam:
» Oh Silvio! oh caro Silvio! ah! não escutes
» Do pudor moribundo a voz fingida!...
» De vergonha morrêra e desespero
» Si attendesses insano hum vão melindre!

» Anhelo mais que tu comtigo unir-me!
» Toda a ti para sempre me abandono!...
» Longe, longe a delonga, que esmoreço,
» E em deliquio de amor me foge a vida. »
Silvio dos olhos seus a phrase entende,
Nos braços a levanta impetuoso,
Sobre o proximo leito a encosta, e logo
Voam veos, voam roupas, e eis patentes
Todas as graças, os encantos todos
Que a Marcia prodigara a natureza!
Que acerbos pomos que o marfim venciam
Na dureza e no lustro, e que rematam
Dois viçosos botões de rnbra rosa,
Que os namorados beijos desafiam!...
Como polido se arredonda o ventre,
Que obra parece de esculptor eximio!
Quam morbidas destacam-se as columnas
Que a Callypigia Venus dam ciume!
E entre ellas (matta espessa e negra o cinge)
Descobrindo-se vai o appetecido
Santuario de prazer! Silvio a tal vista
Delirante de gósto se arremeça,
E ja de Marcia os braços o circumdam
Com tanto apperto, e ancia, que parece
Querer formar com elle hum so composto.
Ja seus labios se encontram, almas de ambos
Rapidas para os labios vam correndo,
E por se confundir anciosas lidam!
Rompem crebros suspiros, meigas fallas,
E nomes mil suavissimos se trocam.
Marcia ri de contente, ou geme e chora
Mais amavel no pranto, si mais vivos
De huma dor que he prazer, os golpes sente.

Essa flor tão mimosa e dezejada
Silvio em fim a colheu!... Ah! que por ella
Sem custo regeitara hum sceptro... he pouco!...
Mesmo o throno de Jove!... ei-los se engolfam
N'hum pelago inefavel de delicias,
E do mundo, de si, se esqueçem ambos.
Tanta doçura, arrobamento tanto
As intimas medulas lhe penetram!
Pouco a pouco os sentidos recobrando,
Hum do outro encantados se contemplam,
Em osculos e affagos se desfazem;
E brota novo ardor, com forças novas
O amoroso combate recomeça,
E mais de hum sacrificio ali recebe
A bella deosa que Lucrecio canta.
Murmura o leito da ventura sua,
E, quando fatigados, mas não fartos,
Pauzam, para fallar deparam vozes.
Quem pode referir seus juramentos
De eterno amor e de constancia eterna,
De prudencia e segredo impenetravel?
E o que he raro inda mais, cumpriram tudo.
Saudosos, e a custo emfim se appartam,
E desde então de Silvio e Marcia os dias
Ledos correram de prazer dourados,
E esta noite feliz volveu mil vezes!

FIM.

SONETOS.

SONETO I.

IMPROVISADO NO MOSTEIRO DE BELEM.

Salve, soberbo, augusto monumento,
Que immortalizas da moderna historia
A epocha maior, pondo em memoria
O luso, aventuroso atrevimento.

Daqui velas largando ao rijo vento
Gama partiu, ancioso de alta gloria,
E no seu trilho a rapida victoria
Transpoz, troando, o tumido elemento.

Novas nações, que o pelago profundo
Occultava com manto nebuloso,
Europa viu, amplificando o mundo.

Tremeu d'Adria o Leão, e o Nilo undoso
Vendo curvarse o Ganges furibundo
Da invicta Lusitania ao rey ditoso.

SONETO II.

Nasce o homem, e a penas tem nascido
Logo depende de ama, ou may que o cria;
E depende, a fallar mal principia
De ser por doutos mestres instruido.

Varão, de ser depende protegido
Por quem opprime, ou rege a monarchia;
Depende quando o sangue se lhe esfria;
De quem seus passos caridoso guia.

Depende quando o empolga a parca dura,
Parar morrer, da medica sciencia;
Para enterrar-se, de coveiro e cura.

Perco, quando em tal penso, a paciencia:
Depender desde o berço á sepultura!
Leve o diabo tanta despendencia!

A OSTRA E OS LITIGANTES.

FABULA.

Contão varios auctores,
O capitulo e pagina da obra
Adevinem os leitores,
Por que ha muito a memoria me não sobra;
Contão que dois tunantes
Não sei si bachareis ou estudantes
De certo *devoristas*,
Andavão á gandaia
De marinhas conquistas;
Quero dizer, pescando: eis que na praia
Hum e mais outro ao mesmo tempo via,
Agarrada a hum rochedo
Huma ostra mui grande e luzidia,
Que sem receio ou mêdo
As valvulas do sol á luz abria.
Quaes galgos açodados,
Correrão a pilha-la azafamados;
E questão eis travada,
A cuja vista he nada
A discussão em cortes de hum projeto
Para varrer d'empregos por decreto
A miguelina casta apadrinhada!
Hum e outro arguem com furor violento,
Com berros, com patadas, murros cento,
Fallas improvisando mais compridas

Que as noites de Lamego,
Ou legoa trasmontana.
« Via a eu!... — Tambem eu, que não sou cego!
» Eu primeiro!... — He mentira!... » Nestas lidas,
Qualquer mais se esganiça, e mais se afana.
Eis que hum Conego chega, homem sisudo
Imagem de Confucio, ou santo Entrudo
Que ali perto o breviario soletrava,
Livro unico que ás vozes folheava:
Hum odre era a barriga,
Muito de vinho amiga,
Forte a voz e mui rouca, que figura
De hum defunto a fallar da sepultura.
Bem que muito ignorante, era velhaco
E alguem dizia descender de Caco.
Bem o caso o mostrou! Chega o padreca,
Ouve o pleito que aos dois os bofes secca;
E vendo que intentavão
Allegar em juizo o seu direito,
Ou senão que ás espadas appellavão:
» Não façaes tal asneira
» He loucura brigar por bagatellas,
» E em demandas entrar, a maior dellas.
» Dama honrada ja foi dona justiça,
» Mas tem-se corrompido de maneira,
» A influxo da cobiça,
» Que a toda a hora deslisa,
» Mais venal que a mais sordida rameira,
» E homem em quem poz mão, deixa em camiza.
» Olhai, eu sou douter,
» Sei direito ás carradas, com lealdade,
» Posso ser entre vos conciliador. »
Acceitão, dão-lhe a ostra os estourados.

Com muita gravidade,
Elle a abriu, a engulíu, poz-se a caminho
Dizendo com ironico rizinho:
« Adeos, tolos; estaes conciliados. »

Desta arte dois politicos partidos
Disputão do interesse dividos,
Sem ver que se levanta
A' surrelfa hum terceiro, que os suplanta;
Que do poder a ostra lhe devora,
Os lança do poleiro e manda embora.

OS BISPOS.

IDYLIO DE GESNER.

Em bosque apanhou d'abetos
O joven Milon hum dia
Ave de formosas plumas,
Da mais formosa harmonia.

Das mãos no concavo a fecha,
Doido de gosto o pastor,
E a conduz onde o seu gado
A' sombra evita o calor.

O seu chapeo de palhinha
Geitoso em terra emborcou,
E ali fechado na copa
O passarinho deixou.

Corre a proximo salgueiro
Flexiveis varas colher,
Para commoda gaiola
Com ellas lhe entretecer.

« Linda avezinha, dizia;
» Quando a tiver acabada
» Nella te metto, e correndo
» Levo-te a Chloe, minha amada.

» Em premio deste presente
» Hum beijo lhe heide rogar.
» Minha pastora tem siso,
» Nisso não hade hesitar.

» Si ella hum beijo me concede,
» Então estou como quero;
» Logo dois e tres lhe roubo,
» E a quatro chegar espero. »

Assim dizendo, de varas
Grosso molho sobraçou,
E foi de carreira ao sitio
Aonde o chapeo deixou.

Que mogoa! hum perfido vento,
Fazendo o chapeo voltar,
Co' passarinho fizera
Tambem os beijos voar.

NOTTAS.

NOTTAS DO ESPECTRO.

CANTO I.

Estancia I, verso 4.

Das epochas feudaes interroguemos
A incerta tradicção, a fama incerta.

Os tempos feudaes sam, para a poesia romantica, o que os tempos mythicos sam para a poesia classica; nos tempos de perfeita e refinada civilisação, desapparece a individualidade, tudo se confunde nas massas, a natureza so apparece mascarada, todos os sentimentos sam debeis e mal pronunciados.

Pelo contrario, nas epochas em que a civilisação nascente vai ganhando terreno sobre a barbaridade moribunda, os homens se destacam das massas, as paixões sam violentas e fogosas, e, juntas com a energia do pensamento, produzem os grandes crimes e as grandes virtudes. He então que apparecem os Hercules e os Theseos, os Orlandos e os Rodomontes. Nesta situação poetica viviam os Gregos do tempo de Homero, os Caledonios do tempo de Ossian, e os Europeos em geral, na epocha que se seguiu a invasão dos Barbaros septentrionaes. He na descripsão destes tempos, destes homens, destes costumes, que triumpha a poesia, e que seus pinceis vivos e brilhantes encontram hum colorido cheio de vida e de variedade.

Estancia IV, verso I.

E tu, que la nessa Pariz famosa,
Soberba capital da Galia opima,
Philosophica vida, e bonançosa,
Campoz vivendo estaz em melhor clima.

Francisco Antonio de Campos, Barão de Villanova de Foscoa.

Estancia V, verso 1.

Entre hum povo Protheo, que a historia mostra
Indole variando a cada instante.

Tudos os escriptores antigos dam testemunho de inconstancia e leviandade dos povos das Gallias, que se haviam tornado proverbiaes; e nisto os Francezes modernos nada tem degenerado dos seus antepassados.

Os Gallos combateram encarniçadamente contra os Romanos, e deram que fazer á Cesar por mais de cinco annos. Mas todo este odio, que parecia ser eterno, acabou pelo mais cego enthusiasmo pelos vencedores, cuja lingoa, costumes e usos abraçaram, e o que he mais, a religião, em menoscabo do druidismo, que veio assim a extinguir-se. Ninguem ignora que ambição puzeram os grandes do paiz em merecerem a graduação de senadores romanos, que com effeito alcansaram no reynado do estupidio Claudio. Esta admissão de estrangeiros barbaros no senado foi huma das causas que mais influiram na degradação e aviltamento do corpo senatorio. Quando se barateam e prostituem as honras, força he que ellas percam todo o seu valor, e influxo na opinião publica.

Estancia V, verso 8.

Hereje, atheo, fanatico e piedoso.

Os Francezes, sempre promptos para abraçar com fervor todas as ideas novas, trocaram o druidismo pela religião dos Romanos, e toda a Gallia se cobriu de templos e delubros; deixa-

ram depois a idolatria pelo christianismo, e correram ao martyrio com hum ardor tal que emriqueceram o martyrologio com hum copioso numero de nomes. Multiplicaram-se depois os mosteiros, e não houve ordem religiosa que não achasse na França hum terreno appropriado para vegetar e prosperar.

Veiu depois a reforma, e Calvino achou entre os Francezes innumeraveis sectarios, que moreram, combateram e sofreram as mais violentas perseguições pela defeza da sua doutrina.

Rompeu a revolução, e houve hum governo que se lembrou, não sei com que fundamento, de descatholisar a França, e os Francezes abraçaram o atheismo com a mesma facilidade com que depois voltaram ao christianismo, quando outro governo se lembrou de manifestar ao mundo que a França cria em Deos.

A sua versatilidade em politica não tem sido menor do que em religião, e a historia de França, que tantos exemplos mostra de servilismo para com os reys, tambem apresenta não poucos delles asassinados.

Quanto ao fanatismo, apezar delles accuzarem disso os peninsulares, e de os motejarem acerbamente, se bem examinamos o cazo, acharemos que elles sam o povo mais fanatico da Europa. Na peninsula nunca houve guerras de religião. He certo que a inquisição queimava judeos e herejes, mas em França, eram queimados pelos parlamentos, o que he mais escandaloso ainda. As cruzadas contra os pobres Albigeros, as dragonadas, o morticinio da noite de S. Bartholomeu, as querellas dos jansenistas e molinistas, as horriveis perseguiçoes, que dellas nasceram, e de que nem as Freyras escaparam, a revogação do edicto de Nantes, que arruinou a industria franceza, e emriqueceu Inglaterra e Hollanda, não succederam para aquem dos Pyreneos. Nunca hum rey hespanhol, mesmo o fanatico e barbaro Fellippe II, carregou hum bacamarte para das janellas do seu palazio atirar aos seus vassallos, que fugiam dos punhaes dos assassinos mandados pelo governo para matar os calvenistas; nunca huma raynhna de Hespanha sahiu de noite do paço accompanhada de suas damas, para hirem á luz de tochas ver o cadaver do herege Coligni pendurado na forca. Finalmente, so na França he que

em nossos dias o fanatismo podia produsir a matança dos protestantes em Urès, Tolosa e Avinhão.

Estancia IV, verso 4.

Ora cavalheiresco, inquieto e bravo,
So combates e gloria respirando,
Ora como Oriental no luxo ignavo
E a volupia seus cultos tributando.

Nenhum povo, que eu saiba reuniu ainda huma paixão tão viva pela gloria militar com tão desemfreado gosto pelos prazeres, espectaculos, e luxo. Esta observação não escapou a Voltaire, como se deprehende destes belos versos da Henriada. O que elle diz dos cortezãos pode applicar-se a nação em geral:

Il le faut avouer, parmi ces courtisans
Que moissonna le fer en la fleur de leurs ans,
Aucun ne fut percé que de coups honorables;
Tous fermes dans leur poste et tous inébranlables,
Ils voyaient devant eux avancer le trépas,
Sans détourner les yeux, sans reculer d'un pas.
Des courtisans français tel est le caractère;
La paix n'amollit point leur valeur ordinaire;
De l'ombre du repos ils volent aux hasards
Vils flatteurs à la cour, héros aux champs de Mars.

VOLT., *Henr.*, ch. III.

Estancia VI, verso 5.

Da liberdade amante, e sempre escravo.

O comentario deste verso esta na historia de França, com especialidade desde o principio da revolução athe ao presente tempo.

Estancia VI, verso 6.

Artes, letras, sciencias cultivando.

A França, que, como bem advertiu La Harpe, foi a ultima na-

ção que entrou no movimento da restauração das letras, entrou no estadio como os deoses de Homero, deu, trez passos, e deixou todas a traz de si. A sua grande illustração e a sua industria a tem tornado objecto de veneração para todos homens que pensam.

Estancia VI, verso 7.

Affavel, hospedeiro, urbano em tudo.

A afabelidade e urbanidade franceza sam proverbiaes; o mesmo era da sua hospitalidade, de que os Francezes blasonavam com tanta razão. O ministerio doutrinario lhes roubou esse brasão nacional. As perseguições e ruins tractamentos que tem feito sofrer aos emigrados polacos para comprazer servilmente com a Santa Aliansa sam hum escandalo para a humanidade, e huma vergonha para a França.

Estancia VIII, verso 2.

Nas longas noites deste frio inverno.

Quando escrevi este verso em dia 2 de janeiro de 1857, appresentava Lisboa hum espectaculo tão brilhante como novo, e quasi affirmarei que nunca teve logar na temperatura desta capital: as ruas, os telhados, e as janellas estavam cobertas em toda a sua estensão com hum linsol de neve de mais de palmo de altura, que resplandecia em o sol, que não podia desfaze-lo; todas as plantas do quintal da caza em que habito ficaram sepultadas no gelo, e as arvores vistas de longe pareciam pyramidas de alabastro; o frio com tudo era menos intenso que nos dias antecedentes. Per cartas de alguns amigos de Trasosmontes me consta que naquella provincia, onde he ordinario nevar, não succedeu assim nesses dias.

Est. IX, v. 1.

Assim narram que Attico captivos.

Depois da funesta derrota sofrida pelos Athenienses na Sicilia,

em que aquella republica perdeu alem de sua armada, athe então a mais florente da Grecia, tambem consequencia disso a preponderancia e influencia, que exercia sobre toda a comfederação hellenica, grande numero de prisioneiros foram conduzidos a Syracusa, e encerrados nas minas e pedreiras que ainda hoje existem. Esses desgraçados no meio de suas prisões e trabalhos se consolavam de sua desgraça cantando e recitando os melhores coros e as scenas mais pathetieas das tragedias de Euripedes; o povo concorria a ouvi-los, e isto lhe grangeou soccoros e protectores. Para alguma couza servem versos!

Est. LIX, v. 1.

Bem como o Klipperspringe a salto e salto.

Especie de gazella ou cabra saltante; he o animal mais agil de todos os da sua especie. Posta-se nos rochedos mais inaccessiveis, e apenas ve algum homem, retira-se logo para os logares que estam mais cercados de precipicios, depois salva de hum salto grandes intervallos, entre rochedo e rochedo, e por cima de horriveis profundidades. Quando os caçadores ou os cães o perseguem, deixa-se cahir sobre picos de rochedos tão pequenos, que parece impossivel como o corpo ali lhe pode caber. Como os caçadores lhe não podem atirar se não muito de longe e se com balla, cahe as vezes ferido no fundo dos precipicios. A sua carne he excellente para comer, o pelo brando (*léger*), pouco adherente, e cahe facilmente em todas as estações. No cabo servem-se delle para fazer colxões, e athe para acolxoar (*piquer*) as saias das mulheres.

O seu tamanho he o da cabra commun, mas tem as pernas muito mais compridas. A cabeça he arrondada, e de cor parda-amarilhada (*gris-jaunâtre*), e com varias riscas pequenas, negras por differentes partes. O focinho, os beiços, e a circumferencia dos olhos, he tudo negro. Na parte anterior de ambos elles tem hum lachrimal (*larmier*) com hum grande orificio de forma oval. As orelhas sam bastante compridas, e ponteagudas; os cornos tem quasi cinco polegadas de comprimento direitos e

lisos na ponta, porem emrugados na base em razão de alguns anneis que ali formem. A femea não tem cornos. O pelo do corpo he de cor aleonáda atirando para amarello (*fauve-jaunâtre*); cada pelo de persi he branco na rais escuro, ou negro no meio, e amarello-pardento (*jaune-grisâtre*) na extremidade. Os pes e as orelhas estam cobertos de pelos esbranquiçados, e a cauda he muito curta. (Buf., *Hist. Nat.*)

Est. LIX, v. 5.

Oh! inda ha pouco, oh misera beldade,
Te circumdava turba adniladora,
E ora pranteas, desfulesces onde
Ninguem te accode, e ao teu gemer responde.

Donec eris felix, multos numerabis amicos;
Tempora si fuerint nubila, solus eris.

Ovid.

Est. XCI, v. 1.

Tu de Rodrigo na trahida amante
Inspiraste o furor desatinado,
Que por vinga-la o Arabe arrogante
Chamou de ferro e de valor armado.

Todas as chronicas hespanholas affirmam que a condeça Florinda, baregãa de Rodrigo, ultimo rey dos Godos, desesperada por este a abandonar para cazar-se com Egilona, por intervenção do conde Julião, seu pay, e do arcebispo Horpas, seu thio, chamou os Arabes á peninsula para vingar-se da perfidia do amante.

He esta huma das muitas mentiras historicas, devida ao dezejo de desculpar os Hespanhoes da vergonha de serem vencidos pelos Mouros, attribuindo o vencimento á traição, assim como a mania de parodiar a Biblia e a historia antiga, accomodando a ella os historiadores de Hespanha os factos que narram, e desfigurando-os com o maravilhoso.

Aqui temos nos huma parodia do roubo de Hellena, e da destruição de Troya.

Os historiadores arabes, que fallam larga e circumstanciadamente da invasão e conquista das Hespanhas, nem huma so palavra, dizem á cerca da tal Florinda, ou *Cava*, como lhe chamaram depois; e este silencio torna na verdade mui suspeitosa a tal novella amorosa. Os Arabes para invadir a peninsula não precisavam de mais estimulo que o zelo de propagar o Alcorão, e ensanchar o seu dominio.

Outra prova não menos equivoca da falsidade desta historia romantica é o não constar nada do fim da condeça, nem do conde Julião, em quem não tornam a fallar as historias.

O que porem consta dos escriptores arabes, e que os Hespanhoes, quasi todos ecclesiasticos, se guardam bem de referir, he que o arcebispo Herpas e todo o clero dos Godos pactisaram com os infieis, persuadiram os povos a obedecer-lhes, e a sugeitar-se ao seu jugo, mediante a garantia dos immensos bens que possuiam. Que tal he o patriotismo e fidelidade do clero!

CANTO II.

Est. VI, v. 1.

Surgin depois na Ionia o douto Homero.

O caracter da poesia de Homero, seu estilo oriental, a diffusão de suas descripções, suas longas e tão multiplicadas comparações, tudo parece indicar que este grande homem nasceu em alguma das colonias gregas da Asia-Menor; e esta suposição passa quazi a certeza, pelo testemunho dos criticos antigos, unanimes em afirmar que os poemas de Homero giraram muito tempo na Asia antes que Lycurgo os collegisse e conduzisse a Grecia.

Est. VI, v. 7.

Cego o fingiram!... Cego bem ser deve
Quem cego crê o que tão bem descreve!

A tradição da cegueira do Homero parece ser huma fabula dos

Gregos semelhante a de ter nascido do rio Melas, de ser criado por huma sacerdotisa de Isis, cujos peitos destilavam mel em lugar de leite, haver roubado os poemas que correm em seu nome á huma mulher de Memphis chamada Φαντασια, isto he *Imaginação*, e as nove rolas, com que huma manhão o acharam brincando no leito, historia que o comentador Eustathio nos refere com huma seriedade que faz rir; todos estas contos dos Gregos, que eram o povo das allegorias, queriam dizer que Homero era hum poeta de grande genio e imaginação, e as seus versos cheios de harmonia e suavidade.

Mas quanto a sua cegueira, si não foi nos ultimos annos de sua vida, altamente he ella desmentida pela escrupulosa fidelidade das suas descripsões locaes, em que não ha nada vago, como nas obras dos poetas cegos de nascensa, ou cegos em tenra edade, que tem florescido na Europa moderna; e alguns delles, como Luiz Gretto com bem merecida reputação. Entre as descripsões de Homero distinguem-se com especialidade as geographicas. Ellas sam tão cheias de exactidão e verdade, que muitos sabios Ingleses (os Ingleses tem pachorra para tudo) que correram com a Iliada e a Odisseia na mão os sitios de que elle falla, verificaram tudo que elle escrevera. Ora, para descrever assim, e em taes tempos, não so he preciso ter vista, mas optima vista, talento observador, e haver viajado muito; accreditar ou affirmar o contrario he preferir o maravilhoso á boa razão.

Est. VII, v. 1.

Logo em Athenas a tragedia altiva
Os mortos sobre a scena revocava,
E os delictos dos reys com cor tao viva
E seu justo castigo figurava.

Na Grecia os espectaculos dramaticos não eram como entre nos huma especulação de interesse particular, mas sim hum instrumento da politica do governo, que dava ao povo estes divertimentos gratuitos a custa dos cofres publicos. Quem examinar com attenção as tragedias gregas que nos restam, facilmente

se convencera de que o fim desses governos republicanos era inspirar ao povo odio e aversão aos monarchas. He por isso que nesses dramas apparecem sempre como altamente criminosos, perseguidos e castigados pelo Ceo, e objecto do odio dos deoses.

No Edipo tyrano ou rey (rey e tyrano sam synonimos na lingua dos Gregos) ainda a couza sobe a mais. Aquelle principe he figurado como o melhor dos homens : bom rey, bom esposo, bom pay; os seus crimes não lhe podem ser imputados, porque não tem nem podia ter conhecimento delles, e apezar disso a vingança dos deoses adeja sobre elle, e, por seu respeito, afflige os povos a mais desoladora peste que lhe despovoa o reyno. Não era isto insinuar que o melhor rey traz comsigo a desgraça e a ruina do povo? Tal he a moralidade de todas as tragedias gregas; e admirara que homens imbuidos nestas ideas contemplassem com couza abominavel o governo de hum so?

Est. VIII, v. 1.

Nasce a comedia, e, com mordaz censura,
Dos cidadaos os vicios repremia,
Bastão de general, magistratura
Ninguem dos seus sarcasmos se eximia.

As unicas comedias que nos restam dos Gregos sam as de Aristophanes, dificeis de entender por certo, mas que pagam bem o trabalho que se tem com isso. Nellas se descobre o mesmo fim e a politica republicana, mas derigida a outro objecto: abater e depreciar por meio de ridiculo tudo que se destinguia não so por poder, mas por virtudes, afim de que nenhum cidadão grangeasse demasiada authoridade e influencia no povo, que podesse abuzar da sua afeição em perjuizo da liberdade. Por este modo se conservava a igualdade; por este motivo, e não por odio, inveja, ou mordacidade insensata, como tem asseverado tantas vezes os que julgam dos antigos pelas nossas preoccupações e costumes, he que Aristophanes, a par do intrigante Cleon, cobre de ridiculo o virtuoso Socrates, e o ingenhoso Euripides.

Hum poeta comico era em Athenas o censor publico, e o

zelador da constituição; dava publicamente o seu parecer nos negocios do estado, sem melindre, nem respeito a ninguem, e isto hera optimo para os Gregos, que prestavam mais attenção aos seus poetas que aos seus oradores. Em quanto a Grecia foi livre, manteve-se este costume; apenas foi escrava, a comedia mudou de tom, e so deu licções indirectas, sem personalidades; e essas mesmas licções foram-se tornando cada vez mais brandas na razão directa dos progressos da servidão.

Nos governos de Europa moderna, que se chamam livres, a censura publica pertence a imprensa periodica; mas com que diferença! a mesma que ha entre a liberdade dos antigos Gregos e o que hoje se chama liberdade.

Est. IX, v. 1.

Certo foi a poesia obra dos numes.
Com ella Orpheo as homens que habitavam
Pelas florestas deu sociaes costumes,
Que sua feroz indole abrandavam.

Silvestres homines sacer interpresque deorum
Cædibus et victu fœdo deterruit Orpheus;
Dictus ob hoc lenire tigres rabidosque leones.

HORAT.

Est. XI, v. 3.

Da Europa o culto filho elle alumia,
E o Indio, que os sertões caçando vaga.

A poesia parece ser natural ao homem em todos estados, visto que esta arte divina não espera pela civilisação antes a precede; e os poetas foram os primeiros sabios, e os legisladores do genero humano. Não ha nação tão barbara que não tenha seus poetas e seus cantores. Entre os Hebreos fazia a poesia parte do culto; o mesmo hera no Egypto e na Grecia. Os nossos Turdulos com versos conservavam a memoria dos seus maiores, e as suas leys; o mesmo acontecia aos Gallos com os seus bardos, de quem cantou assim Lucano na sua Pharsalia:

Vos quoque, qui fortes animas, belloque peremptas,
Versibus in longum, vates, dimittitis ævum,
Plurima secuti fudistis carmina, bardi.

Os Americanos, broncos e ignorantes como sam, celebram em cantigas os bravos das suas tabas; o mesmo se tem observado entre os Tartaros, os Samoïedas, e os negros de Africa. Tambem he de notar que os povos barbaros sam mais sensiveis aos encantos da poesia e da musica que os que se encontram em refinada civilisação. Quereis conhecer sem receio de erro a moralidade de hum povo? vede a estima em que elle tem a poesia e a musica: si as desprezа, si as menoscaba, dai logo esse povo por huma nação corrumpida, affeita, et callejada na escravidão. Recitas a hum homem algum dos melhores trechos de Virgilio, de Camões ou de Tasso; executas diante delle huma aria de Cimarosa, hum concerto de Haydn: si elle a ouvir friamente, se boceja ou adormece, esse homem, não duvideis, he hum perverso ou hum stupido; não sera elle quem emprehenda huma acção heroica, quem enxergue huma lagrima da desventura, ou deixe de executar huma vileza ou hum crime quando nisso emcontre proveito. Não posso abster-me de citar a este respeito huma graciosa strophe de Rousseau:

Dieu bénisse nos dévots!
Leur âme est vraiment loyale;
Mais jadis les grands pivots
De la ligue anti-royale,
Les Lincestres, les Aubris,
Qui contre les deux Henris
Prêchaient tant la populace,
S'occupaient peu des écrits
D'Anacréon et d'Horace.

ROUSSEAU, *Ode à l'abbé Courtin.*

Est. XVII, v. 1.

Aqui se descobria o vulto austero
Do general romano, que iracundo
Ante o seu tribunal chama severo
O filho?...

Manlio Torquato, deixando o exercito para vir a Roma, onde o chamavam negocios importantes, ordenou a seu filho, a quem confiava o commando, que em sua ausencia nem saisse dos Arraiaes, nem combatesse. O filho, achando occasião favoravel, offereceu batalha, e derrotou o inimigo. O pay, tornando ao campo, o processou e condemnou a morte por haver infringido a subordinação. Hoje, huma victoria faria absolver a desobediencia; mas os antigos Romanos julgavam que a ley estava primeiro que tudo. He porque as leyes nos bons tempos da republica romana não eram teias de aranha, que prendem as moscas, deixam passar as vepas.

Est. XVIII, v. 1.

Filhos de Bruto sam, que, porque esmere
A de consul magnanima inteireza,
Accena, e das seguras affiadas
Voam suas cabeças decepadas.

Alusão aquella expressão sublime do Tito Livio, que tantas tem em sua historia romana, *eminente animo patrio inter publicæ penæ ministerium.*

Tomo aqui *patrio* por *patriotico*, e não, com algum, por *paternal*, o que forma hum contrasenso com a situação.

Est. XXI, v. 7.

Nestas figuras que viver parecem,
Fallar, sentir.

Manca il parlar, di vivo altro non chiedi,
Ne manca questo ancor si agli occhi credi.

TASS., *Goffred.*

Est. XXIV, v. 5.

He de Clotilde o pay, que neste dia
O premio de seu erro recebia.

Segundo o padre Loreti, na *Hispania barbara*, cap. XX;

quando algum barão accusava sua esposa no tribunal domestico (*domesticum tribunal*), assestia ao processo seu pay, ou, em falta delle, o parente mais proximo, para a defender, e servir-lhe de curador e advogado. Esta disposição hera de toda a justiça, e faz honra a esses seculos de barbaria.

Est. XXIX, *v.* 1.

Assim presumo em Aulide que outrora
Hera a linda Iphygenia conduzida
Aos altares da deosa caçadora
Pagar com sangue seu de cerva a vida.'

Aulide quo pasto Trivial ad virginis aram
Iphianassai turparunt sanguine dextras
Ductores Danaum.

Est. LIII, *v.* 1.

Huma vara o barão nas mãos tomando,
Quebra-a!

Esta ceremonia de quebrar a vara em caso de sentença de morte, de que faz menção o padre Loreti, persistia athe tempos mui proximos nos conselhos de guerra dos regimentos suissos. Ignoro si ao presente tem cahido em desuso.

Est. LVI, *v.* 1.

Cortar a vida alheia he faculdade
Que o mais vil dos mortaes exerce e goza;
Da-la cabe dos reys a magestade,
E a quem se adorna de indole piedosa.

Il torre altrui la vita
È facolta commune
Al piu vil della terra: il darla è solo
Dei numi et dei regnanti!

METAST.

Est. LXXII, v. 1.

E o ramo, que nos ares esturgia,
Do psalmo penitente assim dizia.

Cuidado com este ramo senhores leitores, não cuidem que he algum daquellas que, postos as portas, dizem mudamente aos caminhantes : *aqui ha bom vinho*.

Chama-se *ramo*, nas cansões, ao que nas odes chamam strophes, e ramo, nos psalmos, a cada divisão dellas.

Est. LXXIII, v. 1.

Pequei contra o senhor, o Deos eterno,
O mal obrando na presença sua,
E eis tremendo ante as portas jaz do inferno
Minha alma de virtude e graça nua :
Dellas a livra, oh redemptor superno,
Pela tua piedade et paixão tua,
Com o hyssopo me asperge, e lava em breve,
Mais pura e alva ficara que a neve.

Tibi soli peccavi, et malum coram te feci. . . . . .
Asperges me hyssopo, et mundabor ; lavabis me, et super nivem dealbabor.
PSAL.

Est. LXXX, v. 5.

Quem nunca emcontrou nelle repentino
Hum sahimento a espaços psalmeando.

Ao enterro em marcha da caza do defunto para a igreja ou cemiterio onde devia depositar-se o corpo, chamam os nossos classicos *sahimento*; como este vocabulo anda hoje quasi fora do uso, julguei que convinha apontar aqui a sua significação.

Est. LXXXV, v. 4.

Que ao po d'onde sahimos nos revoca.

Alusão ao versiculo que a Igreja canta :

Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

Ao que aludia o nosso excellente lyrico Pedro Antonio Correa Garção, quando dizia em huma das suas odes:

Não he preciso que venal propheta
Appoite com o dedo para as cinzas,
Para velhos não ha milhor caveira
Que o vidro de hum espelho.

He o mesmo sentimento que exprime este verso de Horacio:

Pulvis et umbra sumus!

Est. LXXXVII, v. 1.

Que dia infausto soluçando brada.

Os agouros, os dias aziagos, e outras superstições semelhantes, restos mal apagados do paganismo, estavam em toda a sua força e vigor na idade media, e o peior he que a ignorancia das altas familias as conserva ainda hoje. Rara sera a Fidalga que não tenha como os negros de Africa a sua *quizilia*, que não tenha antojo com certas feições, com certos usos, e que não observe certas formalidades, como deveres, apezar de ridiculas, que sam. O vulgo he em géral menos supersticioso e mais razoavel que a nobreza.

Na epocha do cholera-morbus, decediram os facultativos, e julgo que muito mal, que a enfermidade não hera contagiosa. Passaram se logo ordens para se levantarem os cordoes sanitarios; mas essas ordens levavam a clausula de que a nenhum choleriche se consenteria existir a certa distancia em roda do paço! Hum periodico hespanhol, referindo esto facto, accrescenta esta prova que a realeza não quer perder a prerogativa de ser supersticiosa.

CANTO III.

Est. I, v. 8.

Encontra em sua treda formosura
Do ensofre o cheiro, e rispida amargura.

Veja-se sobre o lago Asphaltide, e os pomos que nascem em suas margens o Itinerario de Chateaubriand, e a seguinte descripsão que delles faz no poema dos Martyres.

O val, que abarcam sérras tão esquivas,
He o chão, que o mar deixou, ha longas éras,
Marinhas, secco lodo, areia mobil,
Que inda mostrando esta ondosas rugas.
Longe em longe, emfezado arbusto appenta,
N'um chão mortal, com custo vem tardio,
Do sal, que o nutre, as folhas vem lavadas,
De fumo a casca tem resabio e cheiro,
Villas não vez; vez torres derrocadas.
E ao val retalha um desbotado rio,
Que, como a seu mao grande, ao mar resvala,
Que pestifero o sorve! Não destingues
Qual rumo, no areial, a veia toma.
Por orla tem salgueiros, e tabuas,
Em que se embosca o Arabio, e d'onde espreita
Romeiro, ou viandante, a quem despoje?
. . . . . .
Cimodoce, a quem sede aflige, e abraza
Colhe hum pomo, que imita a cidra de ouro,
Toda cinzas a polpa, amargo o succo.

MART., liv. IX, *traducção de Francisco Manoel.*

Est. IV, v. 5.

Gelido susto o coração lhe opprime,
Respira a custo, o rosto lhe descora.

Pavor tenuit me, et trèmor, et omnia ossa mea perterrita sunt.
E cum spiritus, me presente, transiret, inhorruerunt pili carnis meæ.

JOB, cap. IV.

Est. VII, v. 1.

Dizem que em matos do Brazil habita
Huma cobra de vista imsapadora,
Que, si de longe a presa enfeara, e fita,
A detem, e entorpece, e desvigora.

Si o facto he verídico, a razão delle não pode ser senão o demasiado medo dos animaes, que não ousam desviar della os olhos, para tomarem a fuga, e assim andam dando voltas, athé que, emtontecendo, vam emcandeiados dar nas fauces de seu ennimigo. Si o facto não he verdadeiro, nada prova isso contra a comparação, por que aos poetas basta a tradição ou a fama publica.

Est. VIII, v. 1.

Toda a noite jazeu neste tormento,
Athe que ao despontar da madrugada,
Soou do gallo o canto! Huma movimento
Fez a sombra, e se ergueu sobresaltada.

O canto do gallo (dizem os que tractaram destas materias, porque não faltou gente que escrevesse grossos volumes sobre taes sandices) faz tremer e afugentar os phantasmas, almas de outro mundo, trasgos, doendes, e disolver o *sabbat* das bruxas e nigromantes. Por isso as *Couzas-Mas* apparecem so depois da meia noite, isto he, depois do canto do galo, e vam-se antes de elle cantar pela madrugada. Outros authores so aos gallos pretos concedem esta virtude.

Est. XVI, v. 7.

Julgavam todo o mal bem reparado
Com mosteiro de novo edificado.

Quem vir a multidão de conventos edificados na idade media, as terras e doações com que foram dotados e emriquecidos, julgara facilmente que tudo isso foi obra de terror religioso, e

com tudo foram aquelles tempos os de maiores crimes, e de mais torpe, e vergonhosa despravação de costumes. Mas a verdade he que essas edificações e esmolas foram resultado da perversidade e dos crimes dos homens barbaros e grosseiros dessas epochas. Os nobres roubavam, assassinavam, violavam, roubavam mulheres, cometiam incestos e adulterios; e os frades, abusando da sua ignorancia e fanatismo, lhe propunham como unico meio de expiação o repartir com a igreja, isto he com elles, as suas rapinas, tornando-os assim ricos, opulentos, e grandes senhores.

Si bem examinarmos o caso, acharemos que os reys mais perversos e as raynhas mais dissolutas desses tempos foram quem mais conventos o abbadias fundou, e quem com mão mais rasgada os dotou, bem entendido com os despojos do povo, que he quem sempre paga os desacertos e as prodigalidades dos grandes. He natural que essas profusões lhes não abrissem as portas do ceo, porem ao menos grangearam-lhe o titulo de sanctos e virtuosos nas chronicas monachaes.

Oh cecas hominum mentes, oh pectora ceca!

LUCRET.

Est. XVII, v. 8.

So pode apagar manchas do delicto
Sincera dor e coração contrito.

Sacrificium Deo spiritus contribulatus; cor contritum et humiliatum Deus non despicies. PSAL.

Est. XXXVI, v. 8.

Ao hum morto o promettido,
Quem não cumpre he por elle perseguido.

Tal hera a opinião desses tempos, e ainda existem restos della no respeito e pontualidade com que muita gente cumpre as promessas feitas ás almas do Purgatorio, que, segundo ella affir-

ma, quando as enganam, vam de noite pingar de cera a cama do enganador, puchar-le pelo naris, os pes e os cabellos. Bem sei que isto sam superstições de velhas; mas eu as tenho observado em pessoas que deviam ter juizo bastante para não embobar-se com estas sandices.

M. Santo Domingo, nas suas *Tablettes Napolitaines*, conta muito no largo as superstições e o medo que no reyno de Napoles se tem as almas do Purgatorio. O que per ellas se promete he exactamente cumprido, ainda que o prometidor seja o mais desalmado salteador; o que se pede em nome dellas he logo concedido, por que ninguem quer comprometer-se com taes senho graças, e que castigam em promptidão e vigor.

O mesmo author narra a este respeito huma anecdota bem graciosa: Certo Francez, havendo, per muitos mezes, importunado huma dama para que lhe concedesse os suos favores, e havia baldado com ella toda a arte da seducção, em hum dia, depois de muitas instancias, lembrou-se de lhe pedir *per le anime del Purgatorio*. Então a dama, tomando hum ar serio e recolhido, descorou, e tremeu, e acabou por ceder ao medo das almas do Purgatorio o que tão tenasmente havia defendido contra as instancias do amor.

Est. XLVI, v. 7.

Forte chama, e martella!... Alvoroçados
Accodem cavalleiros e criados.

Na idade media não havia campainhas. Por isso hera costume haver, nos castellos e palacios, sobre as mezas, grandes globos de bronze, e martelos com os quaes, batendo nos sobredictos globos, se conseguia o mesmo que hoje tocando as campainhas. O numero das martelladas indicava a pessoa que se chamava; a maior ou menor força das pancadas, e a preça com que se dava, fazia conhecer a urgencia do chamamento. Quiz consignar aqui esta antiga usança, quasi esquecida, a pezar de haver sido geral na Europa, sendo o pequeno reyno de Navarra o ultimo que descartou delle.

Est. LVIII, v. 1.

Nobre barão, mil vezes assestido
Tenho do passamento a infausta scena.

Passamento, na nossa antiga linguagem, quer dizer *morto*, isto he, a acção de passar desta para outra vida.

CANTO IV.

Est. XVII, v, 1.

Sorriso!.... e que outro do formoso e bello,
Que teus labios, Clotilde em vida ornava.

Va miki! qualis erat, quantum mutatus ab illo
Hectore qui redit exuvias indutus Achillis,
Vel Danaum Phrygios jaculatus puppibus ignes.

VIRG.

Est. XXII, v. 1.

O sol, como hum gigante luminoso,

Exultavit ut gigas ad currendam viam.

Est. XXV, v. 6.

Segundo ha pouco as velas affirmaram.

Velas, em nossa linguagem antiga, queria dizer: *Sentinellas, atalaias.*

» E quando veo o quarto da alva, tempo em que entenderam que as *velas* estavam mais somnolentas.

. . . . . .

» Nisto a rolda, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou per ahi, e lhes fallou. » LIAO, *Chronica de Alfonso Henriquez.*

No poema *D. Branca*, acha se esta palavra na mesma significação:

Volve Dom Nuno o pagem da princeza:
« Certo me espanta este signal estranho,

» Que por *velas* de Mouros o tomara
» N'ontra paragem! »

GARRET, *D. Branco*, cant. *I.*

Est. XXX, v. 1.

Ferve a obra; assim vemos pelo estio
As hostes de formigas negrijante,
Pelos campos soltar-se em negro fio,
E hir devastar as eiras abundantes.
Humas vam conduzindo sem desvio
Os graos roubados, outras vigilantes
Prestam soccorro e auxilio as fatigadas,
E increpam as que emcontram descuidadas.

Ac velut ingentem formicæ farris acervum
Cum populant, hyemis memores tectoque reponunt,
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas,
Contrectant calle angusto: pars grandia tradunt
Obnixæ framenta humeris; pars agmina cogunt,
Castigantque moras; opere omnis semita fervet.

VIRG.

Est. XLIV, v. 3.

Trasei para cobrir o corpo exangue
Negro veo que as walkirias prepararam.

As walkirias, na mythologia celtica, sam servas de Odin, deos da guerra. Seu officio he vagar montadas em rapidissimos cavallos negros pelos campos de batalha, designando os que ali devem morer. Tambem lhe cabe o mister de escolher as almas dos heroes, e conduzi-las ao Wahala, ou paraiso de Odin, onde recebem o premio de suas proezas, em banquetes e festims guerreiros, bebendo hydromel em taças feitas de cranios de vencidos. O nome destas divinidades subalternas significa *escolhedoras de mortos*. Entre as poesias de Gray, hum dos milhores liricos ingleses, ha huma ode traduzida da lingua norrica, em que as walkirias representam hum grande papel.

Ibid., v. 7.

Cahiu, cahindo as armas retumbaram.

Δυπησεν δε πεσον, αρακβησε δε τευχη επ αυτο.

HOMERO.

Nec duplici squama lorica fidelis, et auro
Sustinuit, collapsa ruunt immania membra:
Dat tellus gemitum, et clypeum superintonat ingens.

VIRG.

Est. LXX, v. 8.

Hum tyrano matou: que maior gloria!

Dans les deux camps le bruit en est porté;
Avec transport la foule le répète:
Le jour où meurt un tyran détesté
Pour ses sujets devient un jour de fête.
Son règne seul mit la patrie en deuil;
Avec ses jours les alarmes finissent.

VIRMIAT, *Philippid.*, ch. XXIV.

Est. XCVI, v. 2.

Pois quem frustra co a morte a sua estrella
De Deos contra os decretos se rebella.

Al mundo en que hemos nascido, podemos llegar-le a conocer por la sabiduria, y a despreciar-le por la virtud, pero jamas á perfeccionar-le. Si se presenta ennemigo, defender-se hasta cierto punto; mas alla tollerar-le, este es nuestro dever: pensar de deferente modo es un delirio, que tantas muertes ha ocasionado, y que a tantos ha de llevar al sepulcro. Y vedlos como irán; no heridos por la mano del Dios misericordioso, no: criminalmente assassinados por si mismos: lansando con sus proprias manos el don que dios ha encerrado en seu pecho, escupiendo en cima da llama divina que le mantiene ahogando el soplo del cielo, que le da vida suicidiandose. Y donde estan las leys que la moderna civilisacion opone á esse espantoso crimen? leys!.... Que habeis echo de la moral, hombres del sieglo XIX? qual es vuestra religion? Ya sé la respuesta. Lo que haceis es, rodear con la morteja del olvido el cuerpo del infelis, que muere virtuoso con sus manos tendidas al cielo, con la fé en su corazon, y con la sourisa en sus labios: esto haceis, ingratos, con

este hombre; voamos lo que haceis con el criminal que se suicida. Buscar á costa de mil afanes los mas minociosos promenores de su vida, publicar-los, comentar-los, engalanar-los, presentar-los a la juventud, con los atavios del buen decir, como repetiendole : Este hombre que se ha atravessa doel craneo es un heroe, tiene una grandeza de alma admirabel!.... Imprudentes!

D. Jose Zorrilla.

NOTTAS DO POEMETO.

Verso 1.

Cinco mil outo centos annuos giros,
Com mais dez perfizera o rey dos astros.

Segue-se neste lugar a chronologia biblica, que da ao mundo cinco mil annos de creado.

V. 22.

Nada aos furtos de amor se molda tanto
Como de hum baile a confusão.

As mulheres de todas as classes tem huma paixão decedida pela dansa : he couza de que nunca as veraõ excusar-se como acontece com o cantar, e tanger ; e a razão he sem duvida por que na dansa acontecem as aventuras descriptas nestes versos.

V. 70.

Cor que Ovidio chamou apta aos amores.

Color hic est aptus amori.

Ovid.

V. 337.

Quam morbidas destacam-se as columnas,
Que a Callypigia Venus dam ciume.

Duas donzellas gregas desputavam entre si sobre qual dellas tinha maîs formosas cochas; e para decidir a questão, chamaram hum mancebo, que, examinando as partes do processo, desse a sentença, comforme entendesse. A vencedora fundou hum templo a Venus Callypigia (*Vénus belles fesses*) que teve grande celebridade na Grecia.

V. 367.

A bella deosa que Lucrecio canta.

Eneiadum genitrix, hominum divumque voluptas,
Alma Venus cœli subter labentia signa,
Quæ mare navigerum, quæ terras frugiferentes
Concelebras: per te quoniam genus omne animantum
Concipitur; visitque exortum lumina solis!
Te, Dea, te fugiunt venti, te nubila cœli,
Adventuque tuo, tibi suaveis Dedala tellus
Submittit flores, tibi rident æquora ponti.

V. 389.

E quando fatigados, mas não fartos.

Alusão ao excellente verso do Juvenal a respeito de Messalina, que frequentava de noite os lupanares, e que pinta com sublime energia a lasciva insaciabelidade, e o desemfreado ardor libidinoso da meretrix imperial.

Et lassata viris, necdum satiata, recessit.

JUVENAL.

FIM DAS NOTTAS.

MAPPA

DAS PRINCIPAES ERRATAS DESTA OBRA.

Erros.	*Emendas.*
EPIGRAPHE.	
ed	od
Pag. 6 — linh. 15 PROLOGO.	
deta	desta
Ibid. — linh. ultima	
Hermina	Herminia
Pag. 8 — linh. 15	
reproduzem	reproduz em
Pag. 9 — linh. 28	
della	dellas
Pag. 11 — linh. 9	
thragalo	hagalo
Pag. 15 — vers. 9 ROMANCE.	
gram	grana
Pag. 3 — vers. 3 POEMA.	
fere,	fero
Pag. 5 — vers. 12	
filhinos	filhinhos
Pag. 6 — vers. 13	
Pagem	Pagens
Pag. 7 — vers. 24	
excalá	oxalá
Pag. 9 — vers. 5	
estremosa	extremece
Pag. 12 — vers. 9	
Ramiro, e tardas? não vens?	Ramiro, e tardas? e não vens?
Pag. 15 — vers. 7	
Que he pois hum sonho?... a mente alvorotada;..	Que prova hum sonho?... a mente alvoratada,
De hum mocho o pio? que piou; mais nada....	De hum Mocho o pio?... que piou, mais nada.
Ibid. — vers. 23	
parece	perece
Pag. 16 — vers. 7	
Assim	Alfim
Pag. 36 — vers. 14	
justicia	justiça
Pag. 38 — vers. 18	
Daquella subterranea	Daquelle subterraneo
Ibid. — vers. 23	
desfulesces	desfaleces

Erros.	*Emendas.*
Pag. 43 — vers. 14	
undosa	umbrosa
Pag. 44 — vers. 1	
prazenteira	prasenteira
Pag. 45 — vers. 9	
imaginava	imaginara
Pag. 48 — vers. 6	
exultaste	exaltaste
Pag. 52 — vers. 7	
Que o poder sem lemites nada tema,	Que o poder sem lemites nada teme,
E o povo escravisado sofra e gema.	E o Povo escravisado sofre, e geme.
Pag. 56 — vers. 21	
seus	seis
Pag. 56 — vers. 2	
soara	soava
Pag. 60 — vers. 3	
Rosto	Posto
Pag. 65 — vers. 6	
Do dia á luz, da noite á escuridade	Do dia a luz, da noite a escuridade
Pag. 66 — vers. 1	
de idade	Deidade
Pag. 73 — vers. 14	
Tremeu a terra em seu ethereo assento;	Tremeu a terra: em seu ethereo assento
Pag. 74 — vers. 9	
E fugia	E fugiu
Pag. 93 — vers. 15	
Quem es morte?	Quem hes, morto?
Ibid. — vers. 17	
Morte	Morto
Pag. 94 — vers. 7	
do coração.	da oração
Pag. 98 — vers. 15	
Terei... a dor	Terei... a intensa dor
Pag. 99 — vers. 1	
primeiro	primevo
Pag. 107 — vers. 18	
sopo	sopro
Pag. 117 — vers. 8	
agoa	agora
Pag. 139 — vers. 7	
quanto	quantos
Pag. 146 — vers. 1 POEMETO.	
mais	mãis
Ibid. — vers. 9	
á salla	a salla
Ibid. — vers. 22	
Que enfestam	Que enfeitam
Pag. 149 — vers. 19	
E anciando prazer, definham, morrem	E anciando prazer, definham, morrem
Qual gentil planta em arido terreno,	Qual gentil planta em arido terreno:

Erros.	*Emendas.*
Pag. 152 — vers. 5	
hallucinado	hellucinada
Ibid. — vers. 16	
Cede, e a que huma vez cedeo	Cede, e a que huma vez cede
Pag. 153 — vers. 2	
nos olhos	aos olhos
Pag. 160 — linh. 11	
OS BISPOS	OS BEIJOS.
Pag. 161 — vers. 21	
mogoa	magoa
Pag. 164 — linh. 22 NOTTAS.	
estupidio	estupido
Pag. 165 — linh. 24	
Albigeros	Albigenses
Pag. 178 — linh. 27	
esta	isto
Pag. 165 — linh. 31	
Palazio	Palacio
Pag. 167 — linh. 21	
em o sol,	com o Sol,
Pag. 170 — linh. 16	
pactisaram com os infieis, persuadiram	pactisaram com os infieis persuadirem
Pag. 180 — linh. ultima	
terror	fervor
Pag. 181 — linh. 5	
roubavam mulheres,	raptavam mulheres,
Pag. 182 — linh. 7	
no largo	ao largo
Ibid. — linh. 12	
com taes senho graças,	com taes Senhoras, que não são para graças
Ibid. — linh. 14	
havendo	havia
Ibid. — linh. 15	
suos	seus
Ibid. — linh. 34	
delle	della
Pag. 183 — linh. 4	
morto	morte.
Pag. 184 — linh. 31	
norrica	Norsica.
Pag. 186 — linh. 1	
voamos	veamos

OBRAS IMPRESSAS DO AUTHOR.

O Passeio, Poema descriptivo..... 1 Volume.
Emilia, e Leonido, Poema Romantico em 10 Cantos.. 1 Volume.
Isabel, Poema Romantico em 6 Cantos..... 1 Volume.
O Espectro, Poema Romantico em 4 Cantos ..... 1 Volume.
A Imaginação, Poema de Mr. Delille traduzido em verso Portuguez.....2 Volumes.

Vende-se nas Lojas de Bertrand, João Henriques, Desiderio Marques Leão, e nas mais do costume.